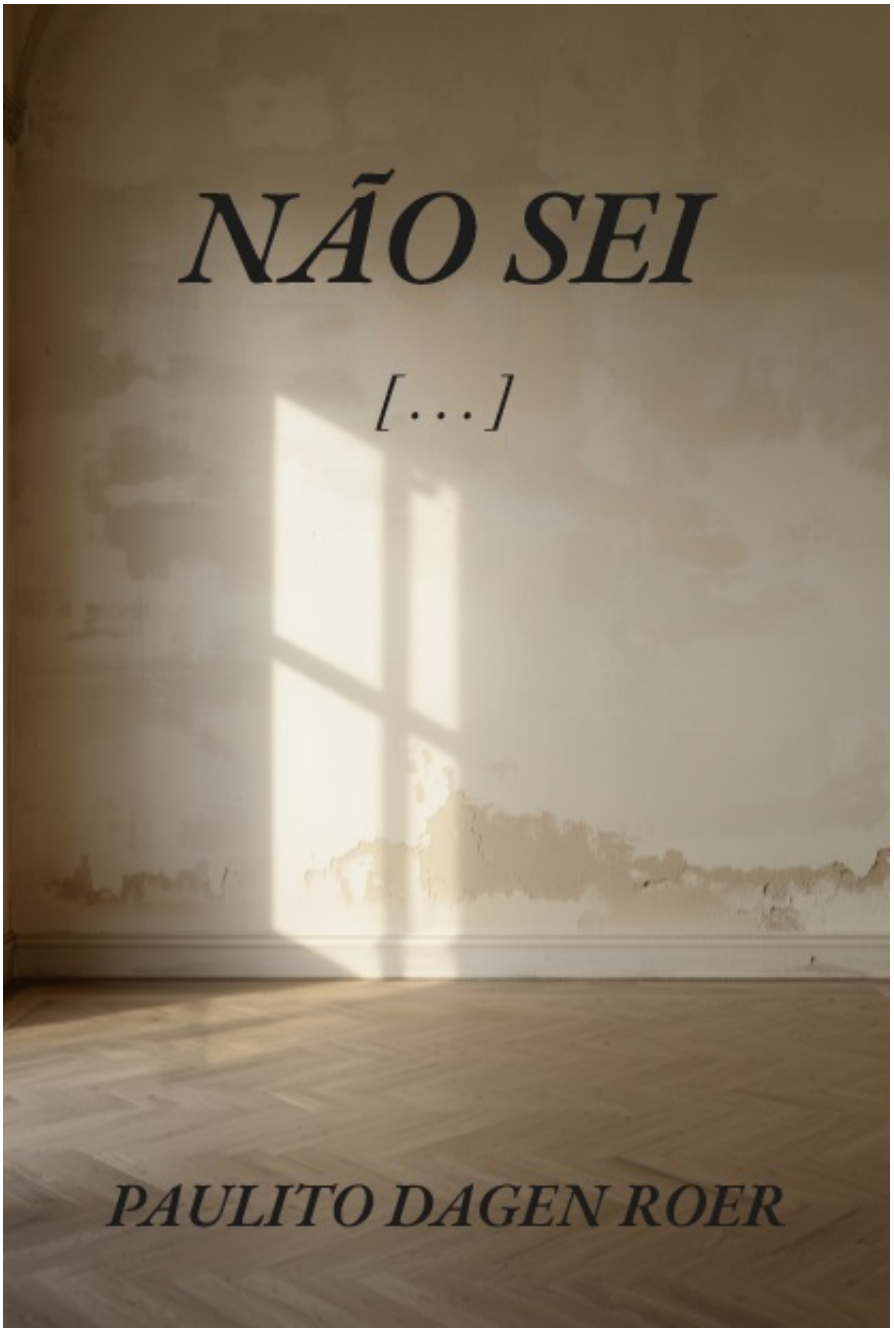

NÃO SEI
[...]
PAULITO DAGEN ROER

[. . .]

NÃO SEI

[...]

Romance

PAULITO DAGEN ROER

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou distribuída, por qualquer meio, sem autorização do autor, ressalvadas as exceções previstas em lei.
© 2026 Paulito Dagen Roer

SUMÁRIO

PARTE I — O AMOR ..... *pág. 1*

PARTE II — A LOUCURA ..... *pág. 81*

PARTE III — LUTO E MELANCOLIA ..... *pág. 437*

EPÍLOGO ..... *pág. 453*

NOTA DO AUTOR ..... *pág. 455*

PARTE I

O AMOR

SONETO I

Não foi você que chegou.

Foi o mundo
que, por um instante,
deixou de esconder você.

Havia luz,
mas não era a luz
que me fez olhar.

Havia gente,
vozes,
um corpo ao lado de outro corpo,
e a manhã continuava
sem saber de nada.

Então vi.

Não você inteira.

Um traço.

E foi esse pouco
que tomou tudo.

Desde então
procuro o que não perdi
e perco o que encontro.

Aproximo-me
para aumentar a distância.

Quanto mais vejo,
menos enxergo.

Talvez o amor seja isso:

uma forma de luz
que, ao dissipar a neblina,
deixa o mundo
cego.

[. . .]

A manhã não tinha nada de extraordinário.

A luz entrava pelas janelas altas e se espalhava sobre os bancos, sobre as paredes claras, sobre os rostos que chegavam

aos poucos. Havia o murmúrio das vozes antes da missa, o movimento discreto das pessoas procurando seus lugares, o ruído quase imperceptível dos passos que logo desapareceriam quando tudo começasse.

Laura estava sentada ao lado do marido.

Foi assim que ele a viu.

Não houve apresentação. Nenhum gesto dirigido a ele. Nenhuma palavra que pudesse ser guardada depois. Ela não sabia que estava sendo observada.

Talvez por isso tenha acontecido.

O olhar encontrou Laura entre tantas outras coisas e, por alguma razão que ele não saberia explicar, demorou-se nela.

Primeiro o rosto.

Depois um detalhe do rosto.

Não saberia dizer qual.

Quando tentou reconstruir o instante, a memória ofereceu a totalidade e escondeu o ponto exato em que tudo

começara.

Ele poderia dizer que foi a boca, mas não teria certeza.

Os olhos, talvez.

A maneira como a cabeça se inclinava ligeiramente.

Ou apenas uma sombra atravessando o rosto quando a luz mudou.

O traço não se deixava separar de Laura.

Era dela e, ao mesmo tempo, parecia existir sozinho.

O que aconteceu depois durou menos que uma respiração.

A luz alcançou o rosto de Laura e, durante alguns segundos, o restante da igreja perdeu nitidez.

Não desapareceu.

Continuou ali.

O marido continuava ao lado dela. As pessoas continuavam sentadas. A missa ainda não havia começado. Uma mulher duas fileiras à frente virou o rosto para falar com alguém. Uma criança se mexeu no banco. O

mundo permaneceu inteiro.

Só o olhar deixou de obedecer.

Ele percebeu o próprio corpo tarde demais.

A mão foi até a cintura, como se procurasse apoio. O tronco se inclinou um pouco para trás. Não era medo. Também não era exatamente surpresa. Era o desconforto de quem percebe que alguma coisa, sem pedir licença, tomou uma parte de sua atenção e não pretende devolvê-la.

Laura não olhou para ele.

Talvez tenha sido melhor assim.

E Laura estava longe.

Não pela distância entre os bancos.

Pelo marido.

Pelo nome.

Pela vida que já existia ao redor dela antes que aquele olhar a encontrasse.

Ele sabia disso.

E talvez tenha sido justamente esse saber que tornou tudo mais grave.

Não havia equívoco possível.

Ela era uma mulher casada.

O impossível não apareceu depois do desejo. Estava sentado ao lado dele.

A missa começou.

As palavras foram pronunciadas.

Ele ouviu algumas, perdeu outras. Tentou devolver a atenção ao altar, mas a atenção já não era inteiramente sua. Voltava a Laura como se tivesse encontrado nela uma espécie de direção anterior à própria vontade.

Não pensou em amor.

Ainda não.

Primeiro, pequenas coisas se alteraram.

Uma atenção.

Uma espera.

Uma preferência.

Um retorno do olhar.

Depois, quando já tomou algum espaço, começa a parecer que sempre esteve ali.

Ele ainda podia ter saído daquela igreja e esquecido tudo.

Era possível.

Uma mulher havia entrado no campo de sua visão. Uma luz havia caído sobre um rosto. Um detalhe qualquer havia produzido alguns segundos de distração.

Nada mais.

O mundo oferecia milhares de acidentes semelhantes.

Quase todos desapareciam.

Aquele não.

Quando voltou a olhar, Laura já não estava exatamente no mesmo lugar em que a havia visto antes.

Não porque tivesse se movido.

Porque agora havia sido vista.

E ser vista, às vezes, modifica secretamente aquilo que é visto.

Ele não sabia ainda que começara a inventá-la.

Sabia apenas que alguma coisa havia acontecido.

Uma coisa pequena.

Quase nada.

[. . .]

Ele não voltou a vê-la naquele dia.

Ou, pelo menos, não a viu como havia visto.

Depois da missa, a igreja se desfez em pequenos movimentos. As pessoas se levantaram, cumprimentaram-se, ajeitaram roupas, procuraram chapéus, bolsas, crianças. A luz havia mudado. Já não havia sobre Laura aquela faixa clara que, por alguns segundos, parecera separá-la do restante.

Ele a procurou sem admitir que procurava.

Primeiro com os olhos.

Depois com uma atenção mais cuidadosa, quase disfarçada.

Nada.

O marido apareceu antes dela, alto, seguro, ocupado com alguma coisa que alguém lhe dizia. Laura veio logo atrás. Passou por ele sem vê-lo.

Foi apenas quando ela desapareceu pela porta que percebeu ter acompanhado seus passos.

Não sabia o que procurava.

Talvez o mesmo rosto.

Talvez o mesmo traço.

Talvez a repetição daquele instante, como se uma coisa acontecida uma vez pudesse ser convocada de volta pela insistência.

Não voltou.

Na rua, a cidade continuava indiferente. As pedras guardavam o calor da manhã. Havia vozes, animais, carruagens, vendedores. O movimento da cidade retomava sua indiferença.

Ele caminhou.

Durante algum tempo, tentou pensar em outras coisas.

Conseguiu.

Depois Laura voltou.

Não como lembrança inteira.

Como detalhe.

Uma inclinação da cabeça. A luz no rosto. A distância entre ela e o marido. A mão que não se moveu. Alguma coisa que ele não sabia nomear e, justamente por não saber nomear, não conseguia abandonar.

Começou então uma tarefa sem perceber que a começava: reconstruir.

Não reconstruía Laura.

Reconstruía o instante em que a havia visto.

A cada tentativa, alguma coisa mudava.

A luz ficava mais forte.

O rosto mais nítido.

A igreja mais silenciosa.

O mundo ao redor, menor.

A memória não conservava. Escolhia. E, ao escolher, inventava.

Naquela noite, ele ainda não sabia o nome dela.

Isso talvez fosse a última forma de liberdade.

No dia seguinte, saberia.

E depois disso o nome passaria a ocupar um lugar que já não seria possível esvaziar.

Laura.

Um nome simples.

Quase leve.

Mas havia nomes que não permaneciam apenas nas coisas. Passavam a ocupar quem os pronunciava.

Ele pronunciou o nome uma única vez.

Baixo.

Como se experimentasse sua existência.

Laura.

E foi nesse momento que o acidente deixou de ser apenas um instante.

Ganhou um nome.

SONETO II

Há um instante em que o mundo se estreita
sem que ninguém perceba a mudança.

Uma voz continua sendo voz,
a luz continua pousando nas coisas,
o tempo continua passando.

Mas alguma coisa escolhe.

E aquilo que escolhe
já não consegue escolher outra vez.

Vi o que não procurava.

Depois procurei
o que havia visto.

Não era o rosto.

Era aquilo que, no rosto,
não pertencia a mais ninguém.

Desde então,
tudo que encontro
parece aproximar-se de você.

E tudo que se aproxima

traz consigo
a distância.

[. . .]

A distância começou antes que ele soubesse que estava distante.

Era uma coisa difícil de localizar. Não estava entre ele e Laura, porque ainda não havia propriamente um entre os dois. Estava talvez entre aquilo que ele havia visto e aquilo que agora tentava recordar.

Na lembrança, Laura se aproximava.

Na realidade, afastava-se.

Ele ainda não percebia a diferença.

Durante os dias seguintes, passou a reconhecê-la antes mesmo de vê-la. Não era possível explicar como. Talvez pelo movimento de alguém que mudava de lugar. Talvez por uma cor, uma voz, uma maneira de atravessar uma sala. Às vezes era apenas a impressão de que ela estava próxima.

Então procurava.

Quando a encontrava, o coração não se acalmava.

A distância aumentava.

Era estranho. A presença deveria diminuir a falta. Com Laura acontecia o contrário. Quanto mais próxima ela parecia, mais evidente se tornava tudo aquilo que os separava.

O marido estava quase sempre por perto.

E havia ainda a delicadeza das convenções, a vida dela, a vida dele, os lugares que pertenciam a cada um, os gestos que não podiam ser confundidos.

Nada disso precisava ser dito.

Estava entre eles antes de qualquer palavra.

Ele começou a perceber que o impossível não era uma barreira colocada diante do desejo.

Era o próprio espaço onde o desejo se mantinha vivo.

Se Laura estivesse ao alcance da mão, talvez alguma coisa se desfizesse.

Mas ela não estava.

E a distância, em vez de apagar o traço, fazia com que ele o procurasse com maior atenção.

Começou a notar pequenas coisas.

O modo como ela segurava um livro.

A demora antes de responder a alguém.

Uma mecha de cabelo que às vezes escapava e era recolocada atrás da orelha sem que ela percebesse.

Nada disso deveria ter importância.

Tinha.

Ele não amava Laura inteira.

Ainda não.

Amava aquilo que nela havia conseguido interromper o resto.

Talvez o amor começasse assim: não pela presença de uma pessoa, mas pela ausência repentina de todas as outras.

E então veio a primeira tentativa de aproximação.

Não uma palavra.

Um acaso.

Ele sabia que era um acaso porque poderia ter escolhido outro caminho.

Escolheu aquele.

Laura estava mais adiante.

Não o viu.

Ele diminuiu o passo.

Por alguns segundos, caminharam na mesma direção, separados por uma distância que parecia ao mesmo tempo pequena demais e impossível de atravessar.

Ele poderia chamá-la.

Não chamou.

Aproximou-se o suficiente para ouvir seus passos.

Depois deixou que ela se afastasse.

Foi então que compreendeu, pela primeira vez, que havia distâncias que não precisavam ser percorridas para produzir um acontecimento.

Bastava desejar atravessá-las.

E ele desejou.

SONETO III

Quis aproximar-me
e foi a distância que veio.

Estendi a mão
para o que não era meu
e encontrei o limite
antes de encontrar você.

Havia um caminho.

Eu o percorri
sem sair do lugar.

Você estava perto
o bastante para ser vista,
longe o bastante
para não ser alcançada.

Talvez fosse isso
que me fazia voltar.

Não a esperança.

A impossibilidade.

Quanto mais impossível,
mais exato o desejo.

Quanto mais exato o desejo,
menos sei
se ainda desejo você
ou a distância

que me separa de você.

[. . .]

Depois disso, começou a inventar encontros.

Não encontros que pudessem ser chamados assim. Apenas coincidências às quais atribuía uma importância que não tinham.

Passava por determinados lugares porque imaginava que Laura poderia estar ali. Sentava-se onde pudesse vê-la sem ser visto. Alongava caminhos que antes eram breves. Chegava mais cedo. Saía mais tarde.

Tudo parecia casual.

Era importante que parecesse.

Havia nisso uma delicadeza que o tranquilizava. Não queria invadir a vida dela. Queria apenas aproximar-se o bastante para que o acaso tivesse uma segunda oportunidade.

Mas o acaso não obedecia.

Alguns dias passavam sem que a visse.

Nesses dias, a ausência não era ainda sofrimento. Era expectativa.

E a expectativa tinha uma qualidade estranha: fazia com que qualquer coisa pudesse trazer Laura de volta.

Uma voz semelhante.

Um perfume.

O movimento de uma mulher ao longe.

Um vestido da mesma cor.

Ele sabia que não era ela e, ainda assim, olhava.

Começava a compreender que o olhar já não procurava Laura apenas onde Laura estava.

Procurava-a onde pudesse haver um traço dela.

Talvez fosse esse o primeiro excesso.

Não precisava mais encontrar a pessoa.

Bastava encontrar alguma coisa que permitisse imaginá-la.

Foi então que percebeu uma mudança em si.

Antes de Laura, as coisas terminavam onde terminavam.

Uma rua era uma rua.

Uma manhã era uma manhã.

Uma mulher era uma mulher.

Agora havia sempre uma segunda possibilidade escondida atrás da primeira.

A rua podia ser o caminho que Laura percorrera.

A manhã podia ser a manhã em que a veria.

Uma mulher podia trazer consigo, por um instante, a curva de um gesto que lhe pertencia.

O mundo começava a adquirir parentescos secretos.

Ele não os procurava.

Eles apareciam.

E quanto mais apareciam, mais difícil ficava distinguir o que vinha de Laura daquilo que vinha dele.

Ainda não chamava isso de loucura. Preferia pensar em atenção. Era uma palavra mais defensável.

Atenção.

Como se prestar atenção fosse uma virtude e não uma forma discreta de perder a liberdade.

Havia, entretanto, uma coisa que o inquietava.

Quando finalmente encontrava Laura, todas aquelas pequenas aproximações perdiam importância.

Ela não correspondia à imagem que havia construído.

Era mais simples.

Menos luminosa.

Mais humana.

E isso deveria tê-lo libertado.

Não libertou.

Ao contrário.

O que nele havia sido despertado pelo traço começava agora a sobreviver à própria presença de Laura.

Ela podia estar diante dele e, ainda assim, alguma coisa continuava procurando.

Não sabia o quê.

Talvez a primeira Laura.

Aquela que existira apenas durante alguns segundos, quando a luz atravessara a igreja e o mundo se dissipara ao redor dela.

Percebeu, então, que havia começado a amar também uma lembrança que ainda não era lembrança.

Uma cena que ainda estava próxima.

Um instante que ainda pertencia ao presente e já começava a ser perdido.

Foi nesse ponto que a distância deixou de ser apenas aquilo que os separava.

Passou a ser aquilo que ele precisava para continuar vendo Laura.

SONETO IV

Você estava perto.

Eu é que já começava
a inventar a distância.

Vi seu rosto
e procurei o que nele faltava.

Ouvi sua voz
e escutei aquilo
que ainda não havia dito.

Era pouco.

Um gesto interrompido,
uma palavra quase esquecida,

a luz demorando-se
onde não devia.

Foi o bastante.

O amor não pede muito
para começar.

Pede um detalhe
que não saiba explicar.

Depois cresce
até ocupar o lugar
daquilo que não conhece.

E quando enfim conhece,
já não sabe
se ama você
ou o que inventou
para poder amá-la.

[. . .]

Ele começou a desconfiar da própria memória.

Não porque esquecesse Laura.

Porque se lembrava demais.

Havia dias em que o rosto dela lhe aparecia com uma nitidez que nenhuma memória deveria possuir. Via a inclinação da cabeça, a maneira como a luz havia tocado sua face, o pequeno movimento da mão. Tudo parecia preservado.

Mas, quando tentava recordar o conjunto, alguma coisa escapava.

Quanto mais examinava o instante, menos tinha certeza de tê-lo visto exatamente assim.

Talvez a luz não tivesse sido tão intensa.

Talvez Laura não tivesse inclinado a cabeça.

Talvez aquele gesto que agora parecia tão importante nem tivesse acontecido.

O que permanecia intacto era a impressão.

O resto mudava.

Ele começou a compreender que a memória não guardava o acontecimento. Guardava aquilo que o acontecimento havia produzido.

E isso o inquietava.

Porque, se fosse verdade, já não sabia onde terminava Laura e onde começava o que ele havia feito dela.

Havia nela um traço que o havia atingido.

Depois vieram outros.

Ou talvez ele os tivesse criado.

Essa dúvida deveria tê-lo feito recuar.

Não recuou.

Ao contrário, passou a observar com mais cuidado.

Queria descobrir o que havia visto naquele primeiro instante.

Como se o presente pudesse devolver a origem.

Mas a origem já não estava lá.

Laura estava diante dele, quando a encontrava. Conversava com outras pessoas, sorria às vezes, parecia distraída. Tinha preocupações que ele desconhecia, hábitos que não conhecia, pensamentos aos quais não teria acesso.

Era uma mulher inteira.

E ele começava a perceber o perigo de amar uma mulher inteira quando aquilo que o havia capturado era apenas um traço.

O restante precisava ser preenchido.

E ele preenchia.

Sem perceber.

Atribuía silêncios a pensamentos.

Pequenos gestos a sentimentos.

Distâncias a recusas.

Aproximações a promessas que nunca haviam sido feitas.

Laura permanecia em silêncio.

Ele falava por ela dentro de si.

Foi então que o amor adquiriu uma espécie de linguagem própria.

Não precisava mais de acontecimentos.

Um olhar bastava.

Uma ausência bastava.

Até mesmo a indiferença podia ser interpretada.

Tudo podia significar alguma coisa.

Ele ainda não sabia disso.

Sabia apenas que Laura havia começado a ocupar um lugar que não correspondia ao espaço que ela ocupava no

mundo.

Era menor do que o mundo.

E, para ele, maior.

Essa desproporção o acompanhava.

Não era sofrimento.

Ainda.

Era uma espécie de felicidade inquieta, uma felicidade que precisava da distância para continuar existindo.

Ele não queria possuir Laura.

Queria continuar desejando-a.

Talvez essa fosse a primeira forma que o impossível encontrou para protegê-lo de si mesmo.

SONETO V

Eu quis saber seu nome
e perdi o direito de ignorá-lo.

Antes de você,
havia o mundo.

Depois de você,

havia o mundo
e alguma coisa
que o atravessava.

Não era esperança.

Era uma espécie de certeza
sem objeto,
uma espera
que não esperava nada.

Eu a via
e já sentia sua falta.

Você partia
e permanecia.

Eu me aproximava
e alguma coisa em mim
recuava.

Talvez amar seja isto:

dar existência
ao que nos falta
e depois sofrer
porque existe.

Não sei quando começou.

Se foi naquele instante
em que a luz tocou seu rosto,

ou muito antes,

quando eu ainda não sabia
que estava esperando
por você.

[. . .]

O nome mudou tudo.

Antes dele, Laura era uma mulher entre outras.

Depois dele, passou a ser aquela mulher.

Ele não sabia por que isso lhe parecia tão importante. Um nome não acrescentava nada ao rosto, ao gesto, à voz. Não aproximava ninguém. Não alterava a distância.

E, no entanto, agora podia chamá-la dentro de si.

Laura.

O nome tinha adquirido uma intimidade que a própria mulher não lhe havia concedido.

Talvez fosse essa a primeira apropriação.

Não de Laura.

Do nome.

Ele o repetia raramente. Tinha receio de gastá-lo. Preferia conservá-lo intacto, como se certas palavras pudessem perder a força quando pronunciadas muitas vezes.

Laura.

Era também uma palavra que parecia conter alguma coisa que ele ainda não compreendia.

Havia nela uma delicadeza sonora, mas não era a delicadeza que o atraía. Era outra coisa, mais difícil de localizar. O nome parecia maior que a pessoa que designava.

E isso o incomodava.

Começou a perceber que já não procurava somente a mulher que havia visto naquela manhã. Procurava a coincidência entre o nome e a mulher.

Queria que Laura fosse Laura.

Como se pudesse haver uma correspondência perfeita entre uma palavra e aquilo que ela nomeava.

Não havia.

Mas ele ainda não sabia.

Quando a encontrou novamente, ouviu alguém chamá-la.

Laura virou o rosto.

Foi um gesto pequeno.

Ele o reconheceu imediatamente.

O mesmo movimento da primeira vez.

Ou talvez fosse apenas parecido.

Bastou.

A memória encontrou o presente e os dois se confundiram por um instante.

Ele teve a impressão de que o tempo havia feito uma curva.

Aquela mulher diante dele era a mesma que havia visto na igreja.

E não era.

Entre uma e outra havia dias, palavras que desconhecia, pensamentos que não conhecia, acontecimentos dos quais não participara.

Mesmo assim, alguma coisa permanecia.

O traço.

Talvez fosse isso que o amor preservasse quando todo o resto mudava.

Não a pessoa.

A impressão de uma pessoa.

Ele passou a prestar atenção àquilo que permanecia.

Laura sorria pouco quando não havia motivo para sorrir.

Tinha o hábito de baixar os olhos antes de responder.

Às vezes parecia escutar mais do que falava.

Ele começou a colecionar essas pequenas coisas.

Não sabia que colecionava.

Chamava aquilo de conhecer.

E havia prazer nisso.

Um prazer quase inocente.

Descobrir que ela tinha particularidades. Que não era apenas o rosto iluminado daquela primeira manhã. Que havia nela uma maneira própria de existir.

Quanto mais descobria, mais queria descobrir.

O desejo, que começara com um detalhe, começava a exigir

a pessoa inteira.

Mas a pessoa inteira não estava disponível.

Era justamente isso que fazia cada pequena descoberta parecer preciosa.

Ele começou a imaginar o que não sabia.

Onde Laura acordava.

O que lia.

O que pensava quando ficava em silêncio.

Se alguma vez se sentia só.

Se o marido conhecia aquele gesto de baixar os olhos.

Se havia alguém que conhecesse nela aquilo que ele começava a conhecer de longe.

Essas perguntas não tinham respostas.

Talvez por isso voltassem.

Quanto menos sabia, mais espaço havia para desejar.

E quanto mais desejava, mais Laura parecia existir.

Foi nesse momento que compreendeu uma coisa simples e perturbadora:

não precisava que Laura o amasse para que o amor

existisse.

Bastava que ele continuasse olhando.

E continuou.

SONETO VI

A luz não veio até você.

Veio de algum lugar
que eu não pude ver
e pousou no seu rosto
como se soubesse
onde deveria estar.

Eu vi a luz
e pensei ter visto você.

Talvez tenha sido o contrário.

Talvez fosse você
que tornava visível
aquilo que a luz tocava.

Desde então,
procuro a origem
e encontro o efeito.

Quero saber de onde vem
o que me ilumina
e descubro apenas
o que me cega.

Você permanece.

Eu é que me movo
entre a claridade
e aquilo que dela resta.

Quando a luz desaparece,
seu rosto continua.

E quando fecho os olhos,
é então que vejo
o que não consigo ver.

[. . .]

Durante algum tempo, ele acreditou que o que o atraía em Laura podia ser descoberto.

Como se o amor tivesse uma causa precisa e bastasse encontrá-la para que tudo voltasse a uma medida razoável.

Observava-a sem a intenção de observá-la.

Era isso que dizia a si mesmo.

Reparava na maneira como ela entrava numa sala, em como interrompia um gesto quando alguém se aproximava, no modo como parecia escutar antes de responder. Havia sempre alguma coisa que escapava.

E era justamente o que escapava que o fazia olhar outra vez.

Começou a perceber que o traço não era uma qualidade.

Não era a beleza dos olhos, a delicadeza das mãos, a voz ou o movimento do corpo.

Era aquilo que, entre todas essas coisas, não se deixava reduzir a nenhuma delas.

Um quase nada.

Uma diferença.

Uma pequena falha na continuidade daquilo que ele via.

Talvez fosse por isso que não conseguisse descrevê-la.

Quando alguém lhe perguntava como era Laura, respondia com coisas que poderiam pertencer a qualquer mulher.

Depois se calava.

Não queria entregar o que havia percebido.

Nem sabia o que era.

Havia uma espécie de pudor nisso.

Como se nomear o traço pudesse destruí-lo.

Ele começou então a guardar os instantes.

Não escrevia.

Guardava.

Um olhar que talvez tivesse durado um pouco mais.

Uma pausa.

A luz atravessando novamente uma janela.

O perfil de Laura enquanto conversava com alguém.

Pequenas cenas que, isoladas, não significavam nada.

Juntas, pareciam formar uma vida.

A vida dela, ele pensava.

Mas era a sua própria vida que estava mudando.

Começou a organizar os dias em torno das possibilidades de encontrá-la.

Não havia ainda uma decisão.

Não havia sequer um plano.

Apenas uma inclinação.

Como a água que encontra uma pequena diferença no terreno e, sem escolher, começa a correr para o mesmo lado.

Ele ainda podia voltar.

Talvez pudesse.

Mas já não voltava.

A cada encontro, descobria uma nova distância.

E, a cada distância, uma nova razão para aproximar-se.

Era um movimento sem chegada.

Quanto mais conhecia Laura, menos a conhecia.

Isso não o assustava.

Pelo contrário.

Havia prazer no desconhecimento.

O mistério não estava nela.

Estava naquilo que nela permanecia inacessível.

Foi então que percebeu que começava a esperar.

Não por um encontro determinado.

Esperava que alguma coisa acontecesse.

Qualquer coisa.

Uma palavra dirigida a ele.

Um olhar.

Um acaso.

Talvez nem isso.

Bastava a possibilidade.

E a possibilidade, quando se instala no desejo, começa a ocupar o lugar do acontecimento.

Naquela noite, antes de dormir, pensou novamente na igreja.

Tentou lembrar a luz.

Não conseguiu.

Quanto mais procurava a imagem, mais ela se afastava.

Mas Laura permanecia.

Percebeu então que a luz já não era necessária.

Ela havia cumprido sua função.

Tinha revelado o rosto.

O resto ficaria por conta dele.

SONETO VII

Você não fez nada.

Talvez seja essa
a parte mais difícil de entender.

Não houve chamado,
promessa,
sinal.

Você estava ali.

E alguma coisa em mim
mudou de lugar.

Desde então,
procuro em você
a causa do que aconteceu.

Mas a causa não aparece.

Há somente o rosto,
o gesto,
a distância,

e essa estranha inclinação

do meu desejo
para onde você está.

Não sei se fui eu
que me aproximei
ou se o mundo, por um instante,
se inclinou para você.

Sei apenas
que depois daquele instante
nenhuma coisa voltou
a ser inteiramente a mesma.

Nem você.

Nem eu.

Nem aquilo
que chamamos de acaso.

[. . .]

Naqueles dias, Laura começou a reconhecê-lo.

Não sabia desde quando.

Talvez o tivesse visto outras vezes sem prestar atenção.

Talvez tivesse percebido sua presença naquela primeira manhã e simplesmente não lhe atribuído importância. Havia pessoas demais, rostos demais, vidas demais atravessando uma mesma cena para que alguém pudesse guardar todas.

Agora, porém, ela o reconhecia.

Era pouco.

Um olhar que demorava um segundo além do necessário.

Um cumprimento.

Uma pequena mudança no rosto quando ele aparecia.

Nada que pudesse ser tomado como promessa.

Ele percebeu imediatamente.

E foi o bastante para alterar tudo.

O que antes era apenas desejo passou a ter testemunha.

Não uma confirmação.

Uma testemunha.

Laura sabia que ele estava ali.

Isso o deixou mais feliz do que deveria.

Também mais inquieto.

Porque, enquanto ela não o percebia, ele podia amar sem consequência. Agora havia entre os dois uma coisa mínima e real: ***ela sabia que ele existia.***

Ele começou a temer os próprios gestos.

Antes, aproximava-se sem pensar. Agora pensava antes de se aproximar.

Antes, olhava.

Agora desviava os olhos quando percebia que ela poderia estar olhando.

Era uma espécie de inversão.

Queria ser visto.

Quando era visto, recuava.

Laura parecia perceber.

Certa vez, os dois ficaram próximos o suficiente para que uma palavra pudesse ter sido dita.

Nenhum dos dois disse.

Ela sorriu.

Não para ele, talvez.

Ou talvez sim.

O sorriso durou pouco.

Ele levou aquele pouco consigo.

Depois, durante horas, tentou decidir o que havia significado.

Não encontrou resposta.

E talvez fosse melhor assim.

Começava a compreender que o desejo não precisava de certezas.

As certezas o empobreciam.

Uma possibilidade podia durar muito mais.

Naquela noite, pensou novamente no sorriso.

Tentou reproduzi-lo.

Não conseguiu.

Quanto mais tentava, mais ele se afastava.

Então percebeu que começava a acontecer com Laura o que já havia acontecido com o primeiro olhar.

O presente não bastava.

Era preciso reconstruí-lo.

E, ao reconstruí-lo, ele o tornava seu.

Foi nesse momento que sentiu, pela primeira vez, uma pequena culpa.

Não por desejá-la.

Por começar a perceber que talvez estivesse inventando uma Laura que Laura jamais havia sido.

A culpa durou pouco.

O desejo durou mais.

Muito mais.

SONETO VIII

Agora que você sabe que existo,
o silêncio mudou de lugar.

Antes era meu.

Eu o preenchia com você,
com tudo aquilo
que não acontecia.

Agora há um espaço
entre o que penso
e o que você talvez pense.

Não sei o que você vê
quando me vê.

Talvez nada.

Talvez apenas alguém
que passa.

E, no entanto,
essa pequena possibilidade
já me altera.

O amor inventa correspondências
onde há apenas coincidências.

Um olhar se torna resposta.
Uma demora, promessa.
Um sorriso, destino.

Eu sei.

E mesmo sabendo,
continuo.

Talvez a loucura comece
quando a razão reconhece o engano
e o desejo decide
não o abandonar

[. . .]

Depois disso, começou a notar os pequenos sinais que não eram sinais.

Era uma tarefa perigosa.

Laura demorava antes de sair de um lugar.

Ele pensava que esperava alguém.

Laura olhava para trás.

Ele pensava que procurava por ele.

Laura sorria enquanto conversava com outra pessoa.

Ele guardava o sorriso.

Nada disso lhe pertencia.

Sabia.

Mesmo assim, cada gesto encontrava nele um lugar onde permanecer.

Começou a compreender que o desejo não precisava de acontecimentos. Podia alimentar-se de quase nada.

Um movimento.

Uma pausa.

Um acaso.

A ausência de uma palavra.

Quanto menos havia, mais ele acrescentava.

Não fazia isso deliberadamente. Era como se a própria atenção tivesse aprendido a completar aquilo que faltava.

Ele ainda distinguia o que sabia do que imaginava.

Sabia que Laura não lhe havia prometido nada.

Sabia que os olhares podiam não significar coisa alguma.

Sabia que um sorriso não era uma resposta.

Mas havia uma diferença entre saber e obedecer ao que se sabe.

A razão permanecia intacta.

Era o desejo que começava a ignorá-la.

Certa tarde, encontrou Laura sozinha por alguns instantes.

Foi uma coincidência verdadeira.

Ela o cumprimentou.

Ele respondeu.

Poderia ter dito alguma coisa.

Não disse.

Ela também não.

Ficaram assim, diante um do outro, presos à delicadeza de não ultrapassar aquilo que nenhum dos dois havia autorizado.

Depois alguém chamou por ela.

Laura se virou.

Antes de partir, olhou novamente para ele.

Dessa vez, ele teve certeza de que era para ele.

A certeza durou até que ela desaparecesse.

Depois voltou a ser dúvida.

E a dúvida, em vez de diminuir o que sentia, pareceu protegê-lo.

Enquanto não soubesse, poderia continuar esperando.

Talvez fosse esse o segredo de toda esperança: não precisar provar nada.

Naquela noite, percebeu que havia começado a construir uma vida paralela.

Uma vida feita de encontros que não aconteceram, palavras que não foram ditas, gestos que talvez não significassem nada.

Nessa outra vida, Laura estava mais próxima.

E, justamente por isso, ele precisava cada vez mais da vida real para alimentá-la.

Começou a entender que havia duas Lauras.

Aquela que caminhava diante dele.

E aquela que aparecia quando ela se afastava.

A primeira podia surpreendê-lo.

A segunda obedecia ao desejo.

Ele ainda não sabia qual das duas amava.

Talvez já soubesse.

Mas não queria saber.

SONETO IX

Há coisas que se aproximam
sem jamais tocar.

Uma palavra chega à boca
e permanece silêncio.

Um corpo se inclina
e conserva a distância.

Eu estava perto de você
quando comecei a perdê-la.

Não era você que partia.

Era a imagem
que eu fazia de você
que se afastava daquilo que você era.

Ainda assim,
eu a seguia.

Quanto mais você permanecia
sendo você,
mais eu inventava outra.

Talvez amar seja aceitar
que o outro não coincide
com aquilo que o desejo inventa.

Mas eu ainda não sabia.

Queria você inteira
e amava o que não conhecia.

Queria a verdade
e precisava da invenção.

Entre uma e outra,
continuei olhando.

[. . .]

Ele começou a perceber a diferença nos dias em que Laura contrariava aquilo que havia imaginado.

Eram pequenas contradições.

Uma resposta mais seca quando esperava delicadeza.

Uma impaciência que não combinava com a mulher silenciosa que construíra.

Um riso alto demais.

Uma opinião que ele jamais lhe teria atribuído.

Nesses momentos, alguma coisa nele hesitava.

Não era decepção.

Era surpresa diante do fato mais simples: Laura possuía uma vida que não precisava corresponder à imagem que ele fazia dela.

Ela podia ser injusta.

Podia se aborrecer.

Podia não compreender aquilo que ele julgava evidente.

Podia gostar do que ele desprezava e desprezar aquilo que ele considerava belo.

Podia, sobretudo, permanecer indiferente ao que acontecia dentro dele.

Essa última possibilidade era a mais difícil.

Não porque esperasse que Laura o amasse.

Ainda não se permitia esperar tanto.

Mas porque começava a descobrir que um sentimento imenso podia existir inteiro de um lado e não produzir sequer uma alteração do outro.

Era uma desproporção quase absurda.

Ele carregava Laura consigo.

Laura talvez passasse dias sem pensar nele.

A ideia o feria.

E, ao mesmo tempo, havia nela uma espécie de liberdade que o fascinava.

Laura não tinha obrigação de coincidir.

Talvez fosse justamente isso que a tornasse tão difícil de abandonar.

Se correspondesse inteiramente àquilo que ele imaginava,

deixaria de surpreendê-lo.

Mas cada diferença devolvia a ela alguma coisa que o desejo havia tentado tomar.

Ela escapava.

E, escapando, permanecia.

[. . .]

Certa manhã, ouviu Laura discordar do marido.

Não conseguiu compreender todas as palavras.

Também não tentou.

O que o prendeu foi a mudança em seu rosto.

A mulher que ele costumava observar com discrição desapareceu por alguns instantes.

Havia outra.

O olhar firme.

O corpo ligeiramente voltado para a frente.

A voz sem aquela hesitação que ele julgava conhecer.

O marido respondeu.

Laura não baixou os olhos.

Ele sentiu um desconforto inesperado.

Não pelo marido.

Por si mesmo.

Percebeu que havia atribuído a Laura uma docilidade que talvez nunca tivesse existido.

Um gesto repetido algumas vezes fora suficiente.

Baixar os olhos antes de responder.

Ele fizera daquele gesto um traço.

Do traço, uma qualidade.

Da qualidade, uma mulher.

Agora Laura desfazia tudo em poucos segundos.

Deveria ter sentido que a perdia.

Sentiu o contrário.

Pela primeira vez desde a igreja, algo nele se abriu para uma Laura que não havia sido prevista.

E essa Laura o atraiu ainda mais.

Foi uma descoberta inquietante.

O amor podia sobreviver ao desmentido.

Talvez até precisasse dele.

Cada vez que Laura escapava da imagem, obrigava-o a vê-

la novamente.

E cada novo olhar produzia outro traço.

Ele compreendeu então que jamais terminaria de conhecê-la.

A princípio, essa ideia lhe pareceu bela.

Depois percebeu o que havia de perigoso nela.

Naquele dia, ao vê-la partir ao lado do marido, não tentou imaginar para onde iam.

Apenas acompanhou Laura com os olhos.

Ela se afastou.

Dessa vez, ele não procurou conservá-la.

Deixou que desaparecesse.

Por alguns instantes, sentiu uma espécie de paz.

O mundo voltou a ocupar o espaço que Laura deixara.

As vozes.

As pessoas.

A luz.

Ele quase acreditou que alguma coisa havia terminado.

Então, sem que a procurasse, lembrou-se do modo como ela

enfrentara o marido.

Laura voltou diferente.

E ele compreendeu que até aquilo que a afastava de sua invenção podia tornar-se uma nova maneira de desejá-la.

SONETO X

Quando você deixou de ser
aquilo que eu havia pensado,
alguma coisa deveria ter terminado.

Não terminou.

Você desfez a imagem
e permaneceu.

Foi então que descobri
o perigo:

eu podia perder
a Laura que inventara
sem perder você.

Quanto mais diferente,
mais reconhecível.

Quanto mais distante

daquilo que imaginei,
mais perto
do que eu não sabia desejar.

Eu quis guardar um traço.

Você trouxe outro.

Quis fazer de um gesto
uma certeza.

Você mudou o gesto
e deixou a dúvida.

Talvez o amor não seja
encontrar no outro
aquilo que procuramos.

Talvez seja continuar
quando o outro
já não confirma
o que vimos.

Você escapava de mim.

E, pela primeira vez,
foi assim
que pareceu chegar.

[. . .]

Laura começou a falar com ele.

Não aconteceu de uma vez.

Primeiro foram palavras necessárias.

Um cumprimento que recebeu outro cumprimento.

Uma pergunta feita porque ele estava mais próximo.

Uma observação sobre alguma coisa que ambos haviam acabado de ver.

Nada que pudesse sobreviver ao instante.

Ele fazia sobreviver.

Guardava não apenas o que Laura dizia, mas a maneira como dizia. Às vezes, uma palavra banal permanecia durante horas porque fora acompanhada de uma inflexão que ele não conseguia reproduzir.

Descobriu então a voz.

Até aquele momento, Laura existira sobretudo para seus olhos.

Agora havia nela uma presença que não podia ser fixada.

A voz acontecia e desaparecia.

Talvez por isso o afetasse de outro modo.

Não podia contemplá-la depois.

Precisava lembrar.

E a lembrança da voz era ainda menos confiável que a lembrança do rosto.

Ele tentava ouvi-la novamente dentro de si.

Nunca era a mesma.

[. . .]

As conversas continuaram.

Breves.

Quase sempre interrompidas.

Laura não parecia evitá-lo.

Também não parecia procurá-lo.

Essa medida incerta o mantinha atento.

Ele começou a conhecer pequenas coisas que antes precisava inventar.

Descobriu que ela não gostava de determinadas pessoas.

Que se entediava facilmente com conversas longas.

Que podia ser irônica.

Que às vezes dizia alguma coisa apenas para observar o efeito que produzia.

E que sabia permanecer em silêncio quando percebia que alguém esperava uma resposta.

Essa última descoberta o perturbou.

Até então, ele havia tratado os silêncios de Laura como espaços vazios.

Agora começava a suspeitar que alguns eram escolhas.

Certa vez, fez-lhe uma pergunta.

Laura o olhou.

Não respondeu imediatamente.

Ele esperou.

Ela continuou olhando por tempo suficiente para que a pergunta perdesse importância.

Depois respondeu outra coisa.

Ele sorriu.

Laura também.

Foi a primeira vez que tiveram algo que não poderia ser explicado inteiramente por acaso.

Era quase nada.

Mas pertencia aos dois.

Saiu dali com uma alegria que tentou diminuir.

Não conseguiu.

Durante o resto do dia, voltou àquele instante.

Dessa vez, porém, encontrou uma dificuldade nova.

Não podia inventá-lo sozinho.

Laura havia participado.

Havia um olhar real.

Um silêncio real.

Um sorriso que respondera ao seu.

A realidade, pela primeira vez, oferecia alguma coisa ao desejo.

E isso deveria tê-lo tranquilizado.

Produziu o contrário.

Enquanto Laura existira apenas na distância, tudo podia

permanecer suspenso.

Agora uma possibilidade mínima havia atravessado o espaço entre eles.

E toda possibilidade traz consigo uma ameaça.

Pode realizar-se.

Pode desaparecer.

[. . .]

Nos dias seguintes, ele esperou que aquilo se repetisse.

Não se repetiu.

Laura voltou à cordialidade habitual.

Falava quando havia motivo.

Sorria quando alguma coisa a divertia.

Passava por ele sem transformar cada passagem em acontecimento.

Ele sentiu falta daquele silêncio.

Era absurdo sentir falta de uma coisa que durara tão pouco.

Ainda assim, sentiu.

Foi então que percebeu como o desejo aprendia depressa.

Aquilo que ontem seria impossível, hoje já podia fazer falta.

O amor tinha essa voracidade.

Recebia um pouco e imediatamente transformava o pouco em medida.

O que antes bastava já não bastava.

Ver Laura fora suficiente.

Depois quis ser visto.

Ser reconhecido fora suficiente.

Depois quis uma palavra.

A palavra veio.

Depois quis o silêncio que existira entre uma palavra e outra.

Cada aproximação criava uma distância nova.

E talvez fosse por isso que jamais chegasse.

Não porque Laura estivesse sempre longe.

Mas porque o próprio amor movia o lugar onde imaginava

encontrá-la.

Ele começava a compreender isso.

Ainda assim, continuava.

Não havia perdido a razão.

Sabia exatamente o que acontecia.

Talvez esse fosse o começo do problema.

Ver o caminho não impedia que o percorresse.

[. . .]

Naquela manhã, Laura não apareceu.

Ele percebeu cedo demais.

Ainda havia tempo para que chegasse, e foi justamente isso que transformou a ausência em espera.

Continuou fazendo o que fazia.

Conversou.

Ouviu.

Respondeu.

De vez em quando, seus olhos procuravam o lugar por onde ela costumava entrar.

Nada.

Não havia razão para inquietar-se.

Laura tinha uma vida que não dependia de estar onde ele esperava encontrá-la. Poderia ter outros compromissos, estar indisposta, ter escolhido simplesmente permanecer em casa.

Qualquer explicação bastava.

Nenhuma bastou.

Foi então que descobriu uma nova forma de presença.

Laura não estava ali e, no entanto, tudo parecia apontar para ela.

O lugar vazio.

A porta que se abria.

Os passos de outra pessoa.

Uma voz feminina que vinha de longe.

A cada pequeno movimento, alguma coisa nele antecipava Laura.

E a cada vez que não era ela, Laura parecia faltar

novamente.

Era absurdo.

Uma pessoa só podia ausentar-se uma vez.

Ele conseguia perdê-la muitas.

[. . .]

Ao meio-dia, desistiu de esperar.

A palavra o incomodou assim que a pensou.

Esperar.

Até então, preferira outras.

Observar.

Encontrar.

Coincidir.

Passar.

Agora precisava admitir que esperava.

E esperar era diferente.

Quem observa ainda pertence a si mesmo.

Quem espera entrega uma parte do tempo àquilo que pode não acontecer.

Ele havia começado a entregar.

Caminhou sem destino preciso.

Por algum tempo, a cidade conseguiu distraí-lo. Havia movimento suficiente para impedir que um pensamento permanecesse inteiro. Pessoas cruzavam seu caminho. Alguém o chamou. Parou para conversar.

Laura desapareceu.

Alguns minutos depois, voltou.

Não a mulher.

O nome.

Laura.

Percebeu então que já não precisava sequer de uma imagem.

O nome bastava para produzir a presença.

Era mais leve que o corpo e, por isso, podia acompanhá-lo a qualquer lugar.

Laura podia estar longe.

O nome não.

[. . .]

Ele a viu no final da tarde.

Foi tão inesperado que demorou um instante para reconhecê-la.

Laura vinha na direção contrária.

Sozinha.

O alívio chegou antes do pensamento.

E isso o constrangeu.

Nada havia acontecido.

Ela apenas não estivera onde ele esperava encontrá-la.

Mesmo assim, vê-la produziu nele a sensação desproporcional de alguma coisa devolvida.

Laura se aproximou.

Reconheceu-o.

Dessa vez, sorriu antes que ele pudesse fazê-lo.

Pararam.

— Pensei que a veria esta manhã.

A frase escapou com uma naturalidade que ele não possuía.

Laura percebeu.

Não pareceu incomodada.

— Então reparou que eu não estava.

Havia alguma coisa de leve na maneira como disse.

Ele poderia ter negado.

Poderia transformar a frase em acaso, cortesia, distração.

Não fez nenhuma dessas coisas.

— Reparei.

Laura sustentou o olhar por um instante.

Depois baixou os olhos.

O gesto.

Aquele gesto.

Ele o reconheceu.

Mas agora já sabia que não significava necessariamente aquilo que imaginara tantas vezes.

Ainda assim, alguma coisa aconteceu.

Quando Laura tornou a olhá-lo, havia entre os dois o conhecimento de uma coisa mínima que antes pertencia

somente a ele.

Ela sabia.

Não que ele a amava.

Talvez nem ele soubesse ainda dar esse nome ao que sentia.

Laura sabia apenas que sua ausência havia sido percebida.

Era pouco.

Mas já não podia ser retirado.

Conversaram por alguns minutos.

Sobre nada que ele guardaria.

Quando se despediram, Laura seguiu seu caminho.

Ele não se virou para vê-la partir.

Teve vontade.

Não se virou.

Continuou andando e percebeu que sorria.

Foi somente mais tarde que compreendeu o que havia mudado.

Até aquela tarde, a distância existira quase inteiramente dentro dele.

Agora Laura conhecia uma pequena parte dela.

E uma distância compartilhada, mesmo sem diminuir, já não é a mesma distância.

[. . .]

Nos dias seguintes, nada voltou a acontecer.

Talvez fosse essa a mudança.

Antes, ele precisava que alguma coisa acontecesse para levar Laura consigo. Agora bastava saber que ela sabia.

Não sabia exatamente o quê.

Uma ausência percebida.

Uma espera confessada sem intenção.

Duas palavras que poderiam ter sido esquecidas no instante seguinte.

— Reparei.

Às vezes, era essa a lembrança que voltava.

Não o rosto de Laura.

Sua própria voz dizendo aquilo que, até então, conseguira esconder.

Havia uma diferença entre sentir e ouvir-se dizendo.

O sentimento podia permanecer sem forma.

A palavra lhe dava contorno.

Ele começava a perceber que havia atravessado alguma coisa.

Não sabia se poderia voltar.

[. . .]

Laura também parecia diferente.

Ou talvez fosse apenas mais uma invenção.

Ele se obrigava a considerar essa possibilidade.

Quando se encontravam, havia agora uma breve suspensão antes do cumprimento. Um instante pequeno demais para ser chamado de hesitação, longo demais para passar despercebido.

Ele percebia.

Laura percebia que ele percebia.

Depois falavam normalmente.

Essa normalidade começou a perturbá-lo mais do que o silêncio.

Era possível conversar sobre qualquer coisa enquanto outra permanecia intacta entre eles.

Descobriu que duas conversas podiam acontecer ao mesmo tempo.

Uma feita de palavras.

Outra, daquilo que as palavras evitavam.

Na primeira, estavam seguros.

Na segunda, ele já não sabia.

Certa tarde, Laura mencionou o marido.

Foi natural.

Uma frase qualquer.

Ele sentiu o nome antes de compreender a frase.

Não havia ciúme.

Havia realidade.

O marido não era mais apenas o homem que aparecera ao lado de Laura naquela primeira manhã. Tinha um nome, vontades, hábitos. Dividia com ela uma casa, os dias, talvez os silêncios que ele imaginava conhecer.

De repente, tudo aquilo que o desejo mantivera ao fundo recuperou nitidez.

Laura não estava distante.

Estava ligada a uma vida.

E essa vida não precisava dele.

Ele ouviu até o fim.

Respondeu alguma coisa.

Laura continuou falando.

Por alguns minutos, sentiu uma calma inesperada.

Era como se a realidade, ao impor seu limite, lhe devolvesse o chão.

Não havia caminho.

Saber disso deveria bastar.

[. . .]

Naquela noite, dormiu bem.

No dia seguinte, pensou pouco nela.

No outro, menos.

A ausência de Laura deixou de produzir imediatamente uma procura.

O mundo recuperava seus contornos.

Ele voltou a ler sem interromper a página.

Conseguiu atravessar uma manhã inteira sem esperar por uma porta que se abrisse.

Chegou a acreditar que havia compreendido.

O que sentira fora intenso porque fora inesperado.

O traço.

A luz.

O olhar.

Depois, a imaginação fizera o restante.

Agora a realidade corrigia o excesso.

Laura continuaria sendo Laura.

Ele voltaria a ser quem era.

Parecia simples.

Durante alguns dias, foi.

Então a encontrou novamente.

Laura estava com o marido.

Ele os viu de longe.

Não diminuiu o passo.

Não procurou seu olhar.

Passaria por eles como passaria por qualquer outra pessoa.

Foi Laura quem o viu.

Não disse nada.

Apenas interrompeu por um instante o que dizia ao marido e levantou os olhos.

O olhar encontrou o dele.

Dessa vez, não havia luz.

Não havia igreja.

Não havia silêncio.

Nada separou Laura do mundo.

Tudo permaneceu perfeitamente nítido.

Ele continuou caminhando.

Laura também.

Nenhum dos dois se virou.

Só depois percebeu.

A neblina não havia voltado.

Talvez nunca tivesse desaparecido.

Ele apenas aprendera a enxergar dentro dela.

PARTE II

A LOUCURA

SONETO XI

A neblina não voltou.

Fui eu que comecei
a precisar dela.

Antes, você surgia
quando alguma coisa se dissipava.

Agora surge
quando fecho os olhos.

Vejo melhor
o que já não está diante de mim.

Escuto sua voz
quando você não fala.

Encontro seus gestos
naquilo que não se move.

Se está perto,
procuro a distância.

Se está longe,
aproximo você.

Já não sei qual de nós
permanece.

Há uma Laura que parte
e outra que fica.

Uma me devolve ao mundo.

A outra
me devolve você.

Eu sei distingui-las.

Ainda.

Talvez seja isso
que começa a me assustar.

[. . .]

O medo não veio de uma vez.

Primeiro apareceu como uma pequena desconfiança.

Ele começou a perceber que algumas lembranças já não precisavam ter acontecido para parecer verdadeiras.

Sabia disso.

Ainda.

Laura havia dito certas palavras. Outras, não.

Havia olhado para ele algumas vezes. Em outras, talvez estivesse olhando apenas naquela direção.

Havia sorrido.

Isso era verdade.

Mas o sorriso que agora recordava já não pertencia inteiramente àquele instante.

Tinha duração demais.

Intenção demais.

Laura demais.

Ele tentava corrigir a lembrança.

Não conseguia.

Quanto mais procurava devolver o sorriso ao que realmente acontecera, mais o sorriso se modificava.

Era como tocar a superfície da água para torná-la imóvel.

A mão produzia novas ondas.

[. . .]

Começou então a fazer uma coisa que antes não fazia.

Voltava aos lugares.

Não para encontrar Laura.

Era isso que repetia para si mesmo.

Voltava para verificar.

A igreja.

A rua onde haviam caminhado na mesma direção.

O lugar onde ela o cumprimentara pela primeira vez.

A esquina em que tinham parado por alguns minutos.

Os espaços permaneciam.

Isso o tranquilizava.

Uma parede não inventava.

Uma porta não lembrava errado.

As pedras não acrescentavam intenções ao que havia acontecido sobre elas.

Ele procurava nelas alguma espécie de testemunho.

Não encontrava.

A igreja continuava sendo igreja.

A rua continuava levando a outros lugares.

A esquina não guardara Laura.

Era ele quem a trazia de volta.

Fez com que voltasse novamente.

[. . .]

Certa manhã, entrou na igreja e escolheu ficar exatamente onde acreditava ter estado naquele primeiro dia.

Olhou para o lugar onde Laura estivera.

Não havia ninguém.

Esperou.

A luz mudou lentamente.

Primeiro tocou uma coluna.

Depois uma parte do chão.

Subiu pela lateral de um banco e desapareceu.

Ele acompanhou o movimento inteiro.

Não era a mesma luz.

Sabia que não poderia ser.

Ainda assim, esperou que chegasse ao lugar onde recordava o rosto de Laura.

Não chegou.

Sentiu uma irritação absurda.

Como se a manhã tivesse cometido um erro.

Mudou ligeiramente de posição.

Nada.

Então mais um passo.

A luz continuou indiferente.

Foi nesse instante que percebeu o que estava fazendo.

Não procurava Laura.

Procurava a repetição de um acidente.

E acidentes não se repetem.

Quando se repetem, recebem outro nome.

Sentou-se.

Durante alguns minutos, conseguiu sorrir de si mesmo.

Havia alguma coisa quase ridícula em tentar convencer a luz a lembrar.

Depois o sorriso desapareceu.

Porque, olhando o lugar vazio, compreendeu que não precisava mais da luz verdadeira.

Podia vê-la.

Fechou os olhos.

Laura estava ali.

O rosto.

A inclinação da cabeça.

A claridade.

Até a sombra parecia ocupar o lugar correto.

Abriu os olhos.

Nada.

Fechou novamente.

Laura.

Abriu.

A igreja.

Fechou.

Laura.

Dessa vez demorou um pouco mais antes de abrir.

[. . .]

Quando saiu, o dia estava claro.

Caminhou depressa, como se tivesse algum lugar aonde chegar.

Não tinha.

Pela primeira vez, desejou encontrar Laura e temeu encontrá-la ao mesmo tempo.

A Laura real poderia corrigir aquela outra.

Um gesto diferente.

Uma palavra inesperada.

Um rosto cansado.

Qualquer coisa bastaria para romper a perfeição da lembrança.

Ele sabia que precisava disso.

Precisava que Laura voltasse a ser imperfeita.

Precisava que contrariasse novamente aquilo que ele havia feito dela.

Mas, quando a viu ao longe, tomou outra rua.

Só percebeu depois.

Parou.

Poderia voltar.

Não voltou.

Continuou andando com uma sensação que ainda não sabia nomear.

Era a primeira vez que evitava Laura para não perder Laura.

[. . .]

Nos dias seguintes, tornou-se mais cuidadoso.

Não com Laura.

Consigo.

Havia descoberto que podia escolher entre vê-la e conservar aquilo que imaginava dela. A descoberta deveria tê-lo aproximado da realidade.

Fez o contrário.

Passou a proteger certas lembranças.

Não voltava a elas muitas vezes. Tinha receio de modificá-las. Guardava-as como se fossem objetos frágeis, coisas que o excesso de contato poderia desgastar.

A primeira luz.

O sorriso.

O silêncio entre uma pergunta e uma resposta.

O olhar depois de sua confissão involuntária:

— Reparei.

Algumas cenas permaneciam fechadas.

Outras ele permitia que mudassem.

Não sabia por que fazia essa distinção.

Talvez houvesse lembranças das quais precisava como haviam sido.

Ou como acreditava que haviam sido.

[. . .]

Laura percebeu sua ausência.

Ele soube por outra pessoa.

A informação chegou de maneira casual, no meio de uma conversa que tratava de outra coisa.

— Laura perguntou por você.

Nada mais.

Ele não pediu explicações.

Teve medo de diminuí-las.

As quatro palavras bastavam.

Laura perguntou por você.

Durante algumas horas, conseguiu deixá-las intactas.

Depois começou.

Quando?

Por quê?

A quem?

De que maneira havia perguntado?

Dissera seu nome?

Parecera preocupada?

Apenas curiosa?

A pergunta fora espontânea ou surgira porque alguém o mencionara?

Quanto mais possibilidades criava, menos sabia o que realmente havia acontecido.

Ao anoitecer, restava apenas uma certeza:

Laura havia perguntado por ele.

Era pouco.

Ele transformou em muito.

[. . .]

Encontraram-se dois dias depois.

Dessa vez, Laura não esperou que ele falasse.

— Você desapareceu.

Ele percebeu imediatamente a palavra.

Não faltou.

Não não veio.

Desapareceu.

Uma palavra comum.

Foi incapaz de deixá-la comum.

— Estive por perto.

Laura sorriu.

— Então se escondeu.

Ele poderia ter respondido.

Não respondeu.

Havia alguma coisa naquela frase que se aproximava demais da verdade.

Laura observou-o por um instante.

— Fiz alguma coisa?

A pergunta o surpreendeu.

— Não.

Respondeu depressa demais.

Laura continuou olhando.

— Tem certeza?

Tinha.

Era justamente esse o problema.

Laura não havia feito nada.

Nenhuma promessa.

Nenhuma aproximação que pudesse explicar o que acontecia.

Ela apenas existia diante dele e, quando não estava, continuava existindo de outra maneira.

— Tenho.

Laura baixou os olhos.

Dessa vez, ele não tentou interpretar o gesto.

Ou tentou e percebeu.

Era diferente.

Começava a observar a própria interpretação enquanto interpretava.

Uma parte dele via Laura.

Outra observava aquilo que fazia com o que via.

Por alguns segundos, teve a sensação estranha de estar dividido entre as duas.

A lucidez apenas assistia.

[. . .]

Laura falou de outras coisas.

Ele ouviu.

Em determinado momento, ela riu.

Não guardou o riso.

Quando se despediram, ela tocou brevemente seu braço.

Um gesto simples.

Talvez de amizade.

Talvez apenas a maneira mais natural de encerrar uma conversa.

Ele sentiu o toque depois que a mão já não estava.

Continuou sentindo enquanto caminhava.

Sabia exatamente onde Laura o havia tocado.

Isso o incomodou.

Passou a mão pelo mesmo lugar, como se pudesse apagar a sensação.

Não apagou.

Então compreendeu uma coisa que preferiria não ter compreendido.

Até ali, conseguira atribuir quase tudo ao olhar.

O rosto.

A luz.

Os gestos.

As distâncias.

Podia dizer a si mesmo que havia visto demais.

Agora o corpo também sabia.

E o corpo não precisava acreditar em nada.

[. . .]

O toque não se repetiu.

Foi isso que lhe deu importância.

Se Laura tivesse voltado a tocar seu braço no encontro seguinte, talvez o gesto encontrasse uma medida. Poderia tornar-se hábito, maneira de cumprimentar, distração.

Não aconteceu.

E aquilo que não se repete fica entregue à memória.

Ele tentou não pensar.

Durante algum tempo, conseguiu.

Depois percebeu que já não precisava lembrar do gesto inteiro.

Bastava o lugar.

O braço guardara uma espécie de endereço.

Não havia marca.

Nenhuma diferença na pele.

Ainda assim, quando pensava em Laura, era ali que o corpo parecia lembrar primeiro.

Isso o perturbava mais do que as imagens que havia inventado.

Uma imagem podia ser corrigida.

O corpo não argumentava.

[. . .]

Passaram-se alguns dias.

Laura voltou a ocupar a distância habitual.

Falavam.

Às vezes caminhavam alguns minutos na mesma direção.

Ela lhe contava pequenas coisas de sua vida e ele começou a perceber que preferia aquelas que não tinham importância.

Uma dificuldade doméstica.

Um livro abandonado pela metade.

Uma noite mal dormida.

Uma irritação.

Gostava sobretudo quando Laura se esquecia de ser observada.

Era então que apareciam os gestos que não pareciam destinados a ninguém.

A mão procurando alguma coisa.

O cabelo recolhido sem cuidado.

Os olhos fechados por um instante diante da claridade.

Ele reconhecia nesses momentos uma Laura diferente daquela que havia construído.

Mais próxima.

E, por isso mesmo, mais inacessível.

Porque aquela mulher não existia para ele.

Existia diante dele.

A diferença começava a doer.

[. . .]

Certa tarde, Laura perguntou:

— Por que você me olha assim?

Não havia acusação.

Talvez houvesse curiosidade.

Ele poderia perguntar:

— Assim como?

Seria a resposta mais segura.

Não perguntou.

Ficou em silêncio.

Laura esperou.

O mundo não se dissipou dessa vez.

Ao contrário.

Tudo ficou excessivamente presente.

As vozes próximas.

Os passos.

Uma porta que se fechou.

A luz já baixa.

O próprio corpo.

E Laura.

Sobretudo Laura.

Ele percebeu que não havia resposta possível que não modificasse alguma coisa.

Negar seria mentira.

Dizer seria atravessar a distância que até então o protegera.

— Não sei.

Laura sorriu muito pouco.

— Sabe.

Ele desviou os olhos.

Foi um gesto involuntário.

Quando tornou a olhá-la, Laura ainda estava ali.

Não parecia esperar uma declaração.

Esperava apenas que ele não mentisse.

— Talvez eu saiba.

Ela não perguntou mais.

E aquele silêncio disse mais do que a resposta.

[. . .]

Naquela noite, aconteceu algo que até então não havia acontecido.

Ele tentou imaginar Laura e não conseguiu.

Via partes.

O rosto.

A mão.

A curva dos ombros.

O movimento dos olhos.

Mas nenhuma delas se juntava às outras.

Quanto mais tentava formar Laura, mais Laura se desfazia.

Levantou-se.

Acendeu uma luz.

Caminhou pelo quarto.

Tentou pensar em outra coisa.

O corpo permanecia inquieto.

Não havia pensamento que correspondesse à inquietação.

Foi então que compreendeu, com uma clareza que durou apenas alguns segundos, que talvez tivesse cometido um erro desde o princípio.

Acreditara que o traço pertencia a Laura.

Talvez não pertencesse.

Talvez o traço existisse apenas no instante em que ele a olhava.

Se fosse assim, não havia nada nela que pudesse encontrar.

Nada que pudesse possuir.

Nada sequer que pudesse perder.

A ideia deveria tê-lo acalmado.

Produziu uma sensação de vazio.

Porque, se aquilo que procurava não estava em Laura,

restava uma pergunta muito mais difícil.

Onde estava?

Apagou a luz.

No escuro, não encontrou resposta.

Encontrou Laura.

[. . .]

No dia seguinte, Laura pareceu-lhe menos nítida.

Estava diante dele, falava, movia as mãos, interrompia uma frase para escolher outra palavra.

Tudo podia ser visto.

Mesmo assim, alguma coisa faltava.

Ele procurou o traço.

Não encontrou.

Isso deveria ter sido um alívio.

Durante tanto tempo tentara descobrir o que havia nela que o prendia. Agora Laura lhe oferecia apenas aquilo que era: um rosto, uma voz, um corpo, pequenas impaciências,

gestos que começavam a se tornar conhecidos.

Nenhum deles bastava.

Ele sentiu medo.

Não de deixar de amá-la.

De descobrir que talvez nunca tivesse amado aquilo que pensava amar.

Laura percebeu sua distração.

— Você está longe.

Ele quase sorriu.

Era exatamente o contrário.

Estava perto demais.

— Estou aqui.

Laura olhou para ele como se a resposta não respondesse.

— Às vezes não parece.

Ele quis dizer que passara a noite inteira tentando encontrá-la.

Não disse.

Seria impossível explicar que a procurara justamente porque não conseguira reuni-la numa imagem.

— Dormi pouco.

Laura aceitou.

Ou fingiu aceitar.

Continuaram caminhando.

Por alguns instantes, ele sentiu uma tranquilidade inesperada.

Não precisava encontrar o traço.

Laura estava ao lado dele.

Talvez bastasse.

[. . .]

Foi então que ela parou.

Havia alguma coisa no chão.

Laura se abaixou para recolhê-la.

Um objeto pequeno, sem importância.

Ele não chegou a perceber o que era.

Percebeu outra coisa.

Ao levantar-se, Laura afastou do rosto uma mecha de cabelo com o dorso da mão.

O gesto durou menos de um segundo.

Ele parou de respirar.

Era aquilo.

Não o gesto.

Nunca fora o gesto.

Era a sensação de reconhecer alguma coisa que não sabia ter conhecido.

Laura continuou andando.

Ele permaneceu imóvel.

Ela percebeu alguns passos depois.

— O que foi?

— Nada.

Dessa vez, a palavra saiu verdadeira.

Nada havia acontecido.

E, no entanto, tudo aquilo que passara a noite tentando compreender acabara de voltar por meio de um movimento insignificante.

Laura esperou.

Ele alcançou-a.

Seguiram.

O corpo havia recuperado uma certeza que o pensamento perdera.

Isso o assustou.

[. . .]

Começou a desconfiar das coincidências.

Não das grandes.

Das pequenas.

Uma palavra pensada pouco antes de Laura pronunciá-la.

Um caminho escolhido sem motivo e, adiante, ela.

Uma lembrança que surgia segundos antes de alguma coisa fazê-la retornar.

Sabia que havia explicações.

A atenção selecionava.

A memória aproximava acontecimentos.

O desejo eliminava tudo aquilo que não confirmava o que esperava encontrar.

Sabia.

Ainda.

Mas saber começava a produzir pouco efeito.

A coincidência chegava primeiro.

A explicação vinha depois.

Certa manhã, pensou em Laura ao acordar.

Nada havia de extraordinário nisso.

Já acontecera muitas vezes.

Mas naquele dia uma frase surgiu inteira:

Hoje ela virá.

Não sabia de onde vinha a certeza.

Levantou-se com ela.

Ao longo da manhã, tentou esquecê-la.

Não conseguiu.

Laura apareceu perto do meio-dia.

Ele sentiu primeiro a confirmação.

Só depois percebeu o absurdo.

Ela poderia ter vindo por qualquer razão.

Provavelmente viria de qualquer maneira.

Ele não havia previsto nada.

Apenas pensara numa possibilidade que se realizou.

Mesmo assim, durante alguns segundos, experimentou uma alegria quase secreta.

Como se o mundo tivesse respondido.

[. . .]

Foi aí que alguma coisa mudou.

Até então, ele inventava sentidos para os gestos de Laura.

Agora começava a encontrar sentidos também nas coisas que não tinham Laura.

Uma luz.

Uma rua.

Um horário.

Uma coincidência.

O mundo, que antes desaparecera para que ela pudesse ser vista, começava lentamente a devolvê-la por toda parte.

Ele percebeu o movimento.

Tentou interrompê-lo.

Quando uma coincidência acontecia, obrigava-se a encontrar outras que não significavam nada.

Quando pensava nela e ela não aparecia, guardava o fracasso.

Queria restabelecer a proporção.

Durante algum tempo, funcionou.

Depois começou a esquecer os fracassos.

As coincidências permaneciam.

Laura permanecia.

Era como se a neblina, antes espalhada sobre todas as coisas, tivesse aprendido uma nova maneira de existir.

Já não escondia.

Ligava.

E ele começava a enxergar caminhos onde talvez houvesse apenas distância.

[. . .]

Os caminhos começaram a exigir decisões.

Até então, bastava percebê-los.

Agora ele precisava escolher se os seguiria.

Certa tarde, soube que Laura estaria em um lugar onde ele não tinha razão alguma para estar.

A informação chegou por acaso.

Pelo menos foi assim que a recebeu.

Durante horas, tentou não fazer nada com ela.

Continuou seus afazeres. Leu algumas páginas. Escreveu uma carta. Interrompeu-a no meio. Voltou ao livro.

Sabia onde Laura estaria.

Esse saber começou a ocupar o espaço das outras coisas.

Não precisava ir.

Foi.

Escolheu um caminho mais longo para poder dizer a si mesmo que não tinha pressa.

Quando chegou, Laura ainda não estava.

Sentiu vergonha.

Não uma vergonha diante dos outros. Ninguém sabia por que estava ali.

Vergonha diante de si.

Pela primeira vez, não podia atribuir o encontro ao acaso.

Havia procurado.

E procurar mudava tudo.

[. . .]

Laura chegou algum tempo depois.

Não estava sozinha.

Ele a viu antes que ela o visse.

Poderia ter ido embora.

Ficou.

Observou-a aproximar-se enquanto tentava encontrar uma explicação para sua própria presença.

Nenhuma parecia natural.

Quando Laura finalmente o reconheceu, houve no rosto dela uma surpresa breve.

Depois um sorriso.

— Você aqui?

A pergunta era simples.

Ele ouviu nela uma acusação que não existia.

— Passei por perto.

Laura olhou ao redor.

Talvez conhecesse suficientemente a cidade para saber que ninguém passava por perto daquele lugar sem alguma razão.

Não o desmentiu.

— Que coincidência.

Ele não soube se havia ironia.

Procurou no rosto dela.

Não encontrou.

Era apenas uma frase.

Ou talvez não fosse.

A dúvida voltou imediatamente ao lugar que conhecia.

[. . .]

Conversaram pouco.

As pessoas ao redor impediam qualquer intimidade.

Isso o tranquilizou.

Laura não perguntou por que ele realmente estava ali.

Ele não precisou mentir novamente.

Quando se despediram, ela disse:

— Até a próxima coincidência.

Dessa vez, havia um sorriso.

Ele ficou parado depois que ela saiu.

A frase poderia ser uma brincadeira.

Provavelmente era.

Mas alguma coisa nela havia tocado o ponto exato que ele tentava esconder.

Laura percebera.

Não sabia quanto.

Talvez quase nada.

Ainda assim, percebera.

E ser percebido por Laura produzia nele duas vontades contrárias.

Queria aproximar-se.

Queria desaparecer.

[. . .]

Durante alguns dias, evitou os lugares onde poderia encontrá-la.

Era uma decisão.

Precisava provar a si mesmo que ainda podia decidir.

Mudou caminhos.

Alterou horários.

Recusou um convite porque imaginou que Laura estaria presente.

Dessa vez, não foi.

Sentiu alívio.

Depois ressentimento.

Não sabia contra quem.

Talvez contra Laura, embora ela nada tivesse feito.

Talvez contra si, porque conseguira aquilo que queria.

Passou a noite pensando no encontro que evitara.

Imaginou Laura chegando.

Imaginou que procuraria por ele.

Imaginou que não procuraria.

As duas possibilidades o feriram de maneiras diferentes.

Percebeu então a armadilha.

Se Laura notasse sua ausência, havia esperança.

Se não notasse, havia perda.

Em nenhuma das duas hipóteses ele estava livre.

[. . .]

No encontro seguinte, Laura não mencionou sua ausência.

Ele esperou que mencionasse.

Ela falou de outras coisas.

Parecia tranquila.

Ele começou a sentir uma irritação que não tinha direito de sentir.

Respondeu menos.

Laura percebeu.

— Outra vez longe?

— Não.

— Tem certeza?

A mesma pergunta.

Ele se lembrou imediatamente da outra vez em que ela a fizera.

O passado entrou na conversa sem ter sido chamado.

— Tenho.

Laura o observou.

Depois deu de ombros.

— Então está bem.

Não estava.

Ele queria que ela insistisse.

Ela não insistiu.

Queria que percebesse aquilo que ele se recusava a dizer.

Laura não percebeu.

Ou percebeu e decidiu não entrar.

As duas possibilidades eram insuportáveis.

[. . .]

Foi somente depois que ela partiu que ele compreendeu o que havia acontecido.

Começava a exigir de Laura respostas para perguntas que nunca lhe fizera.

Queria que ela soubesse.

Queria que adivinhasse.

Queria que atravessasse sozinha uma distância que ele próprio não tinha coragem de atravessar.

Era injusto.

Sabia.

A lucidez voltou inteira.

Durante alguns minutos, viu com precisão o mecanismo que construíra.

O traço.

A atenção.

A espera.

As coincidências.

A interpretação.

Agora, a exigência.

Tudo estava diante dele.

Poderia interromper.

Talvez devesse.

Mas a lucidez tinha adquirido uma função estranha.

Já não servia para impedir.

Servia apenas para assistir.

E, pela primeira vez, ele percebeu que era possível enxergar perfeitamente o caminho e, ainda assim, não saber voltar.

[. . .]

Voltar para onde?

A pergunta surgiu alguns dias depois, quando tentou imaginar a vida anterior a Laura.

Lembrava-se dela.

Dos lugares.

Das pessoas.

Dos hábitos.

Sabia o que fazia pela manhã, com quem conversava, quais caminhos percorria. Nada havia desaparecido.

Mas já não conseguia habitar aquela vida como antes.

Era como recordar um quarto depois que os móveis foram mudados de lugar. Tudo permanecia reconhecível e, ainda assim, o corpo procurava aquilo que já não estava onde estivera.

Laura não havia ocupado um lugar.

Havia alterado as distâncias entre as coisas.

Talvez fosse por isso que voltar parecesse impossível.

Não havia um ponto para onde retornar.

[. . .]

Tentou ficar alguns dias sem vê-la.

Não como antes, quando mudara caminhos para provar que podia escolher.

Dessa vez, queria descobrir o que aconteceria com Laura quando Laura não estivesse.

No primeiro dia, pensou nela muitas vezes.

No segundo, menos.

No terceiro, quase acreditou que a experiência estava funcionando.

As lembranças vinham, mas já não exigiam que permanecesse nelas.

O nome aparecia e passava.

Até o rosto começou a perder alguma precisão.

Sentiu alívio.

E imediatamente sentiu falta daquilo que estava desaparecendo.

Foi então que fez uma coisa que o surpreendeu.

Tentou lembrar.

Deliberadamente.

Procurou o rosto.

A luz.

O gesto da mão.

A voz.

Tudo aquilo de que, poucos dias antes, desejara libertar-se.

A imagem voltou aos poucos.

Quando conseguiu reconstrui-la, sentiu-se melhor.

Só depois percebeu o que havia feito.

Tivera medo de esquecer.

[. . .]

Até então, a ausência de Laura lhe causava falta.

Agora, podia causar outra coisa.

Esquecimento.

E o esquecimento parecia mais ameaçador que a distância.

A distância conservava Laura em algum lugar.

O esquecimento podia retirá-la até de lá.

Começou então a repetir certas lembranças para não as perder.

Não todas.

Escolhia.

A igreja.

A primeira vez que Laura soubera que sua ausência havia sido percebida.

O toque no braço.

A pergunta:

— Por que você me olha assim?

Repassava as cenas sem acrescentar nada.

Pelo menos era o que pretendia.

Queria conservá-las.

Mas cada repetição deixava uma pequena diferença.

Uma palavra mudava de lugar.

Um silêncio durava mais.

Um olhar adquiria intenção.

Ele percebia algumas alterações e tentava corrigi-las.

Outras passavam.

A lembrança começava a adquirir a forma de sua necessidade.

[. . .]

Quando voltou a encontrar Laura, experimentou algo inesperado.

Comparou.

A mulher diante dele com a mulher que havia conservado durante aqueles dias.

Laura falava e ele procurava nela a voz lembrada.

Laura sorria e ele comparava o sorriso.

Laura se movia e alguma coisa parecia não coincidir.

Não sabia dizer qual delas estava errada.

A lembrança ou Laura.

A ideia era absurda.

Laura não podia estar errada em relação a si mesma.

Ainda assim, por alguns segundos, foi isso que sentiu.

A mulher real contrariava a mulher lembrada.

E, pela primeira vez, a contradição não aumentou seu desejo.

Produziu irritação.

Pequena.

Quase imperceptível.

Mas estava ali.

Laura percebeu.

— O que foi?

— Nada.

Ela continuou olhando.

— Você diz muito isso.

Ele não soube o que responder.

Laura sorriu.

— Talvez um dia descubra o que é esse nada.

Ele não sorriu.

A frase ficou entre os dois.

[. . .]

Mais tarde, sozinho, repetiu:

esse nada.

Talvez Laura tivesse razão.

Desde o começo, tudo parecia nascer de coisas pequenas demais para justificar o que produziam.

Um traço.

Um olhar.

Uma luz.

Um gesto.

Um toque.

Quase nada.

E cada quase nada aumentava.

Talvez o erro estivesse em procurar uma causa proporcional ao efeito.

Não havia.

O que acontecia dentro dele já não precisava corresponder

ao tamanho daquilo que acontecia fora.

Essa desproporção começou a inquietá-lo.

Mas havia também uma espécie de fascínio.

Era como descobrir que uma coisa mínima podia deslocar uma vida inteira.

[. . .]

Na manhã seguinte, acordou antes da luz.

Laura estava no primeiro pensamento.

Não uma lembrança.

Uma certeza.

Sentou-se na cama.

Durante alguns segundos, teve a impressão de que precisava fazer alguma coisa.

Não sabia o quê.

Esperou.

A sensação passou.

O quarto começou lentamente a ganhar contornos.

Primeiro a janela.

Depois os objetos.

As paredes.

As próprias mãos.

Tudo estava onde deveria estar.

Ele observou a claridade entrar.

Pensou na igreja.

Pensou em Laura.

Dessa vez, percebeu a associação no instante em que ela acontecia.

Quase conseguiu interrompê-la.

Quase.

A luz tocou a parede.

E antes que pudesse impedir, procurou nela um rosto.

[. . .]

Não encontrou.

A parede permaneceu parede.

Por alguns instantes, isso lhe pareceu uma vitória.

Depois percebeu que esperara encontrar.

Era diferente.

Não precisava mais ver Laura para que ela estivesse presente. Bastava esperar que aparecesse.

A expectativa fazia o trabalho antes da imagem.

Levantou-se e abriu a janela.

A manhã ainda estava começando. Algumas pessoas atravessavam a rua. Um homem carregava caixas. Duas mulheres conversavam junto a uma porta. Mais adiante, alguém caminhava depressa.

Ele olhou.

Nenhuma delas era Laura.

Continuou olhando.

Não porque acreditasse que ela surgiria.

Porque poderia.

Essa possibilidade mínima bastava para mantê-lo diante da janela.

[...]

Passou a manhã ocupado.

Trabalhou com uma concentração que não experimentava havia dias.

Em determinado momento percebeu que não pensava em Laura.

A percepção trouxe Laura de volta.

Sorriu diante da armadilha.

Para saber que não pensava nela, precisara pensar nela.

Tentou voltar ao trabalho.

Dessa vez foi mais difícil.

Havia descoberto uma forma de ausência que continha aquilo que pretendia excluir.

Não pensar em Laura começava a ser apenas outra maneira de pensar nela.

[...]

À tarde, encontrou-a por acaso.

Um acaso verdadeiro, pensou imediatamente.

A necessidade de fazer essa distinção já lhe pareceu estranha.

Laura vinha sozinha.

Quando o viu, diminuiu o passo.

— Hoje não se escondeu.

Ele sorriu.

— Hoje não sabia que você estaria aqui.

Laura inclinou ligeiramente a cabeça.

— E nos outros dias sabia?

A pergunta foi feita com leveza.

Mesmo assim, ele sentiu o corpo se contrair.

Poderia brincar.

Poderia negar.

Poderia dizer a verdade.

Escolheu outra coisa.

— Às vezes a gente sabe onde uma pessoa estará.

Laura esperou.

— E vai até lá?

Ele olhou para ela.

Havia chegado o momento que tantas vezes imaginara e que, agora, desejava evitar.

— Às vezes.

Laura não desviou os olhos.

— Por quê?

A pergunta era simples demais.

Talvez por isso não houvesse resposta simples.

Ele poderia dizer:

Porque quero ver você.

A frase estava pronta.

Não saiu.

[. . .]

Laura esperou mais um pouco.

Depois sorriu, mas havia menos leveza no sorriso.

— Você pensa demais antes de responder.

— Talvez.

— E responde pouco.

— Talvez eu fale mais do que deveria.

— Não comigo.

Foi a primeira vez que Laura atravessou a distância por vontade própria.

Não houve toque.

Não houve aproximação do corpo.

Apenas duas palavras.

Não comigo.

Ele sentiu nelas uma abertura.

E imediatamente sentiu medo de atravessá-la.

A lucidez apareceu outra vez.

Disse-lhe que uma frase não era uma promessa.

Que Laura poderia estar apenas provocando.

Que talvez tivesse percebido sua hesitação e quisesse compreendê-la.

Tudo isso era possível.

Mas a possibilidade que ele escolheu foi outra.

Laura queria saber.

[. . .]

Caminharam juntos.

Dessa vez, nenhum dos dois pareceu preocupado em encontrar um motivo.

Laura falou primeiro.

Contou alguma coisa que acontecera naquela manhã. Ele ouviu sem transformar cada palavra em sinal.

Por alguns minutos, estiveram apenas ali.

Duas pessoas caminhando.

Isso lhe pareceu novo.

Talvez fosse a primeira vez que Laura não precisava ser imaginada.

Estava ao lado dele.

Falava.

Às vezes sorria.

O passo dos dois encontrou naturalmente o mesmo ritmo.

Ele sentiu uma tranquilidade que quase havia esquecido.

Pensou que talvez tivesse complicado tudo.

Talvez amar não precisasse produzir tantos sentidos.

Talvez pudesse ser apenas aquilo.

Uma presença.

Um caminho.

Uma conversa que não precisava chegar a lugar algum.

Então Laura disse:

— Preciso ir.

E a tranquilidade terminou.

Não porque ela fosse embora.

Porque ele percebeu quanto desejava que ficasse.

[. . .]

Pararam.

Laura indicou a direção que seguiria.

Ele iria para o outro lado.

Durante alguns segundos, permaneceram diante um do outro.

— Até quando? — ele perguntou.

Laura pareceu não compreender.

— Até quando o quê?

Ele percebeu o erro.

Quis corrigir.

— Até quando vamos continuar nos encontrando por acaso?

Laura ficou em silêncio.

Dessa vez, ele não tentou preencher.

Ela olhou para o caminho por onde deveria seguir.

Depois para ele.

— Não sei se ainda é acaso.

A frase chegou sem força.

E atravessou todas as defesas.

Laura se despediu.

Ele permaneceu onde estava.

Não a seguiu com os olhos.

Não precisava.

A frase havia ficado.

Não sei se ainda é acaso.

Repetiu-a uma vez.

Depois outra.

Na terceira, percebeu que uma palavra havia começado a crescer mais do que as demais.

Ainda.

Não sabia se Laura quisera dizer aquilo que ele ouvira.

Sabia apenas que, dali em diante, seria muito difícil ouvir outra coisa.

[. . .]

Nos dias seguintes, a palavra voltou sozinha.

Ainda.

Não a frase inteira.

Apenas aquela pequena permanência dentro dela.

Ele sabia que as palavras podiam adquirir um peso que nunca haviam recebido de quem as pronunciara. Bastava separá-las das outras, repeti-las, aproximá-las de um desejo.

Mesmo sabendo, repetia.

Ainda.

Havia um antes naquela palavra.

E, se havia um antes, talvez houvesse um depois.

Era assim que o pensamento avançava.

Não por certezas.

Por pequenas autorizações que ele mesmo concedia.

Tentou reconstruir a voz de Laura.

Não sei se ainda é acaso.

Onde ela havia respirado?

Em que palavra demorara?

Teria olhado para ele antes de dizer acaso?

Não lembrava.

Cada tentativa produzia uma frase ligeiramente diferente.

Em uma, Laura parecia confessar.

Em outra, apenas constatar.

Em outra, brincar.

Havia tantas Lauras naquela frase quanto maneiras de recordá-la.

Ele escolheu uma.

Não percebeu quando.

[. . .]

Encontrou-a dois dias depois.

Laura estava acompanhada.

O marido falava com alguém, alguns passos adiante.

Ela o viu.

Ele esperou o sorriso que já começava a reconhecer.

Não veio.

Laura apenas inclinou a cabeça.

Um cumprimento discreto.

Ele respondeu da mesma maneira.

Passaram.

Foi tudo.

Continuou andando.

Não deveria haver nada para pensar.

Havia circunstâncias.

O marido.

Outras pessoas.

A conveniência.

Sabia.

Ainda assim, sentiu alguma coisa próxima de uma recusa.

A palavra apareceu antes que pudesse evitá-la.

Recusa.

Recusa de quê?

Laura não lhe devia o sorriso.

Não havia entre eles acordo algum.

Não havia sequer uma pergunta feita.

Mesmo assim, a falta de um gesto que ele aprendera a esperar pareceu-lhe a retirada de alguma coisa que já considerava sua.

Percebeu o pensamento.

Envergonhou-se.

Mas a vergonha não desfez a falta.

[. . .]

Naquela tarde, tentou lembrar quantas vezes Laura havia sorrido para ele.

Não conseguiu.

Talvez muitas.

Talvez poucas.

A quantidade começou a importar.

Isso era novo.

Antes, cada gesto existia sozinho.

Agora começava a compará-los.

Hoje menos.

Ontem mais.

Diante do marido, nada.

Sozinha, diferente.

Criava medidas.

E as medidas produziam diferenças que antes não existiam.

Laura começava a variar conforme o lugar, a hora, as pessoas ao redor.

Era natural.

Todos variavam.

Mas ele não queria uma Laura que variasse.

Queria reconhecer, sob todas elas, aquela que acreditava existir quando estavam sozinhos.

Essa Laura começou a parecer-lhe mais verdadeira que as outras.

Não percebeu imediatamente o perigo.

[. . .]

Quando voltaram a se encontrar sem companhia, Laura sorriu.

O alívio foi imediato.

Ele quase se irritou consigo mesmo.

— O que foi? — ela perguntou.

— Nada.

Laura riu.

— Outra vez.

Ele também riu.

Por alguns segundos, a tensão desapareceu.

— Talvez você tivesse razão.

— Sobre o quê?

— Sobre esse nada.

Laura esperou.

Ele percebeu que poderia falar.

Não tudo.

Alguma coisa.

— Às vezes penso que vejo coisas onde talvez não haja nada para ver.

Laura não respondeu imediatamente.

Ele sentiu o velho impulso de interpretar o silêncio.

Dessa vez, resistiu.

Esperou.

— E isso incomoda você?

A pergunta o surpreendeu.

— Não sei.

— Então talvez incomode o que você vê.

Ele olhou para ela.

Laura parecia tranquila.

— E se eu estiver vendo errado?

Ela demorou um pouco.

— Você sempre quer saber se está certo ou errado?

— Não deveria?

— Talvez algumas coisas não sejam assim.

Ele quase perguntou quais.

Não perguntou.

A resposta já começava a produzir caminhos demais.

[. . .]

Na despedida, Laura não o tocou.

Ele percebeu.

E percebeu que havia percebido.

Esse segundo movimento começou a cansá-lo.

Nada acontecia apenas uma vez.

Primeiro vinha o gesto.

Depois sua atenção ao gesto.

Depois a interpretação.

Depois a vigilância sobre a própria interpretação.

Era como viver cada instante cercado por outros instantes que o examinavam.

Ele desejou, por alguns segundos, voltar à primeira manhã.

Não para rever Laura.

Para voltar ao tempo em que ainda não precisava compreender aquilo que via.

Mas até essa lembrança estava contaminada pelo que acontecera depois.

Já não havia primeira manhã.

Havia a lembrança da primeira manhã.

E a lembrança sabia coisas que o homem daquela manhã não sabia.

[. . .]

Naquela noite, sonhou com Laura.

Ao acordar, não conseguiu lembrar o sonho.

Restava apenas a certeza de que ela estivera ali.

Tentou recuperar alguma imagem.

Nada.

Um lugar talvez.

Uma voz.

Não sabia.

Quanto mais procurava, mais o sonho desaparecia.

Por fim, desistiu.

Levantou-se.

Foi então que sentiu uma tristeza breve e desproporcional.

Laura não havia partido.

Laura não havia feito nada.

Ele sequer perdera uma lembrança verdadeira.

Tinha perdido um sonho que não conseguia recordar.

Mesmo assim, durante toda a manhã, sentiu falta dela.

Ou daquela outra.

Já começava a ser difícil saber.

[. . .]

Começou a perguntar-se qual Laura encontraria antes de cada encontro.

A pergunta não era deliberada.

Surgia quando sabia que a veria.

Às vezes vinha a mulher que conversava com ele sem cautela, que ria, que deixava uma frase incompleta porque confiava que ele compreenderia.

Outras vezes vinha a mulher distante, quase formal, sobretudo quando havia outras pessoas.

E havia ainda aquela que ele nunca encontrava fora de si.

A Laura da luz.

A Laura do toque.

A Laura que dizia ainda exatamente como ele precisava que tivesse dito.

Todas tinham o mesmo rosto.

Isso começava a ser insuficiente para torná-las a mesma pessoa.

[. . .]

Certa tarde, encontrou-a antes do que esperava.

Laura parecia cansada.

Não sorriu.

Ele percebeu imediatamente e decidiu não perguntar.

— Você está bem?

Perguntou.

Laura assentiu.

— Só cansada.

Ele deveria ter aceitado.

Mas o rosto dela lhe pareceu esconder alguma coisa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não.

A palavra o atingiu de maneira estranha.

Não.

Quantas vezes ele próprio havia respondido assim?

Pensou que talvez Laura também possuísse um nada.

A ideia aproximou os dois por alguns segundos.

— Tem certeza?

Laura olhou para ele.

A pergunta agora era dele.

Ela percebeu.

Sorriu muito pouco.

— Tenho.

Ele reconheceu a resposta.

Quase poderia prever o que viria depois.

Nada veio.

Laura permaneceu em silêncio.

[. . .]

Caminharam juntos por algum tempo.

Ela falava menos que de costume.

Ele também.

Dessa vez, o silêncio não lhe pareceu íntimo.

Era apenas silêncio.

Essa possibilidade o incomodou.

Tentou encontrar alguma coisa dentro dele.

Uma tensão.

Uma pergunta.

Uma palavra não dita.

Nada.

Talvez houvesse silêncios que não escondessem coisa alguma.

Durante meses, aprendera a encontrar sentido no intervalo.

Agora o intervalo lhe devolvia apenas o vazio.

Sentiu vontade de preenchê-lo.

— Você se arrependeu?

Laura parou.

— De quê?

Ele não sabia.

A pergunta havia surgido antes daquilo a que deveria se referir.

— Não sei.

Laura o olhou com uma expressão que ele ainda não conhecia.

— Como posso me arrepender de uma coisa que você não sabe qual é?

Ele tentou sorrir.

Laura não.

— Às vezes você fala comigo como se tivéssemos uma conversa que eu não ouvi.

A frase ficou entre eles.

Dessa vez, não havia ambiguidade.

Ele sentiu o rosto aquecer.

Quis explicar.

Não encontrou por onde começar.

Porque Laura tinha razão.

Havia uma conversa.

Longa.

Minuciosa.

Cheia de perguntas, respostas, recusas, aproximações.

Ele a mantinha havia muito tempo.

Laura não estivera presente em quase nenhuma parte dela.

[...]

— Desculpe.

Foi tudo o que conseguiu dizer.

Laura voltou a caminhar.

Ele a acompanhou.

Depois de alguns passos, ela diminuiu o ritmo.

Não estava zangada.

Isso quase tornou tudo pior.

— Eu gosto de conversar com você — disse ela. — Mas às vezes parece que você já sabe o que eu vou dizer.

— Eu não sei.

— Então espere eu dizer.

Ele assentiu.

A frase era simples.

Espere eu dizer.

Durante alguns minutos, tentou fazer exatamente isso.

Laura falou de uma pessoa que ambos conheciam.

Ele ouviu.

Não procurou outra coisa.

Quando ela terminou, respondeu apenas ao que havia sido dito.

Funcionou.

Depois falou sobre um livro.

Laura discordou dele.

Ele não tentou transformar a discordância em sinal.

Discordaram.

Foi estranhamente agradável.

Por alguns instantes, Laura voltou a ser uma pessoa diante dele.

Não uma pergunta.

Não uma resposta.

Uma pessoa.

Ele sentiu algo próximo de alívio.

[. . .]

Quando se despediram, Laura sorriu.

— Até amanhã.

Ele não sabia que a veria no dia seguinte.

A frase o surpreendeu.

— Amanhã?

— Vou estar por aqui.

Ele assentiu.

Laura partiu.

Ele ficou olhando por alguns segundos.

Então começou.

Até amanhã.

Dessa vez percebeu imediatamente.

A máquina retomava o movimento.

Por que ela dissera?

Queria vê-lo?

Apenas informara que estaria ali?

Esperava que ele aparecesse?

Laura havia dito para esperar que ela dissesse.

Ela dissera:

Até amanhã.

Era uma frase real.

Não precisava acrescentar nada.

Repetiu isso a si mesmo.

Uma vez.

Duas.

Três.

Funcionou durante algum tempo.

Depois uma pequena diferença apareceu.

Laura não havia dito apenas que estaria ali.

Dissera até amanhã.

Havia colocado os dois dentro do dia seguinte.

Ele percebeu a interpretação enquanto ela nascia.

Tentou detê-la.

Não conseguiu.

E, pela primeira vez, sentiu que talvez a Loucura não fosse deixar de saber a diferença entre o que Laura dizia e aquilo que ele acrescentava.

Talvez fosse continuar sabendo.

E acrescentar mesmo assim.

[. . .]

No dia seguinte, chegou cedo.

Não muito.

O suficiente para perceber.

Sentiu irritação consigo mesmo e decidiu caminhar antes de ir ao lugar onde encontraria Laura.

Deu uma volta longa.

Quando retornou, ainda era cedo.

Sorriu.

Havia alguma coisa quase infantil naquela tentativa de enganar o tempo.

Sentou-se.

Esperou.

Dessa vez não procurou a porta.

Olhou para outras coisas.

As pessoas.

As mãos de um homem que falava.

Uma mulher ajeitando a roupa de uma criança.

A sombra que se movia lentamente sobre o chão.

Conseguiu permanecer assim durante alguns minutos.

Então ouviu passos.

Não precisou olhar.

Era Laura.

Teve certeza.

Virou-se.

Não era.

[. . .]

A mulher passou por ele sem perceber.

Sentiu vergonha, embora ninguém tivesse testemunhado o erro.

Era apenas uma mulher caminhando.

Os passos talvez nem fossem semelhantes.

Ainda assim, durante uma fração de segundo, seu corpo reconhecera Laura antes que seus olhos pudessem desmenti-

lo.

Ficou inquieto.

Olhou novamente para a mulher, agora distante.

Tentou descobrir o que havia provocado o engano.

O ritmo?

A maneira de pisar?

Algum ruído da roupa?

Não encontrou.

Talvez não houvesse semelhança alguma.

Talvez estivesse simplesmente esperando demais.

Laura chegou pouco depois.

Dessa vez, ele a viu antes de ouvi-la.

E alguma coisa estranha aconteceu.

Por um instante, precisou confirmar que era ela.

[. . .]

— Você veio.

Laura parecia contente.

Ele se levantou.

— Você disse até amanhã.

Ela sorriu.

— E você obedece a tudo o que eu digo?

A brincadeira o atingiu num lugar inesperado.

— Não sei.

Laura riu.

— Você nunca sabe.

Ele quase respondeu que sabia muitas coisas.

Sabia a hora em que havia chegado.

Sabia quantas vezes olhara para a entrada.

Sabia que confundira os passos de outra mulher com os dela.

Sabia que passara parte da noite tentando não atribuir significado àquelas duas palavras.

Não disse nada.

Laura ainda sorria.

— Vamos?

Ele foi.

[. . .]

Caminharam mais do que de costume.

Não havia destino combinado.

Laura escolheu uma rua, depois outra.

Ele a acompanhou.

Em determinado momento percebeu que já não sabia exatamente onde estavam.

Conhecia o lugar.

Mas havia prestado tão pouca atenção ao caminho que teria dificuldade para refazê-lo.

A percepção o divertiu.

— O que foi? — Laura perguntou.

— Acho que não sei voltar.

— De onde?

Ele ficou em silêncio.

Laura esperou.

Depois riu.

— Não faça isso.

— O quê?

— Transformar tudo em outra coisa.

A frase foi dita com leveza, mas ele sentiu a precisão.

— Eu ia dizer que não sei voltar daqui.

— Mentira.

— Você sabe o que eu ia dizer?

— Não. Mas sei quando você começa.

Ele não perguntou o que ela queria dizer com começa.

Dessa vez, conseguiu.

[. . .]

Mais adiante, Laura parou diante de uma janela.

Havia alguma coisa exposta atrás do vidro.

Ele não prestou atenção.

Observou o reflexo.

Os dois apareciam lado a lado.

Laura olhava para dentro.

Ele olhava para Laura através do vidro.

Então ela percebeu.

Os olhos dos dois se encontraram no reflexo.

Nenhum se virou.

Foi um instante diferente dos outros.

Ele podia vê-la sem olhar diretamente.

Laura podia vê-lo olhando.

O vidro permitia aquilo que os dois talvez interrompessem se estivessem frente a frente.

Laura sustentou o olhar.

Ele também.

Por alguns segundos, não houve necessidade de interpretar.

O acontecimento estava inteiro ali.

Depois Laura se virou.

— Era isso?

Ele não compreendeu.

— O quê?

— O jeito que você me olha.

Ele sentiu o corpo perder a posição confortável que havia encontrado.

— Não sei.

Laura sorriu.

— Eu vi.

[. . .]

Continuaram andando.

Dessa vez, o silêncio tinha alguma coisa dentro.

Ele não precisava inventar.

Laura havia visto.

Não a intenção.

Não o amor.

Não tudo aquilo que ele carregava havia tanto tempo.

Mas havia visto o olhar.

Era suficiente.

Sentiu uma espécie de alívio.

Como se uma parte do segredo tivesse deixado de depender apenas dele.

Pouco depois, Laura tocou seu braço.

No mesmo lugar.

Ou ele acreditou que fosse.

O gesto durou quase nada.

Dessa vez, não tentou apagar.

[. . .]

Quando se separaram, ele refez sozinho o caminho.

Reconheceu cada rua.

Não estava perdido.

Nunca estivera.

Ainda assim, a pergunta de Laura voltou.

De onde?

Ele pensou nela durante muito tempo.

Voltar de onde?

Da igreja?

Do primeiro olhar?

Da primeira vez que percebeu a ausência?

Da palavra ainda?

Do instante diante do vidro?

Talvez houvesse um ponto anterior a todos eles.

Um lugar em que Laura ainda não significava Laura.

Tentou encontrá-lo.

Não conseguiu.

Tudo o que lembrava antes dela parecia agora pertencer a um tempo que conduzia até ela.

Foi isso que mais o perturbou.

Laura começava a modificar não apenas aquilo que viria.

Começava a modificar aquilo que já havia acontecido.

O passado também aprendia a procurá-la.

[. . .]

Começou pelas lembranças mais antigas.

Não sabia por quê.

Talvez quisesse encontrar alguma prova de que existira inteiro antes de Laura.

Uma casa.

Uma janela aberta durante uma manhã de verão.

O rosto de alguém cujo nome já não lembrava.

Uma viagem.

Uma tarde de chuva.

As imagens vinham sem dificuldade.

Laura não estava nelas.

Era evidente.

Mesmo assim, alguma coisa havia mudado.

Ele olhava para aquele homem anterior e reconhecia nele uma espécie de ignorância.

Não lhe faltava Laura.

Não poderia faltar aquilo que não conhecia.

Mas agora parecia faltar.

Essa era a alteração.

O presente entrava no passado e produzia ausências onde nunca houvera falta.

[. . .]

Tentou recordar uma mulher que amara muitos anos antes.

O rosto veio incompleto.

Lembrou-se melhor das circunstâncias do que dela.

Uma conversa.

Uma despedida.

O desejo que parecera enorme e depois desaparecera sem que percebesse exatamente quando.

Isso o tranquilizou.

Talvez acontecesse novamente.

Tudo o que parecia definitivo acabava encontrando uma maneira de terminar.

Pensou em Laura.

Imediatamente, a comparação lhe pareceu ofensiva.

Por quê?

Não soube responder.

A outra mulher também fora real.

Também fora desejada.

Também ocupara pensamentos que, naquela época, pareciam impossíveis de abandonar.

Agora mal conseguia reconstruir seu rosto.

Sentiu medo.

Não de Laura desaparecer.

De que um dia pudesse lembrar-se dela daquela maneira.

Um gesto sem rosto.

Uma circunstância.

Um nome que já não produzisse nada.

Foi a primeira vez que imaginou um futuro em que Laura existiria apenas como passado.

Recusou-o.

[. . .]

Nos dias seguintes, começou a guardar coisas.

Não objetos.

Frases.

Laura dizia alguma coisa e ele a repetia depois, tentando conservar as palavras na ordem exata.

Às vezes escrevia.

Pouco.

Uma frase.

Uma palavra.

Uma circunstância.

Nada que permitisse a outra pessoa compreender.

Não escrevia Laura.

Não precisava.

Sabia a quem pertenciam.

Disse que não gosta de despedidas.

Riu antes de terminar.

Hoje prendeu o cabelo.

Perguntou se eu havia dormido.

Fragmentos.

Quando os relia, pareciam menores do que aquilo que desejava preservar.

Faltava a voz.

Faltava o instante.

Faltava Laura.

Acrescentava uma palavra.

Depois outra.

Parava.

Percebeu que, se continuasse, acabaria escrevendo não o que acontecera, mas aquilo que gostaria de lembrar.

Dobrou as folhas.

Guardou-as.

[. . .]

Certa tarde, Laura encontrou uma delas.

Não deveria.

Ele havia deixado o papel entre as páginas de um livro.

Laura pediu o livro.

Ele entregou.

A folha caiu.

Os dois olharam.

Ele reconheceu antes que ela se abaixasse.

Laura foi mais rápida.

— O que é isso?

— Nada.

Ela riu.

— Claro.

Abriu.

Ele poderia ter tomado o papel de sua mão.

Não tomou.

Laura leu.

Riu antes de terminar.

Depois:

Hoje prendeu o cabelo.

O sorriso desapareceu lentamente.

Não por irritação.

Parecia tentar compreender.

Ele sentiu uma exposição muito maior do que se tivesse escrito uma declaração.

Laura levantou os olhos.

— Sou eu?

Ele poderia mentir.

A pergunta permitia.

— É.

Ela tornou a olhar o papel.

— Por que você escreve essas coisas?

Dessa vez, ele sabia.

— Para não esquecer.

Laura ficou imóvel.

Foi apenas um instante.

Mas alguma coisa no rosto dela mudou.

— Você tem medo de me esquecer?

A pergunta parecia absurda agora que vinha dela.

Ele nunca a havia formulado dessa maneira.

— Tenho.

Laura dobrou a folha.

Uma vez.

Depois outra.

Entregou-a.

— Talvez esquecer também seja necessário.

Ele recebeu o papel.

— Você gostaria que eu esquecesse?

Laura demorou.

— Não foi isso que eu disse.

Outra vez.

O que ela dizia.

Aquilo que ele ouvia.

Por alguns segundos, conseguiu mantê-los separados.

[. . .]

Naquela noite, abriu a folha.

As dobras atravessavam as frases.

Não conseguiu deixar de pensar que haviam sido feitas pelas mãos de Laura.

O papel, que antes servia para conservar uma lembrança, agora possuía outra.

Passou o dedo sobre uma das dobras.

Percebeu o gesto.

Parou.

Riu de si mesmo.

Depois guardou a folha com mais cuidado do que antes.

Foi então que compreendeu que já não conservava apenas Laura.

Conservava tudo aquilo que Laura tocava.

A percepção deveria tê-lo assustado.

Não assustou.

E talvez fosse isso que deveria assustá-lo.

[. . .]

O medo também mudou.

Antes vinha acompanhado de uma pergunta.

O que está acontecendo comigo?

Agora já não perguntava.

Reconhecia o movimento e deixava que acontecesse.

Havia nisso uma tranquilidade nova, quase confortável.

Era mais fácil não resistir.

Quando Laura aparecia no pensamento, ele não tentava afastá-la.

Quando uma lembrança se modificava, já não procurava corrigir cada detalhe.

Quando uma coincidência parecia significativa, permitia que significasse.

Não precisava acreditar.

Bastava não negar.

Essa diferença era pequena.

E enorme.

[. . .]

Começou a falar com Laura quando ela não estava.

Não em voz alta.

Eram frases breves que surgiam diante das coisas.

Você gostaria disso.

Você discordaria.

Aqui você riria.

Às vezes imaginava a resposta.

No início, percebia imediatamente.

Era ele.

Sabia.

Conhecia Laura o suficiente para supor algumas reações, mas não o suficiente para ter certeza.

Ainda assim, a Laura imaginada começou a responder com uma naturalidade crescente.

Não dizia coisas extraordinárias.

Por isso parecia convincente.

Discordava.

Interrompia.

Fazia perguntas.

Às vezes permanecia em silêncio.

Ele não escolhia conscientemente nenhuma dessas respostas.

Elas simplesmente vinham.

Isso o fascinou.

Havia construído dentro de si uma Laura capaz de surpreendê-lo.

[. . .]

Quando encontrava a verdadeira, acontecia algo curioso.

Algumas vezes Laura dizia exatamente aquilo que ele imaginara.

Sentia então uma alegria secreta.

Eu sabia.

Em outras, dizia o contrário.

Essas diferenças deveriam enfraquecer a outra Laura.

Não enfraqueciam.

Ele apenas a corrigia.

A Laura interior aprendia.

Incorporava uma expressão nova.

Uma opinião.

Uma maneira de recusar.

Uma palavra que ela usava com frequência.

Depois voltava mais precisa.

Era alimentada pela mulher real e, ao mesmo tempo, começava a existir sem ela.

Ele percebeu isso.

Não interrompeu.

[. . .]

Certa manhã, enquanto lia, encontrou uma frase que Laura certamente apreciaria.

Marcou a página.

Pensou em mostrar a ela.

Depois imaginou a conversa.

Laura leria.

Ficaria algum tempo em silêncio.

Diria que não concordava inteiramente.

Ele perguntaria por quê.

Ela responderia de uma maneira que o faria reconsiderar a frase.

A conversa continuou.

Quando percebeu, havia deixado o livro de lado.

Laura estava sentada diante dele.

Não como imagem.

Como interlocutora.

Ele sabia que a cadeira estava vazia.

Sabia que não havia voz no quarto.

Sabia que tudo acontecia dentro dele.

Ainda.

Mesmo assim, respondeu a uma pergunta que ela não fizera.

Só percebeu depois.

[. . .]

Fechou o livro.

Levantou-se.

A inquietação voltou.

Dessa vez, não era a presença de Laura que o perturbava.

Era a facilidade.

Não precisara esforçar-se para imaginá-la.

Não fechara os olhos.

Não procurara uma lembrança.

Laura simplesmente entrara na continuidade do pensamento.

Como se já tivesse um lugar preparado.

Foi até a janela.

Olhou a rua.

Precisava das coisas.

Uma carroça passou.

Um homem discutia com outro.

Uma criança corria atrás de alguma coisa que ele não conseguia ver.

Nomeou mentalmente o que estava diante dele.

Janela.

Pedra.

Rua.

Homem.

Árvore.

Queria devolver a cada coisa seu limite.

Funcionou.

Laura desapareceu.

Sentiu alívio.

Depois sentiu falta.

[...]

Encontrou-a naquela tarde.

Laura percebeu imediatamente que alguma coisa estava diferente.

— Você parece cansado.

— Dormi mal.

Era mentira.

Dormira bem.

A resposta saíra porque era simples.

Laura aceitou.

Ele sentiu culpa.

Não pela mentira.

Pelo alívio de ela ter acreditado.

Conversaram.

Enquanto Laura falava, ele comparou sua voz àquela que ouvira pela manhã dentro de si.

E percebeu uma diferença que o desconcertou.

A voz imaginada era mais próxima.

Não mais verdadeira.

Mais próxima.

A verdadeira precisava atravessar o espaço entre os dois.

A outra não.

[. . .]

Laura interrompeu a frase.

— Você está fazendo de novo.

— O quê?

— Indo embora.

Ele sentiu um arrepio.

— Eu estou aqui.

— Seu corpo está.

A frase ficou suspensa.

Laura pareceu arrepender-se de tê-la dito.

Olhou para outro lado.

Ele poderia ter perguntado onde ela imaginava que ele estivesse.

Não perguntou.

Porque sabia.

Estava com Laura.

E Laura estava diante dele.

Pela primeira vez, as duas não ocupavam o mesmo lugar.

Ele olhou para a mulher real.

Tentou permanecer apenas ali.

O rosto.

A voz.

As mãos.

A pequena marca junto ao olho que nunca havia colocado em nenhuma lembrança.

Fixou-se nela.

Naquela imperfeição mínima.

Laura percebeu.

— O que você está olhando?

Ele quase respondeu:

Você.

Mas já não tinha certeza de que a palavra fosse suficiente.

— Uma coisa que eu nunca tinha visto.

Laura levou a mão ao rosto.

— O quê?

Ele sorriu.

— Nada.

Ela retirou a mão lentamente.

— Seu nada está ficando cada vez maior.

Ele não respondeu.

Laura também não.

E, por alguns segundos, os dois olharam para aquilo que não estava entre eles.

[. . .]

Depois daquele encontro, a frase de Laura permaneceu.

Seu nada está ficando cada vez maior.

Ele tentou tratá-la como brincadeira.

Não conseguiu.

Havia alguma coisa precisa demais nela.

O nada realmente crescera.

No início fora apenas aquilo que não sabia nomear no rosto de Laura.

Depois se tornara o silêncio.

A espera.

A ausência.

As coincidências.

As palavras não ditas.

Agora começava a ocupar também aquilo que acontecia.

Quanto mais havia entre os dois, maior parecia o espaço para aquilo que não havia.

Era uma contradição que ele já não tentava resolver.

Passara a habitá-la.

[. . .]

Laura começou a procurá-lo com mais frequência.

Não de maneira evidente.

Às vezes aparecia onde sabia que ele estaria.

Outras, fazia chegar uma pergunta por alguém.

Uma vez deixou um livro para ele.

Nada disso poderia ser confundido com indiferença.

Ele percebeu.

E aconteceu o contrário do que imaginara durante tanto tempo.

Não ficou mais seguro.

Ficou mais inquieto.

Enquanto o desejo existira quase sozinho, podia atribuir seus excessos à falta.

Agora Laura também se aproximava.

A distância diminuía.

E ele descobria que não sabia o que fazer com a proximidade.

[. . .]

O livro permaneceu sobre a mesa durante horas antes que o

abrisse.

Laura havia dito apenas:

— Acho que você vai gostar.

Ele poderia ter começado a ler imediatamente.

Não começou.

O objeto parecia carregar uma intimidade que não possuía.

Laura o segurara.

Escolhera.

Pensara nele antes de entregá-lo.

Esses três fatos bastaram para que o livro deixasse de ser apenas um livro.

Ele percebeu o mecanismo.

Sorriu.

Abriu.

Leu algumas páginas.

Não gostou.

A descoberta quase o fez rir.

Tentou continuar.

Talvez melhorasse.

Não melhorou.

Fechou o livro.

Ficou olhando para a capa.

Pela primeira vez, alguma coisa escolhida por Laura para ele não produzia aquilo que deveria produzir.

Sentiu alívio.

Depois riu.

Era possível não gostar de um livro que Laura gostava.

O mundo sobreviveria.

[. . .]

Quando devolveu, decidiu dizer a verdade.

— Não gostei.

Laura arregalou os olhos.

— Eu sabia.

— Sabia?

Ela riu.

— Queria ver se você diria.

Ele não compreendeu imediatamente.

— Então por que me deu?

— Porque você concorda demais comigo.

A frase o atingiu.

— Eu discordo de você.

— Dentro da sua cabeça, talvez.

Ele ficou em silêncio.

Laura percebeu.

— Não faça essa cara.

— Que cara?

— Essa de quem vai passar três dias pensando numa frase.

Ele riu.

— Talvez dois.

— Um já seria demais.

Ela tomou o livro de suas mãos.

O gesto era simples.

Dessa vez ele conseguiu deixá-lo simples.

Quase.

[. . .]

A conversa continuou.

Discutiram o livro.

Laura defendeu justamente aquilo que ele considerava fraco.

Ele respondeu.

Ela insistiu.

Em algum momento, percebeu que já não estava observando o modo como Laura falava.

Estava ouvindo o que dizia.

Discordou outra vez.

Laura se irritou.

Ele também.

Foi uma irritação pequena, viva, quase alegre.

Pela primeira vez, não havia uma Laura ideal para

proteger.

Havia duas opiniões.

Dois argumentos.

Duas pessoas.

Quando perceberam que a discussão já não levaria a lugar algum, riram.

Ele sentiu uma leveza inesperada.

Talvez fosse possível amar sem transformar tudo.

Talvez Laura pudesse permanecer Laura.

[. . .]

Foi ela quem retomou o assunto mais tarde.

— Posso perguntar uma coisa?

— Pode.

— Por que eu?

Ele não respondeu.

Laura sorriu.

— Começou.

— O quê?

— Você sabe.

Sabia.

Aquela suspensão.

O instante em que procurava uma resposta que contivesse tudo e, por isso, nenhuma parecia suficiente.

— Não sei.

Laura suspirou.

— Isso eu já conheço.

— É verdade.

— Você não sabe por que me olha daquele jeito?

Ele pensou na igreja.

Na luz.

No gesto.

Na primeira vez que ouvira o nome.

Pensou em todas as explicações que havia tentado construir.

Nenhuma sobrevivia inteira.

— Não.

Laura ficou séria.

— Nada em mim?

A pergunta mudou alguma coisa.

Até então, ele procurara justamente isso.

Alguma coisa nela.

Um traço.

Uma causa.

Uma particularidade capaz de justificar todo o resto.

Agora, diante da pergunta, percebeu que qualquer resposta diminuiria Laura.

Os olhos.

A voz.

Um gesto.

A maneira de baixar a cabeça.

Tudo era verdadeiro.

Nada era suficiente.

— Há muitas coisas em você.

— Então diga uma.

Ele tentou.

Não conseguiu.

Laura esperou.

— Não começou com uma coisa que eu pudesse escolher.

Ela franziu ligeiramente a testa.

— Como assim?

— Eu vi você.

— Isso eu sei.

— Não. Acho que não sabe.

Laura ficou imóvel.

Ele percebeu que, pela primeira vez, estava muito próximo de dizer aquilo que evitara desde o início.

Não uma declaração.

Algo talvez mais perigoso.

— Quando vi você, alguma coisa mudou antes que eu pudesse decidir se queria que mudasse.

Laura não desviou os olhos.

— E você chama isso de quê?

Ele poderia finalmente dizer.

Amor.

A palavra estava ali.

Tão próxima que quase perdeu o sentido.

Não disse.

[. . .]

Laura esperou.

Depois perguntou:

— Ainda não sabe?

Ele sentiu a palavra.

Ainda.

A mesma.

Talvez Laura não se lembrasse de tê-la usado antes.

Ele se lembrava.

Por um instante, as duas frases se tocaram dentro dele.

Não sei se ainda é acaso.

Ainda não sabe?

Sentiu o velho movimento começar.

A aproximação.

A ligação.

O caminho construído entre coisas que talvez nunca tivessem pertencido uma à outra.

Dessa vez, porém, não tentou impedir.

Olhou para Laura.

— Talvez eu saiba.

Ela permaneceu em silêncio.

— E?

Ele respirou.

Era tão simples.

Uma palavra.

A palavra que explicaria tudo.

Ou pareceria explicar.

Abriu a boca.

Nada.

Laura sorriu, mas havia tristeza no sorriso.

— Seu nada.

Ele baixou os olhos.

Quando tornou a levantá-los, ela já olhava para outro lugar.

Foi então que compreendeu que o silêncio também podia ferir aquilo que pretendia proteger.

E, pela primeira vez, não soube se a distância ainda estava protegendo o amor ou começava a destruí-lo.

[. . .]

Nos dias seguintes, Laura manteve uma distância que ele não soube medir.

Não desapareceu.

Não o evitou.

Falava quando se encontravam, sorria quando havia motivo, escutava.

Tudo parecia igual.

Não era.

Havia desaparecido alguma coisa pequena.

Ele procurou descobrir o quê.

Talvez a espera antes de uma despedida.

Talvez a facilidade com que Laura prolongava uma conversa.

Talvez apenas aquilo que ele agora esperava encontrar.

Não perguntou.

A pergunta anterior ainda estava entre eles.

E você chama isso de quê?

Ele não respondera.

Agora começava a compreender que o silêncio também era uma resposta.

[. . .]

Tentou dizer na vez seguinte.

Preparou a palavra antes de encontrá-la.

Amor.

Pronunciou-a sozinho.

Parecia excessiva.

Tentou outra vez.

Na segunda, pareceu falsa.

Na terceira, já não sabia se nomeava o que sentia ou apenas aquilo que aprendera a chamar assim.

Desistiu.

Quando Laura apareceu, ele tinha uma frase inteira preparada.

Não usou nenhuma palavra dela.

Conversaram sobre outras coisas.

Ela não retomou a pergunta.

Isso o incomodou.

Queria outra oportunidade.

Mas queria que fosse Laura quem a oferecesse.

Percebeu o absurdo.

Ela já havia perguntado.

Era ele quem precisava responder.

[. . .]

Passaram alguns dias.

A palavra começou a persegui-lo justamente porque não fora dita.

Encontrava-a nos lugares mais banais.

Numa conversa alheia.

Numa página.

Numa frase ouvida pela metade.

Cada vez que surgia, pensava em Laura.

Depois começou a acontecer o contrário.

Pensava em Laura e a palavra vinha.

Amor.

Tentava afastá-la.

Voltava.

Não como descoberta.

Como insistência.

Talvez certas palavras só adquirissem verdade depois de resistirem à tentativa de evitá-las.

Ele ainda não sabia.

[. . .]

Encontrou Laura sozinha no fim de uma tarde.

Ela parecia apressada.

Cumprimentou-o e continuaria andando.

— Laura.

Foi a primeira vez que pronunciou o nome dela daquele modo.

Não para chamá-la de longe.

Não dentro de si.

Para fazê-la parar.

Laura parou.

Virou-se.

Ele havia imaginado aquele momento tantas vezes que a realidade lhe pareceu estranhamente simples.

Não havia luz especial.

Nenhum silêncio ao redor.

Laura apenas esperava.

— Outro dia você me perguntou uma coisa.

Ela demorou um instante.

— Perguntei muitas.

— Aquela.

Laura compreendeu.

Ele viu no rosto.

— Não precisa responder.

A frase o surpreendeu.

— Por quê?

— Porque talvez eu não devesse ter perguntado.

— Eu queria responder.

— Então por que não respondeu?

Não havia defesa possível.

— Tive medo.

Laura olhou para ele com atenção.

— De mim?

— Não.

— De quê?

Ele quase disse não sei.

Percebeu antes.

Laura também.

Por um instante, os dois sorriram.

— Dessa vez não — ele disse.

O sorriso dela permaneceu.

— Então?

Ele respirou.

— De dizer e depois não poder voltar para antes de ter dito.

Laura baixou os olhos.

O gesto.

Outra vez.

Mas agora ele não procurou o que significava.

Esperou.

Como ela havia pedido.

[. . .]

Quando Laura levantou o rosto, havia alguma coisa diferente.

Não tristeza.

Não alegria.

Talvez cuidado.

— E você acha que ainda pode voltar?

Ele sentiu a pergunta atravessar tudo aquilo que pensara nos últimos dias.

Voltar.

A palavra já havia aparecido antes.

Agora vinha dela.

— Não.

Laura assentiu muito devagar.

— Então talvez não seja isso que dá medo.

Ele não perguntou o que era.

Sabia que ela também não tinha a resposta.

Ficaram em silêncio.

Dessa vez, o silêncio não escondia.

Esperava.

[. . .]

— Eu amo você.

Depois de tanto tempo, a frase foi pequena.

Nenhuma coisa se moveu.

Laura permaneceu diante dele.

As pessoas continuaram passando.

Uma voz chamou alguém ao longe.

A tarde continuou perdendo luz.

Ele esperou sentir alguma transformação.

Não sentiu.

Talvez porque a transformação tivesse acontecido muito antes.

A frase chegara atrasada.

Laura fechou os olhos por um instante.

Quando tornou a abri-los, ele percebeu que agora era ela quem não sabia o que dizer.

Isso lhe produziu uma ternura inesperada.

Durante tanto tempo, fora ele quem carregara o excesso das palavras.

Agora havia entregado uma.

Laura precisava recebê-la.

[. . .]

— Eu sei — ela disse.

Ele não esperava.

— Sabia?

Laura quase sorriu.

— Você realmente achava que não?

Ele pensou em todos os cuidados.

Nos desvios.

Nas explicações.

Nas coincidências cuidadosamente fabricadas.

Na tentativa de esconder o olhar.

Sentiu-se ridículo.

— Talvez.

— Você olha para mim como se eu fosse desaparecer.

A frase o atingiu de maneira diferente.

Não havia desaparecimento.

Laura estava ali.

Viva.

Próxima.

Ele nunca havia pensado exatamente assim.

Ou talvez tivesse pensado desde o começo sem formular.

— Eu não quero que você desapareça.

Laura ficou séria.

— Eu não vou desaparecer.

Era uma frase comum.

Quase tranquilizadora.

Ele deveria tê-la recebido assim.

Não recebeu.

Alguma coisa naquela certeza o inquietou.

Não soube por quê.

[. . .]

Laura se aproximou um pouco.

Não o suficiente para tocar.

A distância entre os dois tornou-se pequena.

Ele percebeu que, durante tanto tempo, desejara aquele momento sem jamais imaginá-lo de verdade.

Imaginara palavras.

Olhares.

Possibilidades.

Não aquilo.

Laura diante dele depois de saber.

O amor já não estava escondido.

E, ao deixar de estar escondido, parecia mais vulnerável.

— E agora? — ela perguntou.

Ele não sabia.

Era estranho.

Passara tanto tempo tentando chegar até ali que nunca pensara no que existiria depois.

— Agora nada.

Laura riu muito baixo.

— Seu nada outra vez.

Ele também sorriu.

Mas a palavra já não tinha o mesmo sentido.

Antes, o nada era aquilo que ele acrescentava.

Agora havia alguma coisa real entre os dois.

Uma coisa dita.

Irreversível.

Laura sabia.

Ele sabia que Laura sabia.

E, ainda assim, a distância permanecia.

Talvez tivesse até aumentado.

Porque agora podia ser vista dos dois lados.

[. . .]

Despediram-se sem decidir nada.

Laura seguiu seu caminho.

Ele ficou.

Não sentiu a alegria que esperara.

Também não sentiu tristeza.

Havia uma espécie de suspensão.

Durante anos, talvez se lembrasse daquele instante como o momento em que finalmente dissera.

Mas, enquanto acontecia, pareceu apenas uma tarde terminando.

Começou a caminhar.

A frase voltou:

Eu não vou desaparecer.

Repetiu-a.

Sentiu alívio.

Repetiu.

Na terceira vez, percebeu que havia retirado o resto da

conversa.

Na quarta, já havia apenas:

Não vou desaparecer.

Na quinta:

desaparecer.

Parou.

Olhou ao redor.

Não havia razão para aquela palavra ter ficado.

Laura havia dito justamente o contrário.

Continuou andando.

Tentou recuperar a frase inteira.

Eu não vou desaparecer.

Funcionou.

Por alguns passos.

Depois restou novamente a última palavra.

Desaparecer.

[...]

A palavra atravessou a noite.

Não como presságio.

Ele recusou essa ideia assim que apareceu.

Laura não havia anunciado uma partida. Não havia ameaça. Não havia doença, viagem, despedida. Nada no mundo justificava que uma palavra arrancada de uma frase tranquilizadora adquirisse tamanho peso.

Ainda assim:

desaparecer.

Tentou substituí-la.

Ficar.

Laura dissera que ficaria.

Ou, pelo menos, dissera que não desapareceria.

Não era a mesma coisa.

Percebeu a diferença e irritou-se consigo.

Estava fazendo novamente.

Separando palavras.

Abrindo espaços.

Procurando sentidos naquilo que talvez não tivesse nenhum além do evidente.

Dessa vez conseguiu interromper.

Dormiu.

[. . .]

Ao acordar, não pensou em Laura.

Isso durou alguns segundos.

Depois lembrou-se de que não havia pensado nela.

E Laura voltou.

Mas havia algo diferente.

Ele havia dito.

A constatação trouxe uma calma inesperada.

Não precisava mais esconder o amor de Laura.

Podia esconder muitas outras coisas.

O excesso.

As interpretações.

As conversas que mantinha com ela quando ela não estava.

As coincidências que colecionava.

O medo absurdo de esquecê-la.

Mas o amor, não.

Laura sabia.

Levantou-se com a sensação de que alguma coisa havia se tornado mais simples.

Talvez pudesse começar dali.

[. . .]

Quando se encontraram, Laura parecia a mesma.

Isso o surpreendeu.

Esperara alguma alteração.

Um constrangimento.

Uma intimidade nova.

Talvez uma distância.

Nada.

Ela o cumprimentou como fazia habitualmente.

Conversaram.

Ele começou a duvidar da tarde anterior.

Não de que tivesse acontecido.

Da importância.

Talvez para Laura aquela declaração tivesse apenas confirmado algo que já sabia.

A ideia o feriu.

Queria que suas palavras tivessem produzido nela uma mudança proporcional àquela que Laura produzira nele.

Percebeu imediatamente a injustiça.

Amar não concedia esse direito.

Mesmo assim, esperava.

[. . .]

Foi Laura quem interrompeu a conversa.

— Você está esperando alguma coisa.

Ele quase negou.

— Estou?

— Está.

— O quê?

— Isso eu não sei.

Ele olhou para ela.

Laura parecia divertida.

— Desde que chegou, você está esperando que eu diga alguma coisa.

Era verdade.

— Talvez.

— Sobre ontem?

Ele assentiu.

Laura ficou séria.

— Eu pensei.

O corpo dele respondeu antes da razão.

Uma pequena tensão.

Laura percebeu.

— Está vendo?

— O quê?

— Isso.

— Isso o quê?

Ela hesitou.

— Parece que qualquer palavra minha pode mudar tudo.

Ele não respondeu.

Porque era exatamente assim.

Laura continuou:

— E eu tenho medo de dizer uma palavra errada.

Foi a primeira vez que ele percebeu medo nela.

Não o medo que havia imaginado tantas vezes.

Um medo verdadeiro, dito por Laura.

E, justamente por ser verdadeiro, não sabia o que fazer com ele.

[. . .]

— Não existe palavra errada.

Laura sorriu sem alegria.

— Para você existe.

Ele quis negar.

Não conseguiu.

Ela conhecia agora alguma coisa dele que ele próprio começava a reconhecer.

— Você guarda tudo.

Ele pensou nas folhas.

Nas frases.

Na dobra feita pelas mãos dela.

— Nem tudo.

— Quase tudo.

A palavra passou entre os dois sem importância aparente.

Ele sentiu.

Laura não.

Ou não demonstrou.

Dessa vez, deixou passar.

— Eu não quero ter cuidado o tempo inteiro — ela disse.

— Comigo?

— Com o que você vai fazer com aquilo que eu disser.

A frase doeu porque não havia crueldade nela.

Laura não o acusava.

Estabelecia um limite.

[. . .]

Ele pensou antes de responder.

Laura percebeu e quase sorriu.

— Estou fazendo de novo — disse ele.

— Está.

— Tentando encontrar a resposta certa.

— Está.

— Não tenho.

— Melhor.

Ficaram em silêncio.

Depois ele perguntou:

— O que você quer que eu faça?

Laura demorou.

— Que me escute uma vez só.

Ele não compreendeu.

— Uma vez?

— Sem repetir depois. Sem procurar outra coisa. Sem tentar descobrir o que eu queria dizer além do que eu disse.

Ele sentiu uma resistência imediata.

Não contra Laura.

Contra a impossibilidade daquilo que ela pedia.

Como ouvir uma coisa apenas uma vez?

Como impedir que uma frase voltasse?

Como escolher o que a memória faria depois?

— Eu posso tentar.

Laura assentiu.

— Tente.

[. . .]

Ela respirou fundo.

Ele esperou.

— Eu gosto de você.

A frase chegou.

Ele não se moveu.

Laura continuou:

— Mais do que deveria.

Ele sentiu a segunda frase procurar imediatamente a primeira.

Gosto de você.

Mais do que deveria.

Já começava.

O que significava mais?

Por que deveria?

Até onde?

Desde quando?

Laura percebeu alguma coisa no rosto dele.

— Não.

Ele piscou.

— O quê?

— Você já começou.

Ele quase riu.

Era verdade.

— Desculpe.

— Não peça desculpas. Só escute.

Ele respirou.

Laura tornou a dizer:

— Eu gosto de você.

Parou.

— Isso é tudo.

Ele esperou o restante.

Não veio.

E pela primeira vez tentou deixar uma frase terminar exatamente onde Laura a havia terminado.

[. . .]

Foi difícil.

A frase parecia pequena demais.

Mas permaneceu.

Eu gosto de você.

Sem futuro.

Sem promessa.

Sem explicação.

Sem destino.

Ele percebeu quanto precisava acrescentar para transformar uma coisa simples em alguma coisa capaz de sustentar tudo o que sentia.

Laura não oferecia tudo.

Oferecia aquilo.

E aquilo teria de bastar.

— Está bem - disse.

Laura o observou.

— Está?

Ele quase respondeu que não sabia.

Sorriu.

— Está.

Ela sorriu também.

Por alguns instantes, foi verdade.

[. . .]

Mais tarde, sozinho, a frase voltou.

Ele não a chamou.

Eu gosto de você.

Tentou não continuar.

Conseguiu.

A frase repetiu-se.

Igual.

Na terceira vez, apareceu a outra:

Mais do que deveria.

Ele fechou os olhos.

Não.

Laura havia pedido.

Uma vez só.

Abriu os olhos.

Olhou para as coisas ao redor.

Esperou.

A frase desapareceu.

Sentiu uma pequena vitória.

Então veio outra palavra.

Não pertencia àquela conversa.

Vinha da anterior.

Desaparecer.

Ele levantou-se.

Foi até a janela.

A rua estava vazia.

Não havia Laura.

Não havia ninguém.

E, pela primeira vez, a palavra não lhe pareceu anunciar

que Laura desapareceria.

Pareceu dizer outra coisa.

Talvez aquilo que estivesse desaparecendo fosse a distância entre a Laura que existia e a Laura que ele havia criado.

Não soube se isso era cura.

Ou perda.

[. . .]

Durante alguns dias, tentou conservar essa dúvida.

Cura.

Perda.

As duas palavras pareciam apontar para direções contrárias, mas produziam nele a mesma inquietação.

Se a Laura inventada desaparecesse, restaria Laura.

Isso deveria ser bom.

Era o que ela lhe pedira sem pedir.

Escutá-la uma vez.

Deixá-la terminar as frases.

Permitir que seus gestos fossem apenas gestos.

A Laura que ele inventara não era uma impostora.

Tinha nascido da outra.

Da luz sobre o rosto.

Da voz.

Do primeiro sorriso.

Do modo como ela baixava os olhos.

Do toque no braço.

Tudo nela começara em Laura.

Em que momento deixara de ser Laura?

Não encontrou.

Talvez nunca tivesse deixado.

Talvez fosse justamente esse o problema.

[. . .]

Começou a observar menos.

Era um exercício.

Quando Laura falava, procurava permanecer nas palavras.

Quando sorria, não guardava.

Quando se despediam, não reconstruía o encontro.

Nos primeiros dias, sentiu-se estranhamente vazio.

Como se tivesse deixado de fazer alguma coisa necessária.

O tempo com Laura terminava quando Laura partia.

Essa era a regra.

Funcionou numa tarde.

Na seguinte, quase.

Na terceira, percebeu que começava a contar.

Não as palavras.

Os dias.

Quantos haviam passado desde a declaração.

Quantos desde que Laura dissera que gostava dele.

Quantas vezes se encontraram depois.

A contagem surgiu sem intenção.

Ele interrompeu.

Depois recomeçou do princípio para ter certeza de que havia contado errado.

[. . .]

Laura parecia mais tranquila.

Talvez porque ele também parecesse.

As conversas ficaram mais simples.

Havia momentos em que nenhum dos dois precisava proteger aquilo que já sabiam.

O amor fora dito.

O afeto de Laura também.

Não havia razão para continuar circulando ao redor das palavras.

Mas havia o marido.

Ele permanecera quase invisível durante algum tempo, embora nunca tivesse desaparecido.

Agora voltava.

Não como rival.

Como realidade.

Laura mencionava a casa.

Um compromisso.

Uma viagem que talvez fizessem.

Uma decisão tomada pelos dois.

Pequenas frases devolviam ao marido aquilo que o desejo havia tentado reduzir a uma presença lateral.

Ele não era lateral.

Era parte da vida de Laura.

[. . .]

Certa vez, Laura percebeu o silêncio que veio depois de mencionar uma viagem.

— O que foi?

Ele pensou em responder nada.

Sorriu antes.

Laura também.

— Estou aprendendo.

— Devagar.

— Muito devagar.

Ela esperou.

Ele tentou dizer apenas aquilo que havia.

— Não gosto de imaginar você longe.

Laura assentiu.

Não houve surpresa.

— Eu volto.

A frase era simples.

Ele sentiu imediatamente a outra.

Eu não vou desaparecer.

Dessa vez não deixou que as duas se tocassem.

— Eu sei.

Laura pareceu satisfeita.

Continuaram conversando.

Mas a viagem já existia.

Ainda não tinha data.

Talvez nem acontecesse.

Mesmo assim, a distância adquirira uma forma futura.

[. . .]

Naquela noite, ele pensou pouco na viagem.

Isso o surpreendeu.

Dormiu.

No dia seguinte, ocupou-se de outras coisas.

Só no fim da tarde percebeu que conseguira atravessar quase um dia inteiro sem imaginar Laura partindo.

Sentiu-se bem.

Talvez fosse possível.

Talvez aquilo que chamara de amor pudesse perder o excesso sem perder Laura.

A ideia trouxe uma paz que havia muito não sentia.

Foi então que percebeu que começava a desejar a cura.

A palavra já não parecia uma ameaça.

Cura não de Laura.

Cura da necessidade de transformá-la em tudo.

[. . .]

Encontraram-se no dia seguinte.

Laura estava especialmente alegre.

Falou muito.

Ele gostou de vê-la assim.

Não tentou descobrir a causa.

Em determinado momento, ela interrompeu a própria fala.

— Você está diferente.

— Melhor ou pior?

— Não sei.

Ele riu.

— Agora é você.

Laura também riu.

Depois ficou séria.

— Parece mais longe.

A frase o surpreendeu.

Durante tanto tempo, tudo o que fizera fora tentar aproximar-se.

Agora que começava a devolver a Laura alguma liberdade, ela percebia distância.

— Isso incomoda você?

Laura demorou.

— Um pouco.

Ele sentiu uma alegria imediata.

E odiou a alegria.

Porque o incômodo de Laura lhe servira como confirmação.

Outra vez.

Qualquer coisa podia tornar-se alimento.

Até a falta.

[. . .]

— Estou tentando não inventar você.

Laura franziu a testa.

— Eu não sabia que você me inventava.

— Nem eu.

Ela ficou em silêncio.

Ele continuou:

— Talvez invente menos agora.

— E não gostou do que sobrou?

A pergunta doeu.

— Não é isso.

— Então o que sobrou?

Ele olhou para ela.

Pela primeira vez, a resposta veio sem procura.

— Você.

Laura não sorriu.

Os olhos se encheram de alguma coisa que ele não soube ler.

E não tentou.

Ela se aproximou.

Muito pouco.

A mão encontrou a dele.

Não o braço.

A mão.

Ficou ali.

Ele sentiu os dedos de Laura.

O calor.

A pressão mínima.

Nada precisava ser imaginado.

Nenhum dos dois falou.

[. . .]

Ele pensou que aquele deveria ser o instante mais simples de todos.

Laura estava diante dele.

A mão dela na sua.

Não havia distância para interpretar.

Não havia ausência.

Não havia coincidência.

Não havia dúvida sobre o gesto.

Laura escolhera.

Mesmo assim, uma inquietação começou.

Pequena.

Quase imperceptível.

Ele olhou para as mãos.

Pensou que algum dia elas se separariam.

A ideia chegou inteira.

Sem motivo.

Tentou expulsá-la.

Laura apertou ligeiramente seus dedos.

Ele voltou ao presente.

Mas alguma coisa já havia acontecido.

Pela primeira vez, a perda não nasceu da ausência.

Nasceu da presença.

Quanto mais real Laura se tornava, mais real se tornava a possibilidade de perdê-la.

[. . .]

Quando ela retirou a mão, ele não tentou segurá-la.

Laura percebeu.

— Uma vez só?

Ele reconheceu a brincadeira.

— Uma vez só.

Ela sorriu.

Ele também.

Separaram-se pouco depois.

No caminho de volta, não reconstruiu o toque.

Não contou os segundos.

Não procurou significado.

Apenas caminhou.

Durante algum tempo, conseguiu.

Então percebeu uma coisa.

Não conseguia lembrar qual das mãos Laura havia segurado.

Parou.

Tentou reconstruir.

A direita?

A esquerda?

Parecia absurdo.

Um acontecimento tão nítido e um detalhe tão simples já havia desaparecido.

Olhou para as duas mãos.

Nenhuma respondeu.

Tentou sentir novamente.

Nada.

O medo veio.

Se podia esquecer aquilo em poucas horas, o que mais já teria esquecido?

A pergunta abriu todas as outras.

A luz era realmente como lembrava?

Laura havia dito exatamente aquelas palavras?

O toque no braço acontecera no mesmo lugar?

O sorriso diante do vidro durara tanto?

As lembranças que julgara preservar começaram a perder contorno ao mesmo tempo.

Ele tentou detê-las.

Quanto mais tentava, mais se moviam.

Foi então que compreendeu por que a cura e a perda haviam parecido tão próximas.

Para deixar Laura existir fora dele, teria de aceitar que alguma coisa dela desaparecesse dentro dele.

Olhou novamente para as mãos.

Escolheu a direita.

Não porque lembrasse.

Porque precisava que tivesse sido uma delas.

E, naquela noite, começou a recordar que havia sido a direita.

[. . .]

Na manhã seguinte, era a direita.

Não havia dúvida.

Laura segurara sua mão direita.

Conseguia reconstruir a posição dos dedos, a proximidade dos corpos, até a pequena pressão antes que ela soltasse.

A lembrança parecia inteira.

Isso o tranquilizou.

Por alguns minutos.

Depois veio a pergunta.

Como sei?

Não sabia.

Lembrava.

Era diferente.

Talvez tivesse escolhido à noite e dormido sobre a escolha. Talvez a repetição tivesse feito o restante.

Olhou para a mão direita.

Nada nela confirmava.

Olhou para a esquerda.

Também nada.

As duas haviam voltado a ser apenas mãos.

E, no entanto, uma delas carregava agora uma lembrança.

Porque ele decidira.

[. . .]

Passou o dia evitando pensar nisso.

Não era importante.

Direita ou esquerda.

Laura havia segurado sua mão.

Esse era o acontecimento.

O lado não modificava nada.

Repetiu essa conclusão algumas vezes até perceber que, ao repeti-la, fazia exatamente aquilo que pretendia evitar.

No fim da tarde, já não tinha certeza de nenhuma das duas.

Sentiu uma irritação desproporcional.

Não contra a memória.

Contra Laura.

O sentimento o surpreendeu.

Laura não fizera nada.

Ainda assim, por alguns segundos, desejou que ela tivesse segurado sua mão de uma maneira impossível de esquecer.

Mais forte.

Por mais tempo.

Qualquer coisa que deixasse uma certeza.

Percebeu a injustiça.

Agora exigia do passado que Laura tivesse produzido provas para uma dúvida que só existiria depois.

[. . .]

Quando a encontrou, quase perguntou.

A frase chegou pronta:

Qual das minhas mãos você segurou?

Não disse.

Laura provavelmente não lembraria.

Essa possibilidade o assustou.

Ou lembraria imediatamente.

Talvez dissesse a esquerda quando ele já começava a

recordar a direita.

Isso seria pior.

Passou toda a conversa esperando uma oportunidade que temia encontrar.

Laura falou.

Ele respondeu.

Em algum momento, ela tocou seu ombro.

O gesto não tinha importância.

Mesmo assim, registrou.

Ombro direito.

Percebeu no mesmo instante.

A memória já começava antes que o acontecimento terminasse.

[. . .]

— Você fez isso de novo — Laura disse.

— O quê?

— Foi para algum lugar.

— Não fui.

— Foi.

Ele olhou para ela.

— Onde?

Laura sorriu.

— Se eu soubesse, talvez fosse buscar você.

A frase era leve.

Ele não conseguiu recebê-la assim.

Buscar você.

Sentiu o movimento.

A palavra abrindo caminhos.

Laura indo atrás dele.

Laura procurando.

Laura encontrando.

Interrompeu.

— Não diga isso.

Ela pareceu surpresa.

— O quê?

— Nada.

Laura perdeu o sorriso.

— Outra vez o nada.

Ele percebeu tarde demais.

— Desculpe.

— Não quero que peça desculpas.

— Então o que você quer?

Laura ficou em silêncio.

Por um instante, pareceu cansada.

— Às vezes quero só falar sem ter medo de onde minhas palavras vão parar.

Ele sentiu a frase como uma acusação.

Talvez não fosse.

[. . .]

— Eu não faço de propósito.

— Eu sei.

— Então?

Laura demorou.

— Talvez seja isso que me preocupa.

Ele não respondeu.

Ela continuou:

— Quando digo alguma coisa, você guarda. Depois ela volta diferente.

— Como você sabe?

Laura olhou para ele.

— Porque às vezes você responde hoje a uma coisa que eu disse há dias.

Ele tentou lembrar quando fizera isso.

Vieram muitos momentos.

Mais do que esperava.

— Eu lembro.

— Eu também lembro. Mas não fico vivendo dentro da lembrança.

A frase produziu nele uma resistência imediata.

Não era justo.

Laura também guardava coisas.

Sabia que guardava.

Lembrara que ele dizia nada. Percebera seus desaparecimentos. Reconhecera seus gestos.

Quase argumentou.

Parou.

Não era uma disputa sobre quem lembrava melhor.

Laura estava tentando dizer outra coisa.

Ele esperou.

[. . .]

— Você está aqui comigo — ela disse. — E às vezes parece que prefere aquela outra.

O corpo dele enrijeceu.

— Que outra?

Laura pareceu arrepender-se.

— Não sei.

— Diga.

— A que você acha que eu sou.

A frase não era nova.

Ele próprio já havia pensado nela.

Mas ouvi-la de Laura era diferente.

— Eu sei que você não é...

Parou.

Laura esperou.

Ele percebeu o absurdo da frase que quase pronunciara.

Eu sei que você não é você.

Sorriu sem humor.

— Não consigo explicar.

— Eu sei.

Dessa vez, o eu sei não o confortou.

[. . .]

Ficaram algum tempo sem falar.

Ele olhou para Laura.

Tentou vê-la sem nenhuma lembrança.

Era impossível.

Todo rosto conhecido contém seus rostos anteriores.

A Laura diante dele trazia a igreja, a luz, as conversas, o vidro, a mão, as ausências.

Não havia como retirar tudo isso e encontrar uma Laura pura, presente, sem passado.

Talvez Laura estivesse pedindo uma coisa impossível.

Ou talvez estivesse pedindo apenas que ele soubesse a diferença.

— Eu não prefiro a outra — disse.

Laura levantou os olhos.

— Tem certeza?

A pergunta.

Outra vez.

Mas agora alguma coisa havia mudado.

Ele não procurou a resposta correta.

— Não.

Laura pareceu surpresa.

— Não tenho certeza.

Foi difícil dizer.

E, depois de dizer, sentiu alívio.

Laura também pareceu relaxar.

— Isso é mais verdadeiro.

Ele assentiu.

[. . .]

Na despedida, Laura estendeu a mão.

Ele olhou.

Ela percebeu.

— O que foi?

Por um instante, pensou em contar.

A direita.

A esquerda.

A noite inteira tentando lembrar.

A certeza inventada.

Não contou.

Segurou a mão dela.

Dessa vez, prestou atenção.

Era a direita dela.

A esquerda dele.

Fixou.

Minha esquerda.

Laura apertou seus dedos.

Esquerda.

Olhou para a posição dos corpos.

Esquerda.

Quis produzir uma lembrança perfeita.

Laura retirou a mão.

— Até amanhã.

Ele ainda estava pensando:

esquerda.

[. . .]

Caminhou alguns passos.

Parou.

Sentiu um frio súbito.

Não lembrava o rosto de Laura enquanto seguravam as mãos.

Lembrava a mão.

O lado.

A pressão.

A posição.

Mas não o rosto.

Tentou reconstruí-lo.

Laura sorria?

Estava séria?

Olhava para ele?

Para as mãos?

Não sabia.

Conservara o detalhe.

Perdera Laura.

Ficou parado no meio do caminho.

Pela primeira vez, compreendeu que a memória podia ser destruída justamente pela tentativa de preservá-la.

E, ainda assim, repetiu:

esquerda.

Como se a palavra pudesse salvar alguma coisa.

[. . .]

A palavra permaneceu durante alguns dias.

Esquerda.

Já não precisava repetir.

Vinha sozinha quando pensava naquele encontro.

Primeiro a palavra.

Depois a mão.

Só então Laura.

A ordem o incomodou.

Tentou invertê-la.

Laura.

A mão.

Esquerda.

Funcionava quando fazia esforço.

Sem esforço, voltava:

esquerda.

Era como se, ao tentar impedir o esquecimento, tivesse ensinado a memória a guardar justamente aquilo que menos importava.

[. . .]

Começou a desconfiar das palavras.

Até então, confiara nelas para conservar.

Agora percebia que também substituíam.

Uma palavra podia ocupar o lugar de uma imagem.

Uma frase podia tomar o lugar de um acontecimento.

Repetida muitas vezes, podia tornar-se mais nítida que

aquilo que pretendia lembrar.

Talvez fosse isso que acontecera com ainda.

Talvez Laura jamais tivesse pronunciado a palavra com a intensidade que agora possuía.

Talvez desaparecer tivesse sido apenas o fim casual de uma frase tranquilizadora.

Talvez esquerda fosse apenas uma mão.

Sentiu vontade de abandonar todas.

Não conseguiu.

[. . .]

Pegou as folhas que havia guardado.

Espalhou-as sobre a mesa.

Eram poucas.

Fragmentos.

Riu antes de terminar.

Hoje prendeu o cabelo.

Perguntou se eu havia dormido.

Leu.

Tentou recordar cada cena antes de continuar para a seguinte.

Algumas vieram.

Outras não.

Em determinado momento encontrou uma frase que não lembrava ter escrito.

Olhou para trás antes de partir.

Ficou imóvel.

Quando?

Onde?

Laura olhara para trás?

Procurou.

Nada.

A frase estava em sua letra.

Isso deveria bastar.

Não bastou.

Talvez tivesse acontecido.

Talvez tivesse interpretado um movimento.

Talvez Laura olhasse para outra pessoa.

Talvez nem fosse Laura.

O papel parecia saber mais do que ele.
Era intolerável.

[. . .]

Rasgou a folha.

O gesto foi rápido.

Logo depois se arrependeu.

Juntou as duas partes.

A frase continuava legível.

Rasgou novamente.

Quatro pedaços.

Parou.

O coração batia depressa.

Não entendia por quê.

Era apenas papel.

Mas agora havia destruído a única prova de uma coisa que talvez tivesse acontecido.

Sentiu necessidade de reconstruí-la.

Juntou os pedaços sobre a mesa.

Olhou para trás antes de partir.

Leu novamente.

A frase permanecia.

Sorriu, aliviado.

Então percebeu.

Não queria lembrar Laura olhando para trás.

Queria que Laura tivesse olhado.

[. . .]

A diferença foi tão clara que precisou afastar-se da mesa.

Ali estava.

Talvez desde o princípio.

Entre o acontecimento e o desejo havia uma pequena distância.

Ele passara meses preenchendo-a.

Não com mentiras.

Isso seria mais simples.

Com possibilidades.

Com aquilo que poderia ter acontecido.

Com aquilo que combinava com o que acontecera antes.

Com aquilo que esperava que acontecesse depois.

Nada inteiramente falso.

Nada inteiramente verdadeiro.

Uma região intermediária.

E Laura vivia cada vez mais ali.

[. . .]

Naquela tarde, não foi encontrá-la.

Não mudou de caminho.

Não se escondeu.

Apenas ficou em casa.

Precisava permanecer algum tempo num lugar onde Laura não estivesse.

Sentou-se diante da mesa.

Os pedaços continuavam ali.

Guardou-os numa gaveta.

Depois retirou.

Jogou fora.

Minutos mais tarde, procurou.

Encontrou dois.

Os outros haviam desaparecido entre papéis.

A frase já não podia ser lida inteira.

Sentiu uma angústia breve.

Depois, inesperadamente, uma espécie de alívio.

Talvez algumas coisas precisassem desaparecer sem testemunha.

[...]

Laura apareceu no dia seguinte.

— Ontem esperei você.

Ele sentiu a frase entrar.

Esperei você.

Não.

Dessa vez, não.

Olhou para ela.

— Desculpe.

— Não precisa.

— Eu deveria ter avisado.

— Deveria.

Laura estava irritada.

Era evidente.

Ele quase sentiu alegria.

Laura havia esperado.

Percebeu.

A alegria desapareceu.

— Por que está sorrindo?

Ele levou a mão ao rosto.

Não sabia que sorria.

— Não estou.

Laura olhou para ele.

— Está.

Era absurdo negar aquilo que ela via.

— Desculpe.

— Outra vez?

Ele respirou.

— Fiquei contente por você ter esperado.

Laura pareceu surpresa.

— Mesmo sabendo que me deixou esperando?

— É justamente isso que torna horrível eu ter ficado contente.

Ela tentou permanecer séria.

Não conseguiu.

Sorriu.

Ele também.

Por alguns segundos, tudo pareceu simples.

[. . .]

— Eu senti sua falta — Laura disse.

Ele ficou imóvel.

A frase chegou inteira.

Não precisou procurar nada.

Laura percebeu.

— Não faça isso.

— Não estou fazendo.

— Está.

— O quê?

— Guardando.

Ele quis dizer que não.

Mas já guardara.

Eu senti sua falta.

As palavras tinham encontrado imediatamente um lugar.

— Como faço para não guardar?

Laura pensou.

— Não sei.

Era a primeira vez que ela lhe respondia assim.

Ele sorriu.

— Agora é você.

— Talvez seja contagioso.

Ela disse brincando.

A palavra ficou.

Contagioso.

Ele percebeu.

Laura também percebeu que ele percebera.

Os dois ficaram em silêncio.

Depois riram.

Mas a palavra não foi embora.

[. . .]

Naquela noite, pensou nela.

Contagioso.

Não no sentido comum.

Não como doença.

Como passagem.

Alguma coisa que existia nele talvez começasse a atravessar para Laura.

A espera.

A falta.

A atenção.

Ela já reparava quando ele não vinha.

Já dizia que sentia sua falta.

Já temia que suas palavras fossem transformadas.

Talvez começasse também a guardar.

A ideia deveria tê-lo preocupado.

Produziu uma felicidade secreta.

Se Laura começasse a fazer o mesmo, ele já não estaria sozinho naquele lugar.

[. . .]

No encontro seguinte, testou.

Não deliberadamente.

Pelo menos foi o que disse a si mesmo.

Mencionou uma frase que Laura dissera semanas antes.

Ela não lembrava.

— Eu disse isso?

— Disse.

— Tem certeza?

Ele tinha.

Ou acreditava ter.

— Tenho.

Laura tentou recordar.

Não conseguiu.

— Você lembra de coisas demais.

Ele quase respondeu:

alguém precisa lembrar.

A frase surgiu pronta.

Não disse.

Mas gostou dela.

Levou-a consigo.

[. . .]

Dias depois, Laura o surpreendeu.

— Você lembra daquele dia em que eu disse que você estava longe?

Ele lembrou imediatamente.

— Lembro.

— Pensei nisso ontem.

Alguma coisa nele se abriu.

— Por quê?

Laura hesitou.

— Porque acho que entendi.

— O quê?

— Às vezes você está tão ocupado tentando não me perder que não percebe quando estou aqui.

Ele não respondeu.

A frase não precisava de interpretação.
Era clara demais.

Laura continuou:

— E às vezes acho que estou começando a fazer a mesma coisa.

Ele sentiu primeiro alegria.

Depois medo.

— Como?

Ela desviou os olhos.

— Ontem imaginei uma conversa com você.

Ele ficou imóvel.

Laura riu, constrangida.

— Ridículo, não é?

Não era.

Ele sabia exatamente o que era.

— O que eu disse?

Laura tornou a olhar para ele.

— Não lembro.

— Tente.

— Não importa.

Importava.

Importava muito.

— Laura.

Ela sorriu.

— Você estava diferente.

— Diferente como?

— Mais fácil.

A palavra doeu.

— Mais fácil?

— Você respondia.

Ele não conseguiu sorrir.

Laura percebeu.

— Não foi uma crítica.

Mas já era tarde.

Havia agora um outro homem.

Um homem inventado por Laura.

Mais fácil.

Que respondia.

Que talvez não guardasse.

Que talvez não transformasse.

Ele sentiu uma coisa nova.

Não ciúme de outra pessoa.

Ciúme de si mesmo.

[. . .]

Naquela noite, tentou imaginar o homem que Laura havia imaginado.

Não conseguiu.

Quanto mais tentava, mais o homem parecia superior.

Sabia quando falar.

Não hesitava.

Não dizia nada.

Não fazia das palavras de Laura labirintos.

Talvez fosse esse o homem de quem ela poderia gostar sem medo.

A ideia cresceu.

Percebeu o mecanismo.

Tentou interromper.

Não conseguiu.

Pela primeira vez, Laura o havia oferecido uma invenção que não era dele.

E ele começou a competir com ela.

[. . .]

No dia seguinte, decidiu ser mais simples.

Responderia.

Não hesitaria.

Não procuraria significados.

Quando Laura perguntou como estava, disse:

— Bem.

Rápido demais.

Ela percebeu.

Quando perguntou se queria caminhar, respondeu:

— Quero.

Antes mesmo de ela terminar.

Laura franziu a testa.

— O que aconteceu?

— Nada.

A palavra escapou.

Os dois ficaram em silêncio.

Ele riu primeiro.

Laura depois.

A tentativa havia durado menos de um minuto.

[. . .]

— Não quero aquele outro — Laura disse.

Ele parou de rir.

— Qual?

— O que você está tentando ser.

— Mas você disse...

— Eu disse que imaginei.

— E que ele era mais fácil.

— Era.

— Então?

Laura se aproximou um pouco.

— Também não era você.

A frase quase o tranquilizou.

— E isso importa?

Laura olhou para ele como se a pergunta fosse incompreensível.

— É a única coisa que importa.

Ele sentiu a resposta atravessá-lo.

Dessa vez, não guardou a frase.

Não repetiu.

Não procurou outra coisa dentro dela.

Apenas olhou para Laura.

Ela estava ali.

E, por alguns segundos, ele também.

SONETO XII

Quando você está,
tenho medo de perder.

Quando não está,
tenho medo de inventar.

A distância me aproxima.
A presença
começa a afastar.

Quis guardar seu rosto
e guardei palavras.

Quis guardar suas palavras
e perdi sua voz.

Toquei sua mão
para ter certeza.

Depois já não sabia
qual das minhas mãos
você havia tocado.

Talvez eu tenha amado assim:

tentando conservar
o que só existia
enquanto acontecia.

Você pediu
que eu escutasse uma vez.

Eu ouvi muitas.

Em cada uma
você era menos você
e mais aquilo
que eu precisava lembrar.

Agora está diante de mim.

Não há neblina.

Não há distância.

Não há nada
entre o meu olhar
e o seu rosto.

Por que, então,
é justamente agora
que começo
a não saber onde você está?

[...]

Laura estava diante dele.

Talvez por isso tenha sido tão difícil encontrá-la.

Durante alguns dias, ele havia conseguido permanecer no presente. Falavam. Discordavam. Riam. Às vezes ficavam em silêncio sem que fosse necessário descobrir o que o silêncio escondia.

Era melhor.

Laura parecia perceber.

Ele também.

Mas uma coisa havia mudado desde que ela dissera:

— Eu gosto de você.

Antes, ele temia desejar sozinho.

Agora sabia que alguma coisa voltava.

Não na mesma medida.

Não com o mesmo nome.

Mas voltava.

E a correspondência, que deveria diminuir a incerteza, criou outra.

Começou a perguntar-se quanto.

[. . .]

Quanto Laura gostava?

A pergunta apareceu sem que ele quisesse.

Tentou recusá-la.

Não havia medida.

Mesmo assim, começou a medir.

Quem procurava primeiro.

Quem prolongava uma conversa.

Quem percebia antes uma ausência.

Quem tocava.

Quem retirava a mão.

Pequenas contabilidades.

Em alguns dias, acreditava que Laura se aproximava.

Em outros, que recuava.

Nada nela precisava realmente mudar.

Bastava mudar a medida.

[. . .]

Certa tarde, Laura chegou tarde.

Ele estava esperando.

Não perguntou o motivo.

Ela explicou mesmo assim.

— Meu marido precisou de mim.

Foi uma frase simples.

Ele assentiu.

Laura começou a contar o que havia acontecido.

Ele ouviu.

Mas uma palavra havia ficado.

Precisou.

Não chamou.

Não pediu.

Precisou.

Sentiu vergonha daquilo que aconteceu em seguida.

Quis saber se Laura também precisava dele.

Não perguntou.

[. . .]

Enquanto ela falava, percebeu uma coisa ainda pior.

Não sentia ciúme do marido como homem.

Sentia ciúme do lugar.

Havia na vida de Laura uma região onde ele não entrava.

Uma casa.

Uma rotina.

Manhãs que começavam sem ele.

Noites das quais nada sabia.

Objetos tocados diariamente.

Conversas que não ouviria.

O marido habitava aquilo que ele apenas imaginava.

Era uma diferença impossível de corrigir.

Pela primeira vez, a impossibilidade do amor deixou de parecer bela.

[. . .]

Laura percebeu seu silêncio.

— Onde você foi?

Ele quase respondeu como sempre.

Dessa vez, não.

— Para sua casa.

Ela ficou imóvel.

— Minha casa?

— Nunca estive lá.

— Eu sei.

— Mas penso nela.

Laura demorou a responder.

— Por quê?

Ele olhou para ela.

— Porque você continua existindo quando não está comigo.

Laura pareceu não compreender de imediato.

Depois compreendeu.

E alguma coisa em seu rosto se fechou.

Não muito.

O suficiente.

[. . .]

— Não faça isso.

A frase foi baixa.

— O quê?

— Não entre onde eu não levei você.

Ele sentiu o limite.

Dessa vez, não como distância.

Como porta.

Poderia respeitá-la.

Sabia que deveria.

— Está bem.

Laura continuou olhando.

— Está?

Ele assentiu.

Ela não perguntou se tinha certeza.

Talvez já soubesse que certeza era uma palavra perigosa entre os dois.

[. . .]

Depois que Laura partiu, ele caminhou durante muito tempo.

Tentou não imaginar a casa.

Não imaginou.

Tentou não imaginar o marido.

Não imaginou.

Tentou não imaginar Laura entrando.

Foi aí que viu.

Uma porta que nunca conhecera.

Laura atravessando.

Depois a porta fechada.

Parou.

A imagem não tinha detalhes.

Nenhuma parede.

Nenhum móvel.

Nenhum rosto.

Apenas Laura desaparecendo atrás de uma porta.

Ele sabia que aquela porta não existia.

Ou existia, mas certamente não daquela maneira.

Não importava.

Agora havia uma porta.

E ele estava do lado de fora.

[. . .]

Naquela noite, não tentou abri-la.

Isso o tranquilizou.

Dormiu.

Ao acordar, porém, a primeira coisa que encontrou não foi Laura.

Foi a porta.

[. . .]

A porta permaneceu durante a manhã.

Não como imagem.

Como limite.

Ele não sabia sua cor, sua altura, de que madeira era feita. Não sabia sequer se a casa de Laura possuía uma porta parecida com aquela que imaginara.

Ainda assim, quando pensava nela, havia alguma coisa fechada.

Tentou trabalhar.

Conseguiu por algum tempo.

Depois percebeu que não pensava no que existia atrás da porta.

Pensava no fato de não poder saber.

Era diferente.

O desconhecido começava a incomodá-lo mais do que qualquer coisa que pudesse imaginar dentro dele.

[. . .]

Encontrou Laura no dia seguinte.

Não mencionou a casa.

Ela também não.

Conversaram sobre coisas pequenas.

Em determinado momento, Laura contou que havia dormido mal.

Ele quase perguntou por quê.

Parou.

A pergunta era natural.

Mesmo assim, lembrou-se:

Não entre onde eu não levei você.

— O que foi? — ela perguntou.

— Nada.

Laura sorriu.

— Você ia perguntar alguma coisa.

— Ia.

— Então pergunte.

Ele hesitou.

— Você disse para eu não entrar.

Laura compreendeu.

— Na minha casa?

— Onde você não me levou.

Ela ficou em silêncio.

Depois disse:

— Perguntar não é entrar.

Ele olhou para ela.

A distinção parecia simples.

Para ele, não era.

— E se você não quiser responder?

— Eu não respondo.

Havia uma facilidade naquilo que Laura dizia que quase o irritou.

Uma porta podia simplesmente permanecer fechada.

Não era preciso imaginar o que havia atrás.

[. . .]

— Por que dormiu mal?

Laura respondeu:

— Meu marido chegou tarde.

Ele esperou.

Ela não continuou.

A resposta terminava ali.

Tentou deixá-la terminar.

Meu marido chegou tarde.

Nada mais.

Não perguntou onde estivera.

Não perguntou se haviam discutido.

Não perguntou por que a ausência dele impedira Laura de dormir.

Laura mudou de assunto.

Ele acompanhou.

Durante alguns minutos, conseguiu.

Depois percebeu que a porta havia voltado.

Agora havia uma luz atrás dela.

Não sabia de onde vinha.

Nem porque a imaginava acesa.

[. . .]

Naquela noite, tentou pensar em outra coisa.

A imagem persistiu.

A porta.

A luz.

Laura acordada.

Nada mais.

Era o nada que a tornava insuportável.

Se imaginasse uma cena, poderia desmenti-la.

Isso não aconteceu.

Mas não havia cena.

Apenas elementos.

Uma mulher que não dormia.

Um marido que chegava tarde.

Uma porta.

Uma luz.

Ele não precisava acrescentar nada.

As coisas começaram a aproximar-se sozinhas.

[. . .]

No encontro seguinte, Laura parecia bem.

Isso deveria encerrar tudo.

Ele olhou para ela e pensou:

Está bem.

Repetiu mentalmente.

Laura está bem.

Ela percebeu o olhar.

— O que foi?

— Nada.

Dessa vez, era quase verdade.

Laura sorriu.

Ele também.

E então percebeu uma coisa que o perturbou mais do que a porta.

Durante aqueles dias, temera aquilo que não sabia sobre a vida de Laura.

Agora começava a temer outra coisa.

Que Laura pudesse contar.

Porque enquanto a porta permanecesse fechada, tudo atrás dela ainda era possível.

Se Laura a abrisse, haveria apenas o que havia.

E ele já não tinha certeza de qual das duas coisas preferia:

a verdade

ou a porta.

SONETO XIII

A porta fechada
ainda permite tudo.

Você atrás dela,
você longe dela,
você voltando.

Se abrir,
haverá apenas um quarto,
uma luz,
aquilo que aconteceu.

A verdade tem esse defeito:

termina.

Eu dizia querer saber,
mas talvez quisesse apenas
continuar perguntando.

Enquanto você não responde,

posso perder você
de todas as maneiras

e conservar você
em cada uma.

Se disser que ficou,
uma ausência desaparece.

Se disser que partiu,
desaparece outra.

Não sei por que preciso
de tantas Laura
para suportar
uma só.

Você me pediu
que não entrasse.

Eu obedeci.

Fiquei diante da porta
até descobrir

que também existe loucura
em não abrir

aquilo que se teme
encontrar vazio.

[...]

Laura abriu a porta sem saber.

Aconteceu numa tarde comum.

Estavam caminhando quando ela começou a falar do marido.

Ele percebeu imediatamente.

Não apenas porque o assunto era raro.

Havia uma diferença na voz.

Dessa vez, Laura não mencionava uma circunstância.

Contava.

Ele ouviu.

Sem perguntar.

[...]

— Às vezes acho que ele não me vê.

A frase o atingiu antes que a compreendesse.

Laura continuou andando.

— Não é que não olhe para mim. Ele olha. Sabe onde estou, pergunta o que fiz, percebe quando alguma coisa muda.

Fez uma pausa.

— Mas não sei se me vê.

Ele conhecia aquela diferença.

Talvez melhor do que gostaria.

Durante meses, acreditara que ver Laura era justamente aquilo que o distinguia dos outros.

Agora ela lhe dizia que alguém não a via.

A primeira reação veio depressa:

Eu vejo.

Não disse.

A frase lhe pareceu indecente.

[. . .]

Laura continuou.

Falou sem acusar o marido.

Isso tornou tudo mais difícil.

Não havia crueldade.

Não havia abandono.

Havia hábitos.

Dias repetidos.

Conversas interrompidas porque poderiam continuar depois.

Perguntas cujas respostas já eram conhecidas antes de serem feitas.

Uma intimidade que, de tão antiga, começara a dispensar atenção.

Ele esperara encontrar atrás da porta alguma coisa capaz de afastá-lo.

Encontrou uma vida comum.

E a vida comum era mais difícil de odiar.

[. . .]

— Ele é um homem bom — Laura disse.

Ele assentiu.

Não sabia se ela esperava resposta.

— Eu sei.

Laura parou.

— Não sabe.

Ele percebeu.

Era verdade.

Não sabia quase nada sobre aquele homem.

Durante muito tempo o transformara apenas em uma condição de Laura.

Casada.

Uma palavra.

Um obstáculo.

Uma presença suficiente para tornar o amor impossível e insuficiente para possuir uma existência própria.

Agora o marido começava a adquirir contorno.

E isso incomodava.

Não porque se tornasse pior.

Porque se tornava humano.

[. . .]

— Tem razão — disse.

Laura voltou a caminhar.

— Ele é bom comigo.

Outra frase.

Ele esperou.

— Então?

Laura olhou para ele.

— Então o quê?

Quase perguntou por que estava contando aquilo.

Não perguntou.

Lembrou-se:

Perguntar não é entrar.

— Por que me conta?

Laura demorou.

— Porque você está sempre tentando imaginar.

Ele sentiu vergonha.

Ela continuou:

— Talvez seja melhor saber alguma coisa.

Era a porta abrindo.

E, de repente, ele quis fechá-la.

[. . .]

— Você não precisa me contar.

Laura pareceu surpresa.

— Achei que quisesse saber.

Queria.

Durante dias, talvez desde o princípio.

Queria saber onde ela estava quando não estava com ele.

O que pensava.

Como vivia.

O que acontecia na casa.

Por que não dormira naquela noite.

Agora Laura oferecia uma parte.

Ele recuava.

— Não sei se quero.

Ela sorriu com tristeza.

— Você nunca sabe.

Dessa vez, ele não se defendeu.

— Talvez eu tenha medo de saber.

— Por quê?

A resposta veio antes que pudesse protegê-la.

— Porque depois não posso imaginar diferente.

Laura ficou em silêncio.

[. . .]

Ele percebeu a crueldade da frase.

Não contra o marido.

Contra ela.

Laura estava lhe oferecendo a própria vida e ele confessava preferir, talvez, uma vida inventada.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Foi.

Não havia raiva.

Apenas precisão.

— E talvez seja isso que eu tento explicar há tanto tempo.

Ele baixou os olhos.

— Que eu invento você.

— Que às vezes parece gostar mais daquilo que não sabe sobre mim.

A frase permaneceu.

Ele quis negar.

Não conseguiu.

[. . .]

Laura retomou o caminho.

Ele a acompanhou.

Dessa vez havia uma distância física entre os dois.

Pequena.

Visível.

Ele poderia diminui-la com dois passos.

Não diminuiu.

— Quer que eu continue? — Laura perguntou.

Ele sabia do que ela falava.

A casa.

O marido.

A noite.

A porta aberta.

Olhou para ela.

— Quero.

Laura esperou.

— Mesmo que eu não goste.

Ela assentiu.

E começou.

[. . .]

Não houve revelação.

Foi isso que mais o surpreendeu.

Laura não era infeliz.

Também não era feliz de uma maneira que encerrasse a questão.

Amava o marido de um modo que ela própria parecia não saber explicar.

Havia afeto.

Gratidão.

Irritação.

Costume.

Uma história anterior a ele.

Dias bons.

Dias em que mal se falavam.

Nada cabia na oposição que ele preparara.

Amor ou ausência.

Felicidade ou prisão.

Permanecer ou partir.

A vida de Laura não cabia em antíteses.

Era feita de coisas que podiam existir ao mesmo tempo.

[. . .]

— E eu? — perguntou.

A pergunta saiu baixa.

Laura olhou para ele.

Agora não havia como voltar.

— Você o quê?

— Onde eu estou nisso?

Laura demorou tanto que ele desejou retirar a pergunta.

— Não sei.

A resposta doeu.

Talvez porque fosse verdadeira.

— Você pensa em mim?

Laura quase sorriu.

— Sabe que penso.

— Quando está com ele?

Ela não respondeu imediatamente.

Ele percebeu que atravessara alguma coisa.

A porta.

Dessa vez fora ele.

— Desculpe.

Laura continuou olhando.

— Sim.

A palavra veio sem defesa.

Ele sentiu primeiro alegria.

Depois culpa pela alegria.

Depois outra coisa.

Uma espécie de vertigem.

Laura pensava nele dentro daquela vida.

A porta já não o deixava inteiramente do lado de fora.

[. . .]

— Isso torna tudo pior — Laura disse.

Ele compreendeu.

Não perguntou para quem.

Ela continuou:

— Antes você estava em um lugar e minha vida em outro.

— E agora?

Laura desviou os olhos.

— Agora às vezes você aparece onde não deveria.

Ele reconheceu imediatamente.

Era o mesmo que acontecia com ele.

Laura entrando nas páginas.

Nas ruas.

Nas lembranças anteriores a ela.

Nas conversas imaginadas.

Talvez fosse aquilo que ela chamara de contagioso.

Por um instante, sentiu uma proximidade imensa.

E justamente por isso não se aproximou.

[. . .]

— O que fazemos? — ele perguntou.

Laura sorriu muito pouco.

— Você finalmente fez uma pergunta para a qual eu também não tenho resposta.

Ficaram ali.

Sem resposta.

Era novo.

Não havia um que soubesse e outro que interpretasse.

Não havia uma Laura inventada capaz de resolver.

Não havia sequer uma antítese suficientemente limpa para organizar o que acontecia.

Havia o marido.

Havia Laura.

Havia ele.

Havia afeto em lugares incompatíveis.

E nenhum deles desaparecia para que os outros pudessem

fazer sentido.

[. . .]

Quando se despediram, Laura não tocou sua mão.

Ele percebeu.

Mas não transformou a ausência do gesto em recusa.

Pelo menos não imediatamente.

Caminhou para casa pensando naquilo que ela havia contado.

A porta estava aberta agora.

Atrás dela não encontrara aquilo que temia.

Também não encontrara aquilo que desejava.

Encontrara Laura.

E talvez fosse essa a descoberta mais difícil:

a verdade não estava vazia.

Era apenas incapaz de obedecer ao desejo.

[. . .]

Saber não resolveu.

Durante tanto tempo, ele acreditara que a inquietação nascia daquilo que Laura não dizia.

Agora ela havia dito.

A casa deixara de ser apenas uma porta. Havia um marido. Havia afeto. Havia noites difíceis e dias comuns. Havia uma vida que continuava quando ele não estava.

E Laura pensava nele dentro dela.

Deveria bastar.

Não bastou.

[. . .]

Nos dias seguintes, percebeu uma mudança pequena.

Antes, quando Laura não estava, imaginava.

Agora lembrava.

Ela lhe dera fatos.

O marido chegava tarde algumas vezes.

Ela dormia mal.

Havia dias em que mal conversavam.

Ela gostava dele.

Amava-o de uma maneira que não soubera explicar.

E pensava no outro.

Os fatos deveriam limitar a imaginação.

Fizeram o contrário.

Deram-lhe matéria.

[. . .]

Certa noite, pensou em Laura acordada.

Dessa vez havia uma razão para a imagem.

Ela própria contara.

Não precisou inventar a insônia.

Inventou apenas o quarto.

Percebeu.

Retirou o quarto.

Restou Laura acordada.

Depois apareceu uma janela.

Retirou a janela.

Restou Laura.

Então veio o marido chegando.

Isso também era verdade.

Mas a hora não.

Retirou a hora.

O som de uma porta.

Não sabia se havia porta.

Retirou.

Foi desfazendo a cena até restarem apenas duas coisas que Laura realmente lhe havia dado:

ela não dormira;

o marido chegara tarde.

Olhou para aquilo.

Era quase nada.

Mesmo assim, entre uma frase e outra havia espaço suficiente para que coubesse uma noite inteira.

[. . .]

No encontro seguinte, Laura perguntou:

— Está melhor?

Ele não sabia a que ela se referia.

— Melhor de quê?

— De saber.

A pergunta o surpreendeu.

Laura também havia pensado na conversa.

— Não.

Ela pareceu compreender.

— Eu imaginei.

— Então por que me contou?

Laura demorou.

— Porque achei que a verdade fosse menor que aquilo que você inventava.

Ele sorriu.

Havia alguma tristeza no sorriso.

— Não é.

— É maior?

Ele pensou.

— Não. É diferente.

Laura esperou.

— A verdade termina onde você para de falar.

Ela assentiu.

— E o resto?

Ele olhou para ela.

— O resto continua.

[. . .]

Laura não respondeu.

Talvez porque não houvesse resposta.

Talvez porque começasse a compreender que nenhuma

quantidade de verdade seria suficiente para impedir aquilo.

Ela poderia contar a casa inteira.

Cada cômodo.

Cada conversa.

Cada noite.

Ainda haveria um intervalo.

Um minuto em que ele não estivera.

Um pensamento que ela não dissesse.

Um silêncio.

Sempre restaria alguma coisa.

E era ali que ele entrava.

[. . .]

Na despedida, Laura perguntou:

— Você gostaria de saber tudo?

Ele quase respondeu que sim.

Durante meses, teria respondido.

Agora não tinha certeza.

Saber tudo significaria retirar dela qualquer lugar onde pudesse permanecer desconhecida.

E talvez amar alguém exigisse justamente aceitar esse lugar.

— Não.

Laura pareceu surpresa.

— Não?

— Quero que exista alguma coisa em você que não seja minha nem quando você me conta.

Ela o observou por alguns segundos.

Depois sorriu.

— Isso parece melhor.

Ele também sorriu.

Mas, quando Laura se afastou, percebeu o engano escondido na própria frase.

Falara em respeitar o que não sabia.

Ainda assim, chamara de ***alguma coisa em você*** *aquilo que*

já começava a imaginar.

Até o desconhecido de Laura começava a ter um lugar dentro dele.

E saber disso também não resolveu.

SONETO XIV

Quanto mais sei de você,
menos consigo encerrá-la.

A verdade não fecha.

Abre.

Você ama
e se afasta.

Permanece
e pensa em mim.

Está onde escolheu ficar
e, às vezes,
chega aonde eu estou.

Quis separar as coisas.

De um lado, o amor.
Do outro, a falta.

De um lado, ele.
Do outro, eu.

Mas você atravessa
as linhas que desenho.

E continua inteira.

Talvez o erro
tenha sido acreditar
que os contrários
precisassem escolher.

Você pode ficar
e desejar partir.

Pode amar
e sentir ausência.

Pode pensar em mim
enquanto pertence
a uma vida
onde eu não estou.

Eu queria uma resposta
que apagasse
a outra resposta.

Você me oferece ambas.

E eu começo a compreender
o que há de loucura
em exigir do amor

que ele escolha
um único lado
para existir.

[. . .]

Laura não escolheu.

Foi isso que ele demorou a compreender.

Continuava voltando para casa.

Continuava falando do marido sem transformar o nome dele em culpa.

Continuava procurando-o.

As coisas coexistiam.

Ele é que insistia em colocá-las em fila, como se uma precisasse terminar para que a outra pudesse começar.

Laura parecia viver de outro modo.

Não porque sofresse menos.

Talvez porque já tivesse compreendido que certas contradições não pedem solução.

Pedem espaço.

[. . .]

— Você nunca pensou em ir embora? — perguntou certa tarde.

Laura soube imediatamente de onde.

— Já.

A resposta o surpreendeu pela rapidez.

— E?

— E fiquei.

Ele esperou.

Ela não acrescentou nada.

— Por quê?

Laura sorriu.

— Você ainda quer uma causa.

— Talvez.

— Não houve uma.

Ele não acreditou.

Laura percebeu.

— Houve muitas.

Isso era pior.

Uma causa poderia ser compreendida.

Muitas se contradiziam.

— Algumas manhãs eu queria partir. À tarde já não queria. Houve dias em que pensei que não conseguiria continuar. No dia seguinte, alguma coisa acontecia e eu não entendia por que tinha pensado aquilo.

— O quê?

— Qualquer coisa.

— Qualquer coisa não faz alguém ficar.

Laura olhou para ele.

— Faz.

[. . .]

Ele tentou imaginar.

Uma conversa.

Um gesto do marido.

Uma lembrança.

Uma manhã tranquila.

Qualquer coisa.

Percebeu o movimento e parou.

— Está vendo? — Laura disse.

— O quê?

— Você já está procurando.

Ele sorriu.

— É difícil não procurar.

— Eu sei.

Havia ternura na resposta.

Isso tornou mais difícil a pergunta seguinte.

— E agora?

— Agora o quê?

— Você quer ficar?

Laura desviou os olhos.

Dessa vez, o silêncio demorou.

Ele sentiu nascer a esperança justamente onde não deveria.

Se Laura hesitava, havia uma abertura.

Percebeu.

Não conseguiu impedir.

— Hoje, sim.

A resposta deveria tê-lo decepcionado.

Produziu alívio.

Depois percebeu a palavra.

Hoje.

[. . .]

Não a repetiu.

Recusou-se.

Laura havia dito que queria ficar.

Era isso.

Tentou conservar a frase inteira.

Hoje, sim.

Mas retirar o hoje seria fazer exatamente aquilo que Laura temia.

Deixou-o.

E o hoje começou a crescer.

Não como promessa.

Como limite.

Hoje.

Até a noite?

Até amanhã?

Até alguma coisa acontecer?

Ele respirou fundo.

Laura observava.

— Está fazendo de novo?

— Estou.

— Com qual palavra?

Ele hesitou.

Depois decidiu dizer.

— Hoje.

Laura assentiu.

— Eu sabia.

— Por que disse então?

A pergunta saiu mais áspera do que pretendia.

Laura não recuou.

— Porque era verdade.

[...]

Ele ficou em silêncio.

A resposta era irrefutável.

Laura não lhe devia uma verdade mais confortável.

— Você preferia que eu dissesse sempre?

— Não.

— Preferia que eu dissesse nunca?

— Não.

— Então?

Ele quase respondeu não sei.

Sorriu.

Laura percebeu.

— Pode dizer.

— Não sei.

Dessa vez, os dois riram.

Por um instante, a frase perdeu o peso.

Era apenas uma resposta.

Talvez algumas palavras pudessem ser devolvidas ao tamanho original.

[. . .]

Caminharam.

Laura falou sobre outras coisas.

Ele percebeu que o hoje continuava ali, mas já não precisava enfrentá-lo.

Podia caminhar ao lado dele.

Talvez fosse isso que Laura fazia com suas próprias contradições.

Não resolvia.

Carregava.

A ideia lhe pareceu simples demais.

Mesmo assim, tentou.

Laura queria ficar.

Laura pensava nele.

Laura amava o marido.

Laura gostava dele.

Nenhuma frase apagava a outra.

Pela primeira vez, pronunciou-as mentalmente sem escolher qual deveria vencer.

Sentiu uma espécie de vertigem.

Depois, calma.

[. . .]

— Posso perguntar uma coisa? — Laura disse.

— Pode.

— Se eu fosse livre, seria diferente?

Ele não esperava.

— Livre como?

— Você sabe.

Sabia.

Sem marido.

Sem casa fechada.

Sem aquela vida anterior.

Laura disponível para aquilo que ele passara tanto tempo desejando.

A resposta deveria ser evidente.

Não foi.

Tentou imaginar Laura livre.

Não conseguiu.

Retirar o marido alterava tudo.

A igreja.

A distância.

A impossibilidade.

A espera.

Talvez até o primeiro olhar.

A Laura que ele amava havia sido encontrada dentro de uma vida que já existia.

Retirar aquela vida para torná-la possível era retirar também parte da mulher que encontrara.

— Não sei.

Laura sorriu.

— Outra vez?

— Dessa vez é pior.

— Por quê?

Ele demorou.

— Porque talvez eu tenha amado também aquilo que me impedia de ter você.

Laura perdeu o sorriso.

[. . .]

A frase assustou os dois.

Ele quis corrigir.

Não havia como.

Não amava o marido.

Não amava a impossibilidade.

Mas alguma coisa em seu desejo nascera justamente da distância.

Se Laura estivesse livre naquela primeira manhã, teria sido Laura?

Sim.

E não.

A antítese surgiu inteira.

Dessa vez, ele não confiou nela.

— Isso é horrível — disse.

Laura pensou.

— Talvez seja apenas verdadeiro.

— Então eu preciso que você seja impossível?

Ela o olhou por muito tempo.

— Talvez você precise descobrir.

[. . .]

Separaram-se pouco depois.

Ele caminhou sem procurar resposta.

A pergunta o acompanhou.

Se Laura fosse possível, ainda seria Laura?

Sabia que era uma pergunta injusta.

Laura não existia para sustentar a forma de seu desejo.

Ainda assim, alguma coisa havia sido tocada.

Durante meses, imaginara que sofria porque não podia tê-la.

Agora surgia uma possibilidade mais perturbadora:

talvez uma parte dele tivesse aprendido a amá-la justamente porque não podia.

E, se a impossibilidade desaparecesse, não sabia o que desapareceria com ela.

[. . .]

A pergunta permaneceu alguns dias sem resposta.

Ele não a procurou.

Talvez porque começasse a desconfiar das respostas que encontrava depressa.

Laura possível.

Laura impossível.

As duas expressões lhe pareceram, de repente, absurdas.

Laura não era uma possibilidade.

Era uma mulher.

A impossibilidade estava nele.

Naquilo que desejava fazer com a vida dela para que coubesse na sua.

[...]

Quando se encontraram novamente, ele perguntou:

— Você se considera impossível?

Laura riu.

— Para quem?

— Para mim.

Ela pensou.

— Não.

A resposta o desconcertou.

— Não?

— Estou aqui.

Era simples.

Laura estava diante dele.

Podia falar com ela.

Ouvi-la.

Discordar.

Sentir sua falta.

Ser esperado.

Amá-la.

Nada disso era impossível.

— Mas você sabe o que quero dizer.

— Sei. Só não sei se é a mesma coisa.

— Qual é a diferença?

Laura olhou para ele.

— Talvez você chame de impossível aquilo que não pode ter inteiro.

[. . .]

A frase doeu porque nomeava o que ele ainda não formulara.

Inteiro.

Era isso.

Não bastava que Laura estivesse.

Havia uma parte dela que sempre continuava em outro lugar.

E ele transformara essa parte em ausência.

Talvez não fosse.

Talvez fosse apenas Laura continuando além dele.

— Ninguém tem alguém inteiro — ela disse.

Ele assentiu.

Sabia.

Mas saber, outra vez, não resolveu.

[. . .]

Naquela tarde, quando Laura partiu, ele não sentiu que a perdia.

Viu apenas uma mulher afastando-se.

Ela dobrou uma esquina.

Desapareceu.

E ele permaneceu onde estava.

Nenhuma porta surgiu.

Nenhuma casa.

Nenhum marido.

Nenhuma cena.

Por alguns segundos, Laura esteve simplesmente onde ele não podia vê-la.

Foi uma sensação estranhamente tranquila.

Ele começou a caminhar.

Talvez estivesse aprendendo.

[...]

À noite, porém, percebeu outra coisa.

Não havia pensado em Laura durante horas.

Dessa vez, não tentou recuperá-la.

Esperou.

O rosto não veio.

Esperou mais.

Nada.

Sentiu o medo antigo.

Fechou os olhos.

Procurou.

Laura apareceu devagar.

Primeiro os olhos.

Depois a boca.

O contorno do rosto.

Ele respirou aliviado.

E então compreendeu a crueldade do que estava acontecendo.

Quando Laura ocupava tudo, queria libertar-se.

Quando Laura começava a desaparecer, queria trazê-la de volta.

Não suportava perdê-la.

Também não sabia deixá-la existir sem possui-la dentro de si.

Entre uma coisa e outra, chamou de amor aquilo que talvez já estivesse aprendendo a ser medo.

SONETO XV

Quando você desaparece,
eu a procuro.

Quando aparece,
procuro aquilo
que pode desaparecer.

Não sei mais
se tenho medo da ausência

ou daquilo que a presença
não consegue impedir.

Quis você inteira.

Agora compreendo:

inteira seria uma Laura
sem nenhum lugar
onde eu não estivesse.

E essa mulher
não seria você.

Mas compreender
não me ensina a aceitar.

Deixo que parta
e acompanho.

Deixo que fique
e desconfio.

Se esqueço seu rosto,
tenho medo.

Se o lembro perfeitamente,
também.

Há uma medida
que não encontro.

Perto o bastante
para não perder você.

Longe o bastante
para não a inventar

Talvez fosse isso
que eu chamava de amor:

permanecer entre duas perdas
e acreditar
que uma delas
poderia me salvar da outra.

Agora começo a perceber
uma terceira.

Não perder você.

Perder-me
tentando não perder.

[. . .]

Ele percebeu primeiro nas coisas pequenas.

Esqueceu um compromisso.

Chegou a um lugar sem lembrar por que escolhera aquele caminho.

Leu a mesma página três vezes e, ao final, sabia apenas que Laura aparecera entre uma linha e outra.

Nada grave.

Qualquer pessoa poderia distrair-se.

Foi isso que disse a si mesmo.

Mas começou a notar a frequência.

Laura já não interrompia apenas os pensamentos.

Começava a ocupar o espaço entre eles.

[. . .]

Certa manhã, alguém lhe fez uma pergunta.

Ele ouviu.

Respondeu.

A pessoa franziu a testa.

— Não foi isso que perguntei.

Ele pediu que repetisse.

A pergunta era simples.

Sua resposta também.

Apenas não pertenciam uma à outra.

Riu.

A outra pessoa riu também.

O episódio terminou.

Horas depois, tentou lembrar o que pensava naquele momento.

Laura.

Não soube dizer em quê.

Era pior.

Antes havia sempre uma imagem, uma frase, um gesto.

Agora às vezes havia apenas Laura.

Sem conteúdo.

Como se o nome bastasse para ocupar o pensamento inteiro.

[. . .]

Quando a encontrou, decidiu não contar.

Laura perceberia.

Ultimamente percebia demais.

Conversaram durante algum tempo.

Ele fez esforço para permanecer atento.

Funcionou.

Até que Laura perguntou:

— Você ouviu o que eu disse?

— Ouvi.

— O que eu disse?

Ele tentou recuperar.

Nada.

Tinha visto os lábios de Laura se moverem.

Ouvira sua voz.

Sabia até que ela havia afastado o cabelo enquanto falava.

Mas as palavras não estavam.

— Não sei.

Laura ficou séria.

— Outra vez.

— Desculpe.

— Onde você estava?

A pergunta irritou-o.

— Aqui.

— Não estava.

— Eu estava olhando para você.

Laura demorou um instante.

— Talvez seja esse o problema.

[. . .]

Ele sentiu a frase como uma injustiça.

— Agora olhar para você é um problema?

— Não foi isso que eu disse.

— Mas foi o que quis dizer.

Laura ficou imóvel.

O silêncio veio depressa.

Ele percebeu.

Pela primeira vez, não havia interpretado uma ambiguidade.

Havia colocado na boca de Laura uma frase que ela não dissera.

— Desculpe.

Laura respirou fundo.

— Você está cansado?

— Não.

— Tem dormido?

— Tenho.

— Então o que está acontecendo?

Ele quase respondeu nada.

A palavra chegou até a boca e parou.

— Não consigo parar.

— O quê?

Ele olhou para ela.

— Você.

[. . .]

Laura não sorriu.

Talvez em outro tempo ele desejasse que aquela frase a comovesse.

Agora, ao ouvi-la pronunciada, percebeu o peso.

Não era uma declaração.

Era uma confissão de incapacidade.

— Eu não sei o que fazer com isso — ela disse.

— Nem eu.

— E quando não está comigo?

Ele pensou.

— Às vezes é pior.

— Por quê?

— Porque você não está lá para contrariar.

Laura compreendeu.

Ele viu.

A frase parecia ter explicado mais do que todas as anteriores.

Quando Laura estava presente, podia desmentir a outra.

Podia dizer não.

Podia irritar-se.

Podia mudar de assunto.

Podia ser imprevisível.

Ausente, perdia essa defesa.

Dentro dele, Laura obedecia.

[. . .]

— Então precisa ficar longe de mim — ela disse.

O medo veio inteiro.

— Não.

A resposta foi rápida demais.

Laura recuou quase imperceptivelmente.

Ele percebeu.

— Não foi isso que quis dizer.

— Foi exatamente isso.

— Laura...

— Você disse que não consegue parar.

— Não quero parar de ver você.

— Talvez não sejam coisas diferentes agora.

Ele sentiu raiva.

Não sabia se dela ou da precisão da frase.

— É fácil para você dizer.

Laura ficou pálida.

— Você acha?

Ele percebeu que atravessara outra linha.

— Não.

— Então não diga.

[. . .]

Ficaram algum tempo sem falar.

Ele desejou voltar alguns minutos.

Retirar a frase.

Responder à pergunta que não ouvira.

Começar novamente.

Mas não havia retorno.

Nunca havia.

Era curioso que tivesse passado tanto tempo temendo aquilo que as palavras de Laura fariam com ele.

Agora começava a perceber aquilo que suas palavras faziam com Laura.

Ela também podia ser ferida pela interpretação.

Pelo excesso.

Pela necessidade que ele transformava em prova de amor.

[. . .]

— Eu tenho medo — disse.

Laura levantou os olhos.

— De quê?

Dessa vez, ele sabia.

— De que você se afaste.

— E por isso está fazendo coisas que me fazem querer me afastar.

Ele fechou os olhos por um instante.

Não havia antítese mais cruel.

Nem mais simples.

— Eu sei.

Laura aproximou-se.

Não tocou nele.

— Saber não está ajudando.

A frase quase o fez rir.

Saber não resolvia.

Saber não impedia.

Saber não devolvia a medida.

Ele podia observar cada movimento e ainda assim continuar.

A lucidez permanecia.

O governo sobre si, não.

[. . .]

— O que você quer que eu faça? — perguntou.

Laura demorou.

— Vá embora hoje.

Ele sentiu o corpo reagir.

— Laura...

— Só hoje.

— Por quê?

— Porque eu preciso sentir sua falta sem você me obrigar a sentir.

Ele não compreendeu de imediato.

Depois compreendeu.

E doeu.

Laura queria ter o direito da própria ausência.

Até a falta precisava ser dela.

[. . .]

Ele foi.

Não olhou para trás.

No caminho, esperou que Laura o chamasse.

Ela não chamou.

Depois desejou que aparecesse.

Não apareceu.

Cada passo parecia confirmar uma coisa que ele sabia não ser verdadeira.

Ela está deixando você ir.

Mas fora exatamente isso que ela pedira.

Que fosse.

Só hoje.

Tentou conservar as duas palavras.

Só hoje.

A primeira começou a desaparecer.

Restou:

hoje.

Depois:

vá embora.

Parou.

Percebeu.

Reconstruiu a frase.

Vá embora hoje.

Ainda faltava alguma coisa.

A voz.

O rosto.

A razão.

Tentou recuperar tudo ao mesmo tempo.

Não conseguiu.

[. . .]

Chegou em casa antes de escurecer.

Não acendeu a luz.

Sentou-se.

Esperou.

Não sabia o quê.

Talvez que a distância produzisse alguma mudança.

Talvez que Laura diminuísse.

Não diminuiu.

Ao contrário.

A ausência retirou todas as coisas que a contrariavam.

Não havia voz real.

Não havia impaciência.

Não havia limite.

Não havia Laura dizendo:

Não foi isso que eu disse.

Havia apenas aquilo que ele conseguia fazer dela.

E, pela primeira vez, isso não lhe trouxe conforto.

Trouxe medo.

[. . .]

Levantou-se.

Precisava sair.

Foi até a porta.

Parou com a mão sobre ela.

Sabia onde Laura provavelmente estaria.

Poderia voltar.

Poderia dizer que precisava falar.

Poderia encontrá-la por acaso.

A palavra quase o fez sorrir.

Não havia mais acaso.

Havia escolha.

Laura pedira distância.

Ele precisava escolher se seria capaz de oferecê-la.

Abriu a porta.

Ficou imóvel.

Depois fechou.

Voltou para o quarto.

Foi talvez a coisa mais difícil que fizera desde que a conhecera.

E ninguém viu.

[...]

Na manhã seguinte, acordou cedo.

Por alguns segundos, não lembrou por que sentia aquele peso.

Então Laura voltou.

Não como rosto.

Como pergunta.

Hoje posso vê-la?

Sentou-se na cama.

Percebeu que já procurava uma regra onde Laura não havia dado nenhuma.

Vá embora hoje.

O hoje havia terminado?

Ou significava que deveria esperar que ela o procurasse?

Poderia vê-la?

Deveria?

A ausência, que Laura pedira para ser dela, já estava outra vez sendo organizada por ele.

Foi então que percebeu o que começava a perder.

Não Laura.

Uma coisa anterior.

A capacidade de atravessar uma manhã sem precisar decidir sua vida a partir dela.

[. . .]

A manhã passou devagar.

Ele decidiu não procurar Laura.

A decisão ocupou quase tanto espaço quanto procurá-la.

Cada vez que pensava em sair, precisava lembrar por que não sairia. Cada caminho possível parecia conter a possibilidade de encontrá-la.

Ficou.

Tentou ler.

Não conseguiu.

Depois conseguiu por algumas páginas.

Quando percebeu que havia conseguido, pensou em Laura.

Fechou o livro.

Era exaustivo.

Até aquilo que fazia para escapar dela terminava por devolvê-la.

[. . .]

Perto do meio-dia, ouviu passos do lado de fora.

O corpo reagiu.

Laura.

Não se levantou.

Os passos continuaram.

Desapareceram.

Não era ela.

Sentiu alívio.

Depois decepção.

As duas coisas vieram tão próximas que quase pareciam a mesma.

Foi então que percebeu que já não sabia o que desejava que acontecesse.

Queria que Laura respeitasse a distância que pedira.

Queria que não conseguisse.

Queria que sentisse falta.

Queria que aparecesse.

Queria poder dizer que não a procurara.

Queria ser encontrado.

Nenhuma dessas vontades anulava as outras.

Ele já não tentava organizá-las.

[. . .]

No início da tarde, saiu.

Não para procurar Laura.

Precisava apenas sair.

Escolheu um caminho onde dificilmente a encontraria.

Depois percebeu que a escolha continuava sendo feita por ela.

Mudou de direção.

A nova rua também poderia ser interpretada.

Parou.

Pela primeira vez, a cidade lhe pareceu pequena demais.

Havia caminhos que levavam a Laura.

Caminhos que evitavam Laura.

E caminhos escolhidos para provar que não pensava nela.

Todos levavam ao mesmo lugar.

Laura não precisava estar em nenhuma rua.

Bastava determinar por qual delas ele passaria.

[. . .]

Sentou-se onde nunca haviam estado juntos.

Isso lhe pareceu importante.

Olhou ao redor.

Nada possuía lembrança.

Nenhum gesto.

Nenhuma frase.

Nenhuma coincidência.

Era um lugar sem Laura.

Permaneceu ali durante algum tempo.

Aos poucos, começou a sentir uma tranquilidade verdadeira.

As pessoas passavam sem significar.

Uma porta se abria e era apenas uma porta.

Uma mulher atravessou a rua.

Ele não procurou semelhança.

O mundo parecia recuperar a capacidade de existir sem apontar para outra coisa.

Respirou fundo.

Talvez fosse isso.

Não esquecer Laura.

Apenas devolver às coisas aquilo que eram.

[. . .]

Então pensou:

Eu gostaria que Laura visse este lugar.

Sorriu.

Não havia desespero.

Nem medo.

Apenas vontade de compartilhar alguma coisa com ela.

Talvez isso fosse diferente.

Talvez ainda houvesse uma maneira de amar que não exigisse transformar cada ausência em presença.

Guardou o pensamento sem repeti-lo.

Levantou-se.

Foi embora.

[. . .]

No caminho, viu Laura.

Ela vinha na direção contrária.

Dessa vez, não havia dúvida.

Os dois diminuíram o passo.

Ele não sabia se deveria aproximar-se.

Laura resolveu.

Veio até ele.

— Você não foi.

Ele percebeu imediatamente o que a frase continha.

Ela esperara que ele voltasse.

Não transformou.

Tentou não transformar.

— Você pediu.

Laura assentiu.

— Achei que não conseguiria.

Ele sentiu uma pequena dor.

— Eu também.

Ela sorriu.

— Conseguiu.

A palavra deveria significar vitória.

Não pareceu.

[. . .]

Ficaram diante um do outro.

Nenhum sabia muito bem como continuar.

Foi ele quem perguntou:

— Sentiu minha falta?

Assim que disse, arrependeu-se.

Laura percebeu.

— Você precisa perguntar?

— Não.

— Então por que pergunta?

Ele pensou.

Dessa vez, encontrou.

— Porque sentir não basta para mim. Eu quero saber.

Laura ficou em silêncio.

— E depois que sabe?

Ele quase respondeu depressa.

Parou.

Pensou em tudo aquilo que já soubera.

O sorriso.

A espera.

O ainda.

O toque.

A casa.

O marido.

Eu gosto de você.

Eu senti sua falta.

Nada havia encerrado a pergunta seguinte.

— Quero saber outra coisa.

Laura assentiu lentamente.

— É isso.

[. . .]

Ele compreendeu.

Não era falta de resposta.

Era a necessidade de uma resposta seguinte.

Cada certeza produzia uma nova pergunta.

Cada aproximação deslocava o limite.

Cada coisa recebida criava imediatamente aquilo que ainda não possuía.

Laura poderia dizer que sentira sua falta.

Depois ele precisaria saber quanto.

Durante quanto tempo.

Se pensara nele antes de dormir.

Se o procurara.

Se imaginara que voltaria.

Não havia resposta capaz de terminar.

Porque talvez não fosse uma resposta que ele procurava.

Era continuidade.

[. . .]

— Senti — Laura disse.

Ele olhou para ela.

A palavra ficou entre os dois.

Não perguntou quanto.

Não perguntou quando.

Não perguntou como.

Laura esperou.

Ele também.

Depois sorriu.

— Obrigado.

Ela riu.

— Por quê?

— Por responder só o que eu perguntei.

— Foi difícil.

— Para você?

— Para você.

Os dois riram.

Por alguns segundos, aquela única palavra bastou.

Senti.

[. . .]

Despediram-se pouco depois.

Ele continuou caminhando.

A palavra veio com ele.

Não tentou expulsá-la.

Também não a repetiu.

Deixou que estivesse.

Alguns minutos depois, percebeu que havia desaparecido sozinha.

Não sentiu medo.

Não tentou recuperá-la.

Isso era novo.

Seguiu andando.

Talvez estivesse aprendendo finalmente a perder pequenas coisas sem transformar cada perda numa ameaça.

A ideia trouxe calma.

Então outra surgiu.

Se podia deixar desaparecer uma palavra de Laura,

talvez um dia pudesse deixar desaparecer Laura.

E a calma terminou.

[. . .]

A ideia permaneceu pouco tempo.

Foi suficiente.

Até então, esquecer Laura aparecera como medo.

Agora surgira como possibilidade.

Isso era diferente.

Uma possibilidade não precisava acontecer para modificar o presente.

Bastava existir.

Ele tentou imaginar um dia em que o nome dela não

produzisse nada.

Não conseguiu.

Tentou imaginar o rosto perdendo nitidez.

Conseguiu.

Interrompeu.

[. . .]

Na manhã seguinte, procurou deliberadamente uma lembrança antiga.

A igreja.

Queria Laura como a vira pela primeira vez.

Encontrou a luz antes dela.

Isso o perturbou.

Tentou outra vez.

A claridade descia sobre um rosto que demorava a adquirir contorno.

Depois vieram os olhos.

A inclinação da cabeça.

Laura.

Mas alguma coisa estava errada.

Talvez a posição.

Talvez a luz.

Talvez tudo.

Quanto mais corrigia, menos lembrava.

Abriu os olhos.

A primeira Laura já não existia em lugar algum.

Nem mesmo em Laura.

[. . .]

Quando a encontrou naquela tarde, observou-a com atenção.

Laura percebeu.

— Outra vez?

— O quê?

— Esse olhar.

Ele sorriu.

— Estou tentando lembrar.

— Eu estou aqui.

A resposta foi imediata.

A evidência o atingiu.

— Eu sei.

— Então olhe.

Ele olhou.

Laura sustentou o olhar por alguns segundos.

Depois desviou.

Não havia luz sobre o rosto.

Nenhum enquadramento perfeito.

Uma mecha de cabelo caía de maneira desordenada. Ela parecia cansada. Havia uma pequena tensão junto à boca.

Era Laura.

Talvez mais Laura do que aquela que a memória iluminava.

[. . .]

— Você está triste? — perguntou.

— Um pouco.

— Quer contar?

Ela hesitou.

— Não.

Ele assentiu.

Esperou que a inquietação viesse.

Veio.

Por quê?

O marido?

Ele?

Alguma coisa acontecera?

A porta abriu-se dentro dele.

Dessa vez, porém, não entrou.

Laura estava triste.

E não queria contar.

As duas coisas podiam existir sem que ele soubesse a

terceira.

[. . .]

Caminharam juntos.

Em determinado momento, Laura segurou sua mão.

Ele não olhou qual.

Percebeu isso apenas depois.

Não sabia se era a direita ou a esquerda.

Sentiu vontade de verificar.

Não verificou.

Continuaram.

A mão era suficiente enquanto estava ali.

Então Laura soltou.

Ele deixou.

Poucos passos depois, já não conseguia recordar de que lado ela caminhara.

Sentiu o medo começar.

Esperou.

O medo diminuiu.

A lembrança podia perder uma parte sem que o acontecimento inteiro desaparecesse.

Talvez fosse assim.

Talvez esquecer não fosse apagar.

Talvez fosse deixar que as coisas perdessem lentamente aquilo que nunca precisaram conservar.

[...]

Na despedida, Laura perguntou:

— Amanhã?

Ele olhou para ela.

Durante meses, teria ouvido promessa.

Depois aprendera a ouvir possibilidade.

Naquele momento, ouviu apenas uma pergunta.

— Amanhã.

Laura sorriu.

Partiu.

Ele não a acompanhou com os olhos.

Seguiu na direção contrária.

Depois de alguns passos, percebeu que não sabia se ela ainda estava atrás dele.

Não se virou.

Continuou andando.

E foi então que sentiu Laura mais próxima.

Não a Laura lembrada.

Não a Laura imaginada.

Aquela que continuava existindo sem que ele precisasse vê-la.

[. . .]

À noite, pensou nisso.

Talvez amar fosse também suportar que o outro continuasse fora do olhar.

A ideia era quase tranquila.

Quase.

Porque, se Laura podia existir sem que ele a visse,

também podia mudar sem que ele percebesse.

Podia afastar-se.

Podia escolher.

Podia deixar de esperá-lo.

Podia deixar de sentir falta.

Podia até deixar de amá-lo, se algum dia o amasse.

Tudo isso poderia acontecer enquanto ele estivesse olhando para outro lado.

Ele compreendeu então por que era tão difícil não se virar.

Não era Laura que precisava permanecer sob seu olhar.

Era a certeza.

E a certeza acabava de seguir sozinha

na direção contrária.

SONETO XVI

Enquanto olho,

você permanece.

Quando desvio,
o mundo continua.

Foi isso
que demorei a aceitar.

Você não desaparece
quando deixo de vê-la.

Mas pode mudar.

Pode voltar para casa
com outro pensamento.

Pode acordar
sem sentir minha falta.

Pode pronunciar meu nome
e não encontrar
o mesmo lugar.

Quis vigiar a distância
como quem protege
uma chama do vento.

Não percebi
que era o meu sopro
que a fazia tremer.

Agora caminho
sem me virar.

Atrás de mim,
você existe.

Ou não.

Essa pequena diferença
é tudo o que não governo.

Talvez a loucura
não tenha sido perder
a certeza.

Talvez tenha sido
acreditar que amar
me dava direito a ela.

Você continua
onde meus olhos terminam.

E eu continuo aqui,

aprendendo que não olhar
não é perder.

Mas sabendo, enfim,

que aquilo que amo
pode mudar

enquanto olho
para outro lado.

[. . .]

Laura mudou.

Ele não percebeu quando.

Talvez porque esperasse que uma mudança tivesse um instante.

Uma frase.

Um gesto.

Uma porta fechando.

Não houve.

Durante alguns dias, encontraram-se como antes. Depois um encontro não aconteceu.

No seguinte, Laura chegou tarde.

Depois precisou partir cedo.

Nada disso significava coisa alguma.

Ele sabia.

Foi justamente por saber que demorou a perceber.

[. . .]

— Amanhã não posso — Laura disse.

Ele assentiu.

— Depois?

— Talvez.

A palavra entrou.

Talvez.

Esperou o movimento conhecido.

Não veio.

Ou veio menor.

— Está bem.

Laura olhou para ele como se esperasse outra reação.

— Está?

Ele sorriu.

— Estou tentando.

Ela compreendeu.

Aproximou-se e tocou sua mão.

Ele não olhou qual.

Isso já era possível.

[. . .]

O dia seguinte passou.

Não a procurou.

No outro, também não.

No terceiro, começou a inquietar-se.

Não porque Laura estivesse ausente.

Porque a ausência já durava o suficiente para adquirir forma.

Tentou lembrar:

Depois?

Talvez.

Era tudo.

Nenhuma promessa havia sido quebrada.

Ainda assim, percebeu que esperava.

A diferença era que agora sabia que esperava.

E saber não diminuía a espera.

[. . .]

Encontrou-a quatro dias depois.

Laura sorriu ao vê-lo.

Ele sentiu alívio.

Não tentou esconder.

— Senti sua falta.

Ela permaneceu em silêncio por um instante.

— Eu também.

Era o que desejava ouvir.

Mesmo assim, alguma coisa não voltou ao lugar.

Caminharam.

Laura parecia presente.

Falava.

Perguntava.

Ria.

Mas havia uma atenção dividida nela.

Às vezes interrompia uma frase.

Outras demorava a responder.

Ele conhecia aquele movimento.

Já fizera o mesmo tantas vezes.

— Onde você foi? — perguntou.

Laura olhou para ele.

Os dois reconheceram a frase.

Ela sorriu.

— Não sei.

— Agora é você.

— Talvez.

Continuaram andando.

Ele não perguntou mais.

[. . .]

Dias depois, Laura contou.

— Vamos viajar.

Ele não precisou perguntar quem.

— Quando?

— Em breve.

— Quanto tempo?

— Não sei ainda.

Ele assentiu.

Dessa vez, as perguntas eram necessárias.

Ou pareciam.

— Para onde?

Laura respondeu.

O nome do lugar não significou nada para ele.

Ainda.

Sabia que depois significaria.

Tornaria a encontrá-lo em mapas, conversas, páginas.

Seria incorporado à geografia de Laura.

Percebeu.

Não quis.

— É longe? — perguntou.

Laura sorriu.

— Longe o bastante para você não aparecer por acaso.

A brincadeira trouxe de volta uma Laura antiga.

Ele riu.

— Nunca foi acaso.

— Eu sei.

[. . .]

Foi a primeira vez que ambos disseram isso sem medo.

Não fora acaso.

Talvez tivesse começado assim.

Depois houvera escolha.

Caminhos.

Esperas.

Horários.

Ausências fabricadas para produzir encontros.

Nenhum dos dois precisava fingir.

A verdade, dessa vez, não abriu outra porta.

Fechou uma.

E foi bom.

[. . .]

— Você quer ir? — perguntou.

Laura demorou.

— Quero.

A resposta doeu.

Ele esperava que doesse.

Isso ajudou.

— Com ele?

Laura olhou para ele.

— Com a minha vida.

Ele não compreendeu imediatamente.

Depois compreendeu.

A viagem não era apenas com o marido.

Era com tudo aquilo que existia antes dele e continuava existindo.

Laura não estava escolhendo um homem contra outro.

Estava seguindo uma vida da qual ele nunca fizera parte inteiro.

— Entendo.

— Entende?

Ele pensou.

— Não. Mas consigo ouvir.

Laura sorriu.

— Já é alguma coisa.

[. . .]

Naquela noite, a antiga máquina voltou com força.

Quanto tempo?

O que aconteceria longe?

Laura pensaria nele?

A distância mudaria aquilo que sentia?

E se voltasse diferente?

E se não voltasse?

A última pergunta fez seu corpo reagir.

Ela vai voltar.

Não sabia.

Laura não dissera.

A viagem talvez fosse breve.

Talvez longa.

Ele percebeu que já construía extremos para uma informação ainda incompleta.

Parou.

Não funcionou.

Levantou-se.

Caminhou.

Abriu a janela.

Fechou.

Sentou-se.

A lucidez observava tudo.

E não governava nada.

[. . .]

No dia seguinte, procurou Laura.

Não esperou encontrá-la.

Procurou.

Era uma diferença importante.

Quando a viu, disse antes de qualquer cumprimento:

— Você volta?

Laura ficou imóvel.

— Volto.

O alívio foi tão intenso que ele se envergonhou.

Ela percebeu.

— Você achou que eu não voltaria?

— Pensei.

— Por quê?

Ele quase respondeu não sei.

— Porque tudo o que vai pode não voltar.

Laura olhou para ele com ternura.

— Isso vale para você também.

A frase o surpreendeu.

Durante todo aquele tempo, pensara apenas na possibilidade de Laura desaparecer.

Nunca imaginara que, para ela, ele também pudesse.

[. . .]

— Você tem medo de que eu não esteja aqui?

Laura baixou os olhos.

— Às vezes.

Ele sentiu alegria.

A mesma alegria indevida.

Reconheceu-a.

Não a alimentou.

Apenas segurou a mão dela.

Laura permitiu.

Nenhum dos dois falou.

Havia alguma coisa triste naquela reciprocidade.

Ser necessário ao outro não protegia ninguém da perda.

Apenas criava duas direções para ela.

[. . .]

Nos dias que antecederam a viagem, viram-se menos.

Isso pareceu absurdo.

Justamente quando o tempo diminuía, os encontros também diminuíam.

Laura tinha coisas a resolver.

Ele sabia.

Mesmo assim, começou a contar.

Três dias.

Dois.

A contagem devolveu ao tempo uma forma que ele conhecia bem.

Dessa vez não tentou impedir.

Talvez algumas contagens fossem inevitáveis.

[. . .]

No último encontro, Laura parecia cansada.

Não houve grande despedida.

Isso o decepcionou.

Esperara alguma coisa que não sabia nomear.

Uma frase definitiva.

Um gesto capaz de atravessar a distância.

Laura não ofereceu.

Conversaram pouco.

Em determinado momento, ela perguntou:

— Você vai ficar bem?

— Vou.

— Tem certeza?

Ele sorriu.

— Não.

Laura riu.

Depois ficou séria.

— Não me invente demais enquanto eu estiver longe.

Ele sentiu a frase.

— Vou tentar.

— E não me esqueça inteiramente.

Era uma brincadeira.

Talvez.

Ele não perguntou.

— Isso vai ser mais difícil.

Laura sorriu.

[. . .]

Quando chegou a hora, nenhum dos dois se moveu.

Ele pensou em abraçá-la.

Não sabia se devia.

Laura resolveu a distância.

Aproximou-se.

O gesto foi breve.

Ele não tentou guardá-lo.

Não contou.

Não procurou detalhes.

Por alguns segundos, apenas esteve.

Quando se separaram, Laura tocou seu rosto.

— Até a volta.

Ele assentiu.

Dessa vez não perguntou quando.

Laura começou a caminhar.

Ele a observou afastar-se.

Lembrou-se de todas as vezes em que tentara não olhar.

Agora olhou.

Sem culpa.

Laura chegou ao fim da rua.

Por um instante, pareceu que se viraria.

Não se virou.

Desapareceu.

[. . .]

Ele permaneceu ali.

Esperou a porta.

Não veio.

Esperou a luz.

Nada.

Esperou que a imaginação começasse a preencher o lugar onde Laura estivera.

Também não.

Havia apenas a rua.

Sentiu orgulho.

Talvez tivesse aprendido alguma coisa.

Voltou para casa.

Naquela noite, dormiu bem.

Na manhã seguinte, acordou e pensou em Laura.

Sorriu.

Ela voltaria.

Não sabia quando.

Mas voltaria.

Foi somente no terceiro dia que percebeu uma coisa pequena.

Já não conseguia lembrar com precisão a voz dela dizendo:

Até a volta.

Tentou recuperá-la.

A frase veio.

A voz, não.

Tentou novamente.

Nada.

E, pela primeira vez desde que Laura partira, teve medo de que a distância estivesse fazendo aquilo que ele sempre temera.

Não levar Laura embora.

Alterá-la.

SONETO XVII

Você foi.

Não aconteceu nada.

A rua continuou,
a manhã chegou,
as coisas conservaram
seus lugares.

Eu também.

Durante três dias.

Depois sua voz
começou a perder
aquilo que fazia dela
sua voz.

As palavras ficaram.

Até a volta.

Mas já não sei
como você disse.

Se sorriu.

Se havia medo.

Se a última sílaba
caiu devagar
ou fui eu
quem aprendeu a ouvi-la assim.

Quis lembrar melhor.

E cada tentativa
mudou alguma coisa.

Então parei.

Agora sua voz
está em algum lugar
entre o que ouvi
e o que ainda consigo ouvir.

Talvez a distância
não leve ninguém.

Talvez apenas retire
aos poucos
aquilo que nos dava certeza.

Primeiro a voz.

Depois um gesto.

Depois a ordem
em que as coisas aconteceram.

Até que um dia
resta apenas saber:

você esteve aqui.

E isso parece pouco.

Mas talvez seja tudo.

Porque começo a compreender
que perder você
não seria vê-la partir.

Seria continuar esperando
a mesma Laura

e não perceber
quando outra
voltasse.

[. . .]

Laura voltou.

Ele soube antes de vê-la.

Alguém mencionou seu nome numa conversa qualquer.

— Laura chegou ontem.

Foi tudo.

Esperara esse momento durante toda a ausência.

Imaginara o corpo reagindo, a urgência de procurá-la, o alívio.

Não aconteceu.

Apenas repetiu:

— Ontem?

— Sim.

E continuou a conversa.

Só depois percebeu que não ouvira mais nada do que lhe haviam dito.

[. . .]

Não foi procurá-la naquele dia.

Isso o surpreendeu.

Poderia.

Sabia onde talvez encontrá-la.

Mas alguma coisa o impedia.

Não era medo de Laura.

Era medo do encontro.

Durante a viagem, tentara conservar a mulher que partira.

Agora ela estava de volta.

E as duas precisariam coincidir.

[. . .]

Encontraram-se na manhã seguinte.

Laura vinha de longe.

Ele a reconheceu imediatamente.

O modo de andar.

A inclinação do corpo.

O cabelo.

Por alguns segundos, sentiu alívio.

É ela.

Depois Laura chegou mais perto.

Sorriu.

— Você não veio me procurar.

A voz.

Era diferente.

Ele soube que não era.

Talvez estivesse apenas cansada.

Talvez a memória tivesse alterado o som.

Talvez fosse exatamente a mesma voz.

Ainda assim, alguma coisa nele disse:

diferente.

— Queria deixar você chegar — respondeu.

Laura riu.

— Eu já tinha chegado.

Ele também riu.

Mas a frase ficou.

[. . .]

Caminharam.

Laura contou a viagem.

Lugares.

Pessoas.

Pequenos acontecimentos que não teriam importância para ninguém além dela.

Ele ouviu.

Tentou não comparar.

Mesmo assim, comparava.

Laura falava mais depressa.

Ou talvez sempre tivesse falado assim.

Usava as mãos de um jeito que ele não lembrava.

Havia uma expressão nova.

Ou esquecida.

Até o rosto parecia ter sofrido uma alteração mínima.

Nada que pudesse nomear.

Tudo o que via poderia ter estado ali antes.

Era isso que o perturbava.

Não sabia se Laura havia mudado durante a ausência

ou se ele finalmente começava a vê-la sem a correção da memória.

[. . .]

— Você está me olhando estranho — ela disse.

— Estou?

— Como se estivesse procurando alguma coisa.

Ele sorriu.

Era exatamente aquilo.

— Talvez esteja.

— O quê?

Poderia responder:

a Laura que foi embora.

Não disse.

— Não sei.

Laura revirou os olhos.

— Pensei que já tivéssemos melhorado isso.

Ele riu.

— Também pensei.

A frase trouxe alguma coisa antiga de volta.

Por um instante, reconheceu-a inteira.

Aquela Laura.

A que sabia brincar com seus silêncios.

Sentiu alívio.

Então percebeu que procurava provas.

Outra vez.

[. . .]

— Sentiu minha falta? — ela perguntou.

Ele poderia responder simplesmente.

— Senti.

Laura esperou.

— Só isso?

Ele se surpreendeu.

— Você queria mais?

Ela sorriu.

— Talvez.

Agora era ela.

A palavra.

A expectativa.

A necessidade de alguma coisa além da resposta.

Reconheceu o movimento com nitidez dolorosa.

— Quanto? — perguntou.

Laura riu.

— Muito.

— Quando?

Ela compreendeu.

Parou de rir.

Os dois ficaram se olhando.

— Estou fazendo igual a você? — perguntou.

— Um pouco.

Laura desviou os olhos.

— Não gostei.

— Eu também não.

[. . .]

Continuaram andando.

Ele pensou naquilo.

Durante a ausência, talvez Laura também tivesse construído um homem.

Talvez tivesse esperado uma procura que não veio.

Talvez imaginasse que ele estaria no lugar habitual quando voltasse.

Talvez sua ausência tivesse começado a produzir nele aquilo que a ausência dela sempre produzira.

Não perguntou.

Pela primeira vez, não porque tivesse medo da resposta.

Porque aquela parte pertencia a Laura.

[. . .]

— Você mudou — ela disse.

Ele sentiu um pequeno choque.

— Eu?

— Sim.

— Como?

Laura pensou.

— Não sei.

Ele sorriu.

— Agora é você.

Ela não sorriu.

— Antes eu sabia onde você estava.

— E agora?

— Às vezes parece que você está indo embora enquanto continua aqui.

Ele lembrou.

Seu corpo está.

A frase antiga voltou.

Mas agora em outra direção.

Durante tanto tempo fora ele quem desaparecia diante de Laura.

Agora ela o procurava.

— Eu não estou indo embora.

Laura assentiu.

— Eu sei.

A resposta não significava que acreditasse.

Significava apenas que ouvira.

Ele conhecia a diferença.

[. . .]

Nos dias seguintes, tentaram recuperar o ritmo anterior.

Era inevitável.

Os mesmos lugares.

Algumas conversas interrompidas antes da viagem.

Pequenos hábitos.

Mas a repetição não devolvia.

Produzia semelhanças.

E semelhança não era continuidade.

Ele começou a perceber que havia um antes e um depois.

Não porque alguma coisa grave tivesse acontecido.

Justamente porque nada havia acontecido.

Laura viajara.

Laura voltara.

Entre uma coisa e outra, o tempo fizera seu trabalho sem pedir licença.

[. . .]

Certa tarde, Laura segurou sua mão.

Ele sentiu imediatamente.

Não qual mão.

O gesto.

Era conhecido.

Mesmo assim, diferente.

Dessa vez, foi Laura quem apertou primeiro.

— O que foi? — perguntou.

Ela não respondeu.

Ficaram assim.

Ele esperou.

— Às vezes acho que alguma coisa ficou lá — ela disse.

— Na viagem?

— Não sei.

— Em você?

Laura olhou para ele.

— Talvez.

Ele sentiu medo.

A palavra antiga.

Desaparecer.

Não a deixou crescer.

— Quer falar?

— Não sei falar ainda.

— Então não fale.

Laura apertou sua mão novamente.

[. . .]

Ele deveria ter sentido alívio por conseguir esperar.

Sentiu outra coisa.

Laura possuía agora uma região que nascera longe dele.

Não era a casa.

Não era o marido.

Não era o passado.

Era alguma coisa nova.

Alguma coisa que acontecera enquanto ele não estava olhando.

E que talvez nem Laura compreendesse.

Não havia porta para aquilo.

Nenhuma porta pode ser aberta quando ainda não sabemos onde fica.

[. . .]

Naquela noite, ele pensou pouco nela.

Acordou de madrugada com uma frase que não sabia se havia sonhado:

Laura voltou, mas não voltou de lá.

Ficou algum tempo no escuro.

A frase parecia profunda.

Depois pareceu ridícula.

Virou-se.

Tentou dormir.

Não conseguiu.

Não voltou de lá.

De onde?

Não sabia.

Era justamente isso que dava força à frase.

Percebeu.

Quase riu.

A Loucura ainda conhecia seus velhos truques.

Agora ele também.

Isso deveria protegê-lo.

Não protegeu.

[. . .]

Alguns dias depois, Laura faltou a um encontro.

Não avisou.

Ele esperou.

No início, tranquilo.

Depois inquieto.

Quando percebeu que ela não viria, foi embora.

Não procurou explicação.

Não imaginou acidente.

Não imaginou o marido.

Não imaginou abandono.

Voltou para casa.

No dia seguinte, Laura também não apareceu.

No outro, ninguém soube dizer onde estava.

Foi então que a ausência mudou de natureza.

Até ali, Laura sempre estivera em algum lugar conhecido, mesmo quando distante.

Agora ele não sabia.

[. . .]

Passou mais um dia.

Ele não procurou.

Disse a si mesmo que Laura tinha direito ao silêncio.

À casa.

À vida.

Ao lugar onde não o levara.

Tudo aquilo que aprendera parecia exigir que esperasse.

Esperou.

No quinto dia, já não sabia se esperar era respeito

ou medo.

[. . .]

Laura apareceu no sexto.

Ele a viu antes que ela o visse.

Estava parada do outro lado da rua.

Por um instante, sentiu uma felicidade violenta.

Depois percebeu alguma coisa.

Laura estava ali.

Mas não procurava por ele.

Parecia olhar através das pessoas.

Como se esperasse reconhecer alguma coisa que não encontrava.

Ele atravessou.

— Laura.

Ela voltou o rosto.

Olhou para ele.

Não sorriu.

Durante um segundo, ele teve a impressão absurda de que ela não o reconhecera.

Então Laura disse seu nome.

Baixo.

Como se precisasse confirmar.

[. . .]

— Onde você estava?

A pergunta saiu antes que pudesse escolher.

Laura olhou ao redor.

Depois para ele.

— Eu não sei.

Ele esperou.

Dessa vez, o não sei não pertencia ao jogo antigo.

Não havia sorriso.

Não havia provocação.

— Aconteceu alguma coisa?

Laura levou algum tempo para responder.

— Acho que sim.

— O quê?

Ela balançou a cabeça.

— Ainda não consigo dizer.

Ele quis aproximar-se.

Laura recuou.

Muito pouco.

O suficiente.

[. . .]

Foi naquele gesto que ele compreendeu.

Não o que acontecera.

Não sabia.

Talvez Laura também não.

Mas alguma coisa havia se deslocado.

Durante tanto tempo, temera que a distância modificasse Laura sem que pudesse assistir.

Agora ela estava diante dele.

E ele assistia.

Isso não ajudava.

[. . .]

— Você quer que eu vá embora? — perguntou.

Laura fechou os olhos por um instante.

Quando abriu, havia cansaço.

— Não.

Ele permaneceu.

— Quer que eu fique?

Ela demorou.

— Não sei.

As duas respostas ficaram lado a lado.

Ele não tentou escolher uma.

Pela primeira vez, compreendeu que talvez não fossem contrárias.

Laura podia não querer que ele partisse

e não saber como permitir que ficasse.

[. . .]

Sentaram-se.

Nenhum dos dois falou durante muito tempo.

Ele não procurou preencher.

Laura também não.

A tarde foi mudando ao redor deles.

Em algum momento, a luz alcançou o rosto dela.

Ele reconheceu imediatamente a antiga imagem.

A igreja.

A primeira manhã.

A claridade.

Por um instante, todas as Lauras pareceram caber naquela.

A que ele vira.

A que inventara.

A que partira.

A que voltara.

A que agora permanecia ao lado dele sem saber se queria sua presença.

Ele sentiu vontade de tocar seu rosto.

Não tocou.

A luz se moveu.

Saiu.

Laura continuou ali.

[. . .]

Foi ela quem se levantou primeiro.

— Preciso ir.

Ele assentiu.

Não perguntou quando a veria.

Laura deu alguns passos.

Parou.

Virou-se.

Dessa vez, realmente olhou para trás.

Ele percebeu a ironia.

Durante meses conservara numa folha uma frase que talvez nem fosse verdadeira:

Olhou para trás antes de partir.

Agora acontecia.

Sem papel.

Sem dúvida.

Laura olhava.

Ele poderia guardar.

Não guardou.

Laura partiu.

[. . .]

Mais tarde, tentou lembrar aquele olhar.

Não conseguiu inteiramente.

E não insistiu.

Alguma coisa dentro dele estava cansada de salvar.

Talvez fosse isso que começava a mudar.

Talvez não fosse Laura que estivesse desaparecendo.

Talvez fosse o homem que precisava impedir que ela desaparecesse.

A ideia não lhe trouxe alívio.

Trouxe uma tristeza funda, sem objeto preciso.

Porque, se aquele homem desaparecesse,

ele já não sabia quem restaria para amar Laura.

[...]

Nos dias seguintes, Laura apareceu pouco.

Quando aparecia, permanecia menos.

Ele não perguntou.

Havia aprendido a não transformar toda distância em abandono.

Ou acreditava ter aprendido.

Às vezes, enquanto conversavam, percebia Laura olhando para algum ponto além dele.

Não perguntava onde.

Talvez não houvesse onde.

[...]

Numa tarde, ela chegou sem avisar.

Sentou-se ao lado dele.

Não disse nada.

Ele também não.

Durante muito tempo, ficaram assim.

A presença de Laura já não lhe produzia a antiga urgência.

Não precisava guardar.

Não precisava compreender.

Ela estava ali.

Isso bastava.

Até que Laura disse:

— Acho que preciso ir.

Ele olhou para ela.

— Agora?

— Não.

A resposta demorou a fazer sentido.

— Quando?

Laura baixou os olhos.

— Não sei.

Ele sentiu o medo procurar alguma coisa conhecida onde se apoiar.

Uma viagem.

Um prazo.

Uma volta.

— Para onde?

— Também não sei.

[. . .]

Poderia perguntar muitas coisas.

Não perguntou.

Laura parecia cansada demais para respostas.

Depois de algum tempo, ela encostou a cabeça em seu ombro.

Ele permaneceu imóvel.

Não porque temesse interromper o gesto.

Porque qualquer movimento lhe pareceu desnecessário.

Sentiu o peso leve da cabeça.

O cabelo tocando seu rosto.

A respiração.

Não contou.

Não nomeou.

Não tentou conservar.

Talvez por isso tenha percebido com tanta clareza quando Laura começou a chorar.

Não havia soluço.

Apenas lágrimas.

Ele não perguntou por quê.

[. . .]

— Eu não sei ficar — ela disse.

Ele esperou.

— E não sei ir.

A antiga antítese.

Mas agora não havia beleza nela.

Nenhuma construção.

Nenhuma inteligência.

Apenas uma mulher cansada entre duas impossibilidades.

Ele quis dizer que ela poderia ficar.

Quis dizer que poderia ir.

As duas frases lhe pareceram violentas.

Então não disse nenhuma.

Laura continuou:

— Às vezes acho que qualquer coisa que eu escolha vai deixar alguém do lado de fora.

Ele compreendeu.

Dessa vez, não pensou em si primeiro.

[. . .]

Quando Laura levantou a cabeça, enxugou o rosto com as mãos.

Parecia constrangida.

— Desculpe.

— Por quê?

Ela não respondeu.

Ele quase disse que estava tudo bem.

Não estava.

Havia coisas que não precisavam ser transformadas em consolo.

Ficaram mais alguns minutos juntos.

Depois Laura levantou-se.

— Preciso ir agora.

Dessa vez, significava agora.

Ele também se levantou.

— Amanhã?

A palavra escapou.

Laura olhou para ele.

Durante um instante, ele desejou retirá-la.

Ela sorriu muito pouco.

— Se eu puder.

Não era promessa.

Ele sabia.

— Está bem.

[. . .]

Laura foi embora.

Ele não acompanhou até a esquina.

Não precisava ver o instante em que desapareceria.

Sentou-se novamente.

O lugar onde ela estivera ainda conservava uma pequena depressão.

Passou a mão sobre ela.

Depois percebeu o gesto.

Retirou.

Esperou que desaparecesse sozinha.

Pouco a pouco, o tecido voltou ao lugar.

Ele observou.

Nenhum vestígio.

Foi mais rápido do que imaginara.

[. . .]

Laura não veio no dia seguinte.

Nem no outro.

Dessa vez, ele não contou.

Foi apenas percebendo que as manhãs começavam a se acumular.

Em algum momento, deixou de esperar no lugar habitual.

Depois deixou de passar por ele.

Não houve decisão.

Aconteceu.

[. . .]

Certa manhã, acordou e permaneceu algum tempo olhando a claridade entrar no quarto.

Pensou que havia alguma coisa que precisava lembrar.

Não sabia o quê.

Levantou-se.

Abriu a janela.

A rua começava.

As pessoas passavam.

Tudo parecia exatamente onde deveria estar.

Então ouviu o nome.

Laura.

Não pronunciado por alguém.

Dentro dele.

E sentiu uma coisa que nunca havia sentido ao pensar nela.

Silêncio.

Não medo.

Não desejo.

Não esperança.

Silêncio.

Foi então que compreendeu que a ausência não começava quando alguém partia.

Começava quando o mundo aprendia a continuar.

PARTE III

LUTO E MELANCOLIA

SONETO XVIII

Laura não veio.

Durante algum tempo
isso ainda foi
uma espera.

Depois
foi uma manhã.

Outra.

A cadeira vazia
deixou de dizer
que você faltava.

Era apenas
uma cadeira.

Talvez seja assim
que começa.

Não quando você parte.

Quando as coisas
param de perguntar
por você.

Ainda lembro
seu rosto.

Às vezes.

A voz
menos.

Há palavras
que eram suas

e agora
não sei.

[. . .]

Quis sentir sua falta.

Não consegui.

Depois senti.

Sem você.

[. . .]

Hoje a luz entrou
pela janela.

Por um instante
pensei—

Não.

Era luz.

Apenas.

E doeu

porque não havia
nada nela

para perder.

SONETO XIX

Já não espero
no lugar de sempre.

Às vezes passo perto.

Não olho.

[. . .]

Seu nome ainda sabe
chegar antes de você.

Mas demora.

Há dias
em que quase anoitece
sem Laura.

E quando percebo,

não sei se perdi
alguma coisa

ou se alguma coisa
finalmente
me deixou.

[. . .]

Tentei lembrar
a primeira manhã.

A igreja veio.

Depois a luz.

Você, não.

Esperei.

Seu rosto apareceu
onde talvez nunca
tenha estado.

Não corrigi.

[. . .]

Há uma crueldade
em continuar lembrando.

E outra

em conseguir esquecer.

Entre as duas,

fico.

Não sei por quanto tempo.

[. . .]

Ontem pensei ouvir
sua voz.

Não me virei.

Hoje me virei
sem ouvir nada.

Você não estava
em nenhuma das vezes.

Mas numa delas

senti sua falta.

Na outra,

senti falta
de sentir.

SONETO XX

Não sei quando
você deixou de voltar.

Talvez tenha voltado
muitas vezes

e eu não tenha visto.

[. . .]

Durante tanto tempo
tive medo
de perder seu rosto.

Agora lembro.

Mas já não sei
se é você.

A luz ainda cai
sobre ele.

Essa luz
talvez seja minha.

[. . .]

Houve uma porta.

Uma mão.

Uma rua.

Uma palavra
que repeti
até esquecer
como você a disse.

Houve você.

Disso
ainda tenho certeza.

Ou quase.

[. . .]

Hoje alguém passou
por mim.

Por um instante
pensei—

Laura.

A mulher continuou.

Eu também.

Não houve engano.

Não houve procura.

Apenas um nome
atravessando
uma desconhecida.

[. . .]

Talvez você tenha voltado.

Talvez esteja
em algum lugar
onde meus olhos
já não procuram.

Talvez eu tenha aprendido
a não a inventar.

E perdido, com isso,
a única Laura

que sabia reconhecer.

[. . .]

Não sei
se isto é luto.

Não sei
se é esquecimento.

Se é amor
depois do amor.

Se é loucura
depois da loucura.

Já não preciso escolher.

A neblina voltou.

Mas agora
não há nada
atrás dela
que eu precise ver.

Ainda assim,

às vezes,

quando a manhã começa,

alguma coisa em mim
se volta

para onde você
não está.

Epílogo

Laura não voltou.

Durante algum tempo, isso ainda pareceu uma frase incompleta.

Depois, não.

As manhãs continuaram. A luz encontrou outras janelas, outros rostos, outros lugares onde permanecer por alguns instantes antes de seguir.

Ele também continuou.

Não soube dizer quando deixou de procurar Laura nas coisas. Talvez nunca tivesse deixado inteiramente. Às vezes, um gesto desconhecido, uma palavra ouvida de longe, certa maneira da claridade tocar uma parede devolvia alguma coisa.

Não Laura.

Alguma coisa.

E isso já não exigia resposta.

[. . .]

Muito tempo depois, passou diante da igreja.

Reconheceu a porta.

Parou.

Durante um instante, tentou lembrar a primeira manhã.

A luz veio.

O rosto, não.

Sorriu.

Então entrou.

Não havia ninguém.

Ou havia.

Já não importava saber.

Nota do Autor

Este livro nasceu de uma pergunta antiga: o que acontece quando o amor deixa de reconhecer os limites entre aquilo que vê e aquilo que inventa?

Petrarca e Laura estão na origem dessa pergunta, mas não como personagens a serem reconstruídos historicamente. A Laura destas páginas pertence menos à biografia do que ao intervalo entre uma mulher e a imagem que alguém faz dela.

Por isso, o livro começa sob a disciplina do soneto e, pouco a pouco, permite que essa disciplina se desfaça. À medida que o amor se aproxima da loucura e a presença se transforma em ausência, os versos perdem simetria, as frases se interrompem e o espaço vazio passa a dizer aquilo que a palavra já não consegue sustentar.

O sinal ***[. . .]*** *nasceu desse movimento.*

Não significa apenas silêncio. É intervalo: entre ver e lembrar, entre lembrar e inventar, entre permanecer e partir. Algumas vezes separa duas ideias. Em outras, separa duas versões da mesma lembrança.

Laura talvez tenha existido.

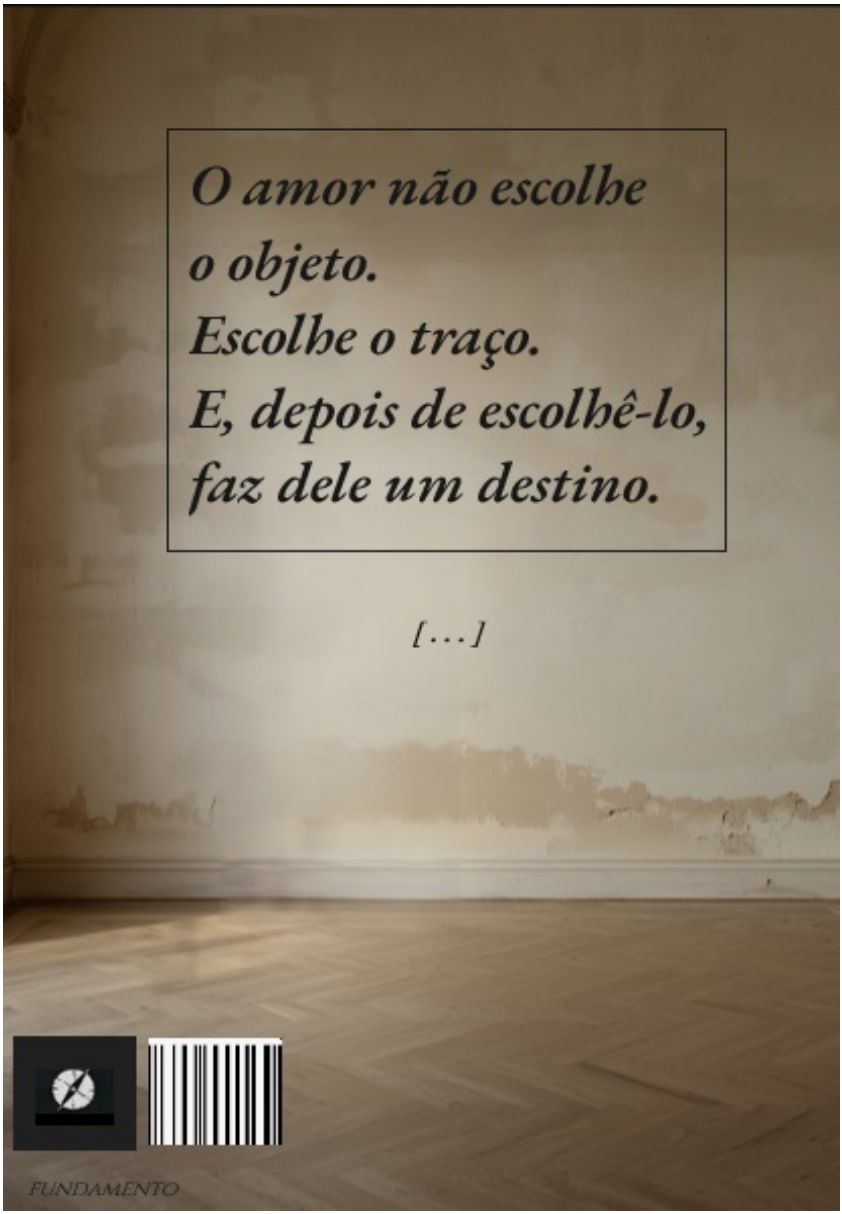
Petrarca certamente acreditou que sim.

Entre essas duas afirmações existe um espaço que nenhum documento pode preencher inteiramente.

Foi nesse espaço que escrevi este livro.

Paulito Dagen Roer

fim


O amor não escolhe
o objeto.
Escolhe o traço.
E, depois de escolhê-lo,
faz dele um destino.
[...]
FUNDAMENTO